

COMPRAR Rev. 1325  
ABR. 1906 1325

# Serões

n.º 13

Julho de 1906



Ferreira &  
Oliveira L<sup>da</sup>  
Editores.  
Lisboa.

Ferreira & Oliveira, Lt.<sup>da</sup> — Livreiros Editores  
LISBOA — Rua Aurea, 132, 138

---

D. João de Castro

# JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras  
de dois excursionistas meridionaes

---

## INDICE:

Povoa de Varzim, Villa do Conde, Azurara — Braga — Jornada de Braga aos Arcos — Arcos de Val-de-Vez, Ponte da Barca — Uma jornada romantica — Aventuras na Barca — Ponte de Lima — Vianna do Castello — Valença, Caminha — Barcellos — *Conclusão*.

---

**1 vol. in-8.º Br. 600 — Cart. 700 réis**

---

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

---

## Jornadas no Minho

Um bello dia dois amigos, antigos companheiros na escola e na esturdiã, resolveram abandonar a civilisação da cidade e ir, por esse Minho fora, á cata de impressões, ar puro e natureza virgem. Percorreram todo o «jardim de Portugal», desde Braga a Barcellos, passando por Arcos, Ponte da Barca, Vianna, Valença e Caminha, e como sejam dois espiritos cultos e esthetas, vão annotando na sua derrota os encantos da paisagem, aqui e além manchadas pelo Progresso ou pela phantasia profanadora de brazileiros de torna-viagem; os costumes dos povos, typicos e ingenuos, quasi infantis; os padrões de um passado heraldico e glorioso; os ridiculos da politica de campanario; tudo emfim, quanto constitue o relevo physico e a vida da pittoresca região minhota.

O relato d'essa encantadora excursão acaba de fazel-o D. João de Castro n'um volume intitulado *Jornadas no Minho*.

1.3 a 18  
comp.

V. III

2<sup>a</sup> série

SERÕES

1806



13 a 18  
comp.

# SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME III



LISBOA  
FERREIRA & OLIVEIRA, L.<sup>da</sup> — EDITORES  
132 — RUA DO OURO — 138

1906

# Summario

MAGAZINE

PAG

CONTO DE INVERNO—QUANDO OS NARCISOS DESABROCHAM Quadro de ELISABET FORBES.....	FRANCISPIPIO
A SERRA DA ESTRELLA E O FUTURO DE PORTUGAL (11 illustrações) por JOSÉ LOPES FERREIRA.....	3
AZULEJOS DE FIGURA AVULSA (8 illustrações) por MANUEL MONTEIRO.....	14
AS ALMAS PENADAS (6 illustrações) por HENRY A. HERING.....	21
PARAPHRASE Poesia, por OSCAR BRISOLLA.....	28
A TORRE DO TOMBO—CONCLUSÃO (9 illustrações) por D. JOSÉ PESSENA.....	29
LUA D'INVERNO (POESIA) (1 illustrações) por FRANCISCO DA SILVA PASSOS.....	39
O MUNDO INVISIVEL (10 illustrações).....	41
BENITA, Romance Africano (2 illustrações) por H. RIDER HAGGARD.....	52
A MUSICA INSPIRADORA DA PINTURA (11 illustrações).....	62
ESTRADA DA RAZÃO Poesia por ALCANTARI CARREIRA.....	72
OS PADRESINHOS (1 illustração) por WENCESLAU DE MORAES.....	73
OS SERÕES DOS BÉBÉS—A GRUTA DE FLORA (3 illustrações e 1 vinheta).....	77
XADREZ, (5 diagrammas) por BALDAQUE DA SILVA.....	81
ACTUALIDADES (13 illustrações).....	82
SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES .....	13, 51, 76 e 88
<u>OS SERÕES DAS SENHORAS (45 illustrações)</u>	
CHRONICA GERAL DE MODAS .....	pag. 1
OS NOSSOS FIGURINOS .....	» 3
MODELOS DE CHAPEUS.....	» 5
A NOSSA FOLHA DE MOLDES .....	» 7
LAVORES FEMININOS.....	pag. 9
LINDAS PENNAS E LINDAS DAMAS.....	» 12
CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 17
NOTAS DA DONA DE CASA .....	» 19

Uma folha solta de moldes

## A MUSICA DOS SERÕES

### CANÇÃO

Musica de JOAQUIM FERREIRA DA SILVA sobre versos de ALMEIDA GARRETT ..... 3 paginas

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

### Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno..... 2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 1\$200	Moeda fraca..... 12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

## Correspondencia dos «SERÕES»

PARA de alguma forma solemnizarmos o acabamento prospero do primeiro anno dos *Serões (nova serie)*, abriram os editores um interessante concurso, ao qual quiz amavelmente associar-se a considerada folha Lisbonense *O Seculo*, dando para elle tres valiosos premios, um de 10:000 réis e dois de 5:000 réis. Os nossos premios foram 50 assignaturas de semestre nos *Serões*. No momento em que escrevemos, ainda não resolveu o curioso concurso, que consistia em encontrar no nosso ultimo numero uma certa phrase contada por um gigantesco gallo. Mas, em vista do avultado numero de concorrentes, já se pode prever um extraordinario resultado e avaliar a curiosidade despertada, assim como as sympathias geraes e a larga circulação com que se honra a nossa revista.

Aos nossos illustres collegas do *Seculo* reiteramos aqui a expressão dos nossos cordiaes agradecimentos, pelo importante auxilio que nos prestaram.

### A PROPOSITO DO NOSSO SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO

O nosso illustre collega *Boletim Photographico* faz algumas observações sobre as clausulas do nosso ultimo concurso, e com toda a sinceridade reconhecemos a justeza d'esses reparos. Com effeito, não foram bem previstas todas as hypothèses, algumas das quaes aventa o nosso collega, sobre as pessoas que n'aquelle concurso teriam direito aos premios. Feliz-

mente, d'essa falta não resultaram, que saibamos, inconvenientes graves. Mas, como o nosso excellente collega pode verificar, já no concurso actualmente aberto corrigimos o erro, se o ha, e cremos poder de antemão assegurar que elle ficará satisfeito. Para evitar varios melindres e inconvenientes obvios, limitámos este concurso a photographos amadores, persuadidos como estamos de que a profissionaes e amadores não é facil concorrerem no mesmo certamen. Se continuarmos na mesma carreira de exito, que estes concursos teem alcançado, possivel é que de futuro resolvamos abrir um concurso exclusivamente destinado a profissionaes.

Não acha preferivel este alvitre o nosso autorisado collega?

### SOBRE PACIFISMO

Graças a Deus que atinámos com o assumpto que um nosso amavel correspondente occultava sob uma intrincada calligraphia. Era *Pacifismo*. Sim, senhor; tomamos nota, e procuraremos satisfazel-o.

Quanto ás suas outras suggestões, são igualmente apreciaveis. A unica difficuldade é a expressa pelo proloquio popular, de *metter o Rocio na Bitesga*. O espaço não é illimitado, infelizmente, e andam por aqui um grande numero de collaboradores a pedirem entrada. Em todo o caso, já em parte temos satisfeito as reclamações do nosso amavel correspondente. E continuaremos, quando nos seja possivel.



# Terceiro Concurso Photographico

## ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

### Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumida n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

### CONDIÇÕES

1.<sup>a</sup> — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja  $9 \times 12$  centimetros.

2.<sup>a</sup> — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.<sup>a</sup> — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.<sup>a</sup> — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe torem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.<sup>a</sup> — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.<sup>a</sup> — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.<sup>a</sup> — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réjs**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

### TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço da photographia : .....

**Declaração.** — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

**Endereço:** Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lda., Rua Aurea, 132 a 138  
— No verso do envelope a indicação: Terceiro concurso photographico.



# VINHOGELHO DO PORTO



MOUSINHO  
D'ALBUQUERQUE

O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO de NORONHA. E' sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana, que lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórmula de lembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jama is olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

*Aloysio A. de Seabra*

# Escola Pratica de Commercio

DIRECTOR

*Leopoldo Carlos d'Alcantara Carreira*

26, PRAÇA DA TRINDADE, 27

**PORTO**

**CURSO DIURNO**

Das 8 ás 12 da manhã



**CURSO NOCTURNO**

Das 6 ás 10 da noite

**ENSINO ABSOLUTAMENTE PRATICO**

DE

**PORTUGUEZ - FRANCEZ - INGLEZ - ALLEMÃO**

**CONTABILIDADE**

**ESCRITURAÇÃO COMMERCIAL**

**CALLIGRAPHIA - HISTORIA E GEOGRAPHIA**

**COMMERCIAL - ECONOMIA**

**POLITICA E DIREITO COMMERCIAL**

Cursos de explicação para o Instituto,

Escola Normal e Lyceu

Esta Escola tem annexo uma secção

de **Internato** que satisfaz por completo

a todas as exigencias

**Pedir esclarecimentos á Secretaria da Escola**

Obtem-se MAIS GRACA,  
MAIS BELLEZA,  
bebendo somente  
**"SALUTARIS"**  
*Depositarior:*  
**ZENHA, RAMOS & CIA**  
+  
RIO  
DE  
JANEIRO.

*Salvador*

# GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,  
hydraulicos  
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

**Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brasil**

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

## UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DAS SEGUINTE FIRMAS:

**General Electric Co.** Apparelhos electricos para força e luz.

**Pelton Water Wheel Co.** Rodas de aguas turbinas, etc.

**Mercedes Daimler.** Automoveis.

**Babcock & Wilcox Co.** Caldeiras a vapor.

**J. G. Brill Co.** Trucks para carros e vagon.

**The Chloride Electrical Storage Company Ltd.** Accumuladores electricos.

**A. L. Ide & Sons.** Machinas a vapor "Ideal"

**Chicago Pneumatic Tool Company.** Machinas e ferramentas de ar comprimido.

**Cleveland Twist Drill Co.** Brocas americanas.

**L. S. Starrett Co.** Ferramentas finas.

**John A. Roebling's Sons Co.** Cabos e fios para transmissao de energia electrica.

**Billiken Brothers.** Construções de ferro, aço, pontes, etc.

**J. A. Fay & Egan Co.** Machinas para trabalhar em madeira.

**Lozier Motor Co.** Motores e lanchas a gasolina.

**American Locomotive Co.** Locomotivas.

**Cincinnati Tool Co.** Ferramentas.

**Goodell-Pratt Co.** Ferramentas finas.

**Globe-Wernicke Co.** Mobilia de escriptorio.

**Worthington Pumping Engine Co.** Bomba a vapor.

**Mietz & Weiss.** Motores a gaz e kerozene.

**Otis Elevator Co.** Elevadores electricos.

**The Gutta Percha and Rubber Mfg Co.** Artefactos de borracha.

**Sherwin-Williams Co.** Tintas preparadas e vernizes.

**Swan & Finch Co.** Lubrificantes.

**International Paper Co.** Papel para impressão.

**Hall Signal Co.** Signaes para estrada de ferro.

**Standard Varnish Works.** VERNIZES.

**Hammond Typewriter Co.** Machinas de escrever.

**Victor Talking Machine Co.** Gramophones e accessorios.

**Eastman Kodak Company.** Apparelhos photographicos.

# CAXAMBU

## AGUA DE MESA



FABRICANTES  
ACREDITADA  
ÁGUA INGLEZA DE GRANADO



**GRANADO**  
& C.<sup>A</sup>

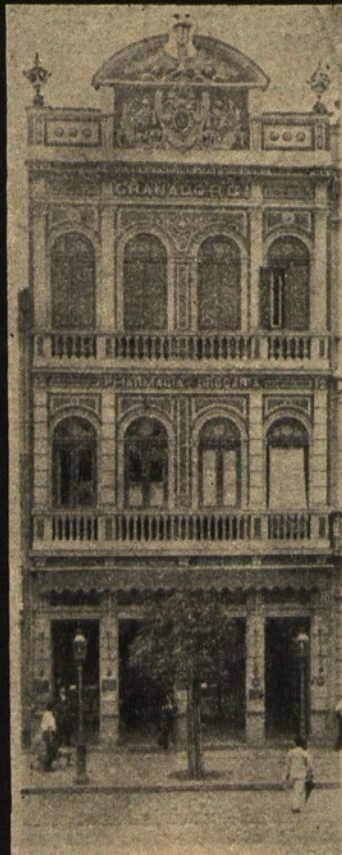
Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

**RUA 1.º DE MARÇO, 12**

Caixa do correio, 12  
End. Teleg. «GRANADO»



Grande  
Laboratorio  
Chimico  
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

**RIO DE JANEIRO**



**DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**

Sociedade de Seguros

Mutuos sobre a vida

terrestres-maritimos

**SÉDE SOCIAL**

**AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)**

**FILIAL EM PORTUGAL**

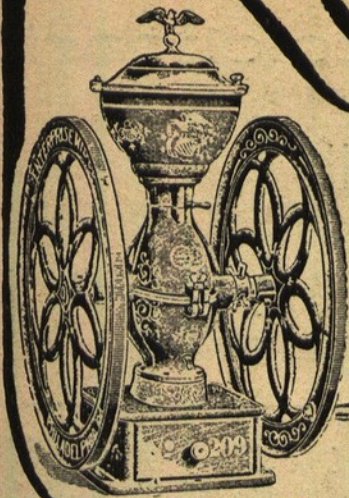
**LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º**

**LISBOA**

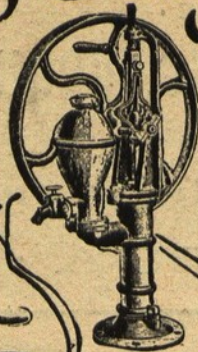
Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

# Ottoni. Silva & Cia

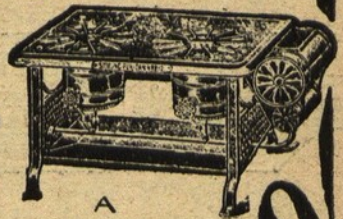
RUA PRIMEIRO DE MARÇO  
13 e 15  
TELEPHONE 912.  
RIO DE JANEIRO



MOINHO  
PARA CAFÉ



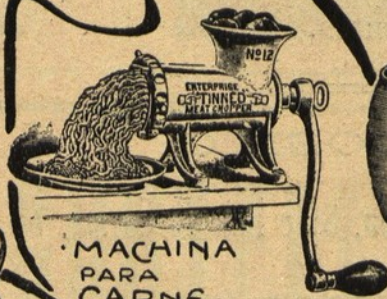
BOMBAS



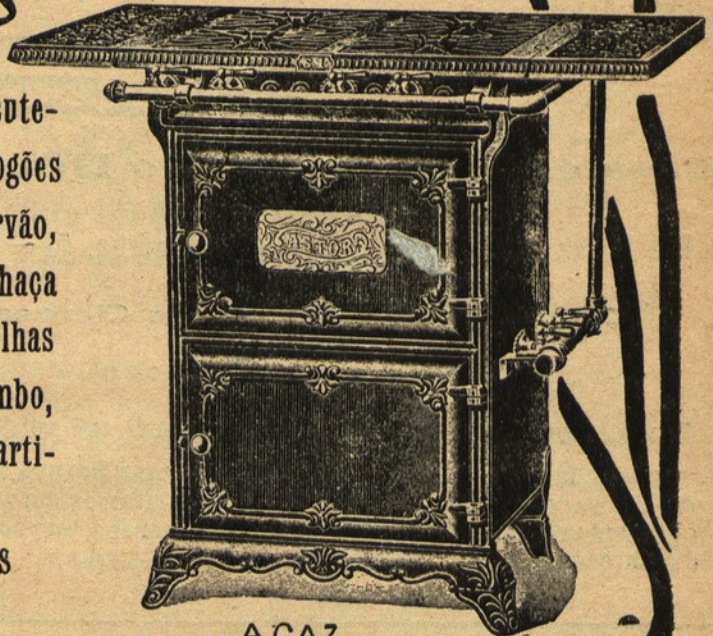
A  
PETROLEO.



A LENHA



MACHINA  
PARA  
CARNE.



AGAZ

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COSINHAS



# GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

**54, Praça dos Restauradores, 56**

**LISBOA**



**S**EM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83

**LISBOA**

**B. gr.**  
OFFICINA  
**PHOTOMECANICA**  
S.º AMARO LISBOA  
ESCRITORIO  
C.ª DO FERREGIAL 6-1.º  
Photolithographia  
e Photogravura.  
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

## A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

**A. TELLES & C.º**

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

**BRAZIL**

Torrado ou moído kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente  
Recomendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes, especialidade d'esta casa



Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

PHONOGRAPHS  
E  
CILINDROS  
IMPORTAÇÃO  
DAS PRINCIPAES  
CASAS DE  
NEW-YORK  
BERLIM  
E  
PARIS



REPRESENTANTE DO CENTRO  
PHONOGRAPHICO  
PORTUGUEZ

RUA DOS OURIVES Nº 109  
RIO DE JANEIRO  
AGENCIAS NO PARA e RIO GRANDE DO SUL



Trate o seu Cabello com  
**JAVOL**  
O que ha de melhor  
para o Cabello.



# AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.<sup>a</sup>

LISBOA



Pooch

CASA  
CLAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho & C.

M. P. S.

# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELL**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados .....	18\$000	» .....	3\$000
Centro Commercial .....	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrasado 3\$000

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual .....	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

**Á Administração da Revista RENASCENÇA**

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*

## SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

**Perfil de Lize**—*Poemeto*—por Bolivar Bastos—2.<sup>a</sup> edição da casa Borboleta—Rio de Janeiro 1906.

INDICE :—O nome—Os Cabellos—O rosto—A bocca—Os olhos—As mãos—A voz—Os seios—vestido—Os pés.

**Dolencias**—*Poemeto*—por Bolivar Bastos—edição da casa Borboleta—Rio de Janeiro, 1906.

**Portugal Agricola**—Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias—n.º 11—1 de junho de 1906—Summario—Um documento pombalino inedito—Memoria economica e politica sobre a agricultura, por João da Costa Cordeiro.—Adubação economia da vinha por R. Larcher Marçal.—Alterações e defeitos dos azeites por Diogo Falque Possolo.—Enducto para feridas das arvores.—*Revista Agricola*—Mudança ministerial—A exportação de cortiça e os disturbios do Barreiro—A questão das carnes na Real Associação de Agricultura—A crise vinicola—D. Luiz de Castro.—*Revista das Revistas* por J. V. Gonçalves de Sousa.—Monographia agricola a premio.—Pureza do sulfato de cobre.—*Secção do ultramar*—Tamareira por Adolpho Frederico Moller.—*Livros, conferencias e communicções*—Breve estudo sobre a serra léste do Algarve,—por Philippe Felix da Silva—G. de S.—A debulha dos cereaes no Norte do Alemtejo, por Caldeira de Castel-Branco—L. B.—*Indicações rudimentares*—Prados—III. Prados artificiaes cultivados intensivamente—Prados temporarios—Irrigações dos prados por João J. Seabra.—*Secção Official*—Varios decretos, portarias, avisos, etc.

**Seguros e Finanças**—*Revista Economica e Industrial*—1.º Anno—n.º 5—maio de 1906.—Numero dedicado á **Nacional** companhia portugueza de seguros sobre a vida humana, constituída em 17 de abril de 1906.—Summario—«A Nacional»—O emblema—Direcção technica—Seguros, «Vida Inteira»—Exame medico—Contractos e tarifas—Informações ácerca das condições das apolices—Estatutos—Mão cheia de verdades—Bibliographia.

**Revista Pedagogica**—Anno I—n.º 4—Orgão do professorado official açoriano.

**Ilustração Theatral**—n.º 6—1-6-906—Summario—Amelia Lopicolo—Partiu—De Raspão—Zigs-Zags—Sympathia—Verdades—Ciume—Descantes—Chronica lyrica.

**Revista Portuguesa Colonial e Maritima**—n.º 104—Anno IX—20 de maio de 1906—18.º volume—Summario—Edwin Ferin—Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer, continuação, por Carlos Roma Machado.—Dados geneologicos e biographicos de algumas familias fayalenses, continuação, por Antonio Ferreira de Serpa.—Floresta do Mayombe, continua, por A. A.—Notas navaes—por E. de T.—*Revista ultramarina*—por Augusto Ribeiro—Livros e publicações periodicas recebidas—Informações commerciaes—Generos vindos d'Africa para o mercado de Lisboa.

**Echo Photographic**—*Jornal de Propaganda Photographica*—n.º 1—Anno I—junho, 1906—Varios artigos sobre a photographia e uma pagina de papel d'arte com um trecho d'uma quinta na Ilha da Madeira a cor.

**Boletim Photographic**—*Revista mensal illustrada de photographia*—Setimo anno—n.º 74—Fevereiro de 1906—Summario—Ampliações n'um

espaço limitado—O retoque das provas e as illusões visuaes—A photographia das côres—Producto e material novo—Formulario, etc.

**Renascença**—*Revista mensal illustrada*—Anno III—n.º 27—maio de 1906—Rio de Janeiro—Summario—Padre Mestre J. J. Correia d'Almeida—por J. C. Soares Ferreira—A viticultura no Brasil—por Wilcox—Acaso?—pelo dr. Pires d'Almeida—O Rapa—por Verediano de Carvalho—Velho thema—por Antonio Austregisilo—As sete dôres de Nossa Senhora—por Coelho Netto—Curiosa Investigação—por Max Fleiuss—Aristo—por Rodrigo Octavio—A Viagem do sr. dr. Affonso Penna—O Brasil Social—por Sylvio Romero—Dr. Manoel Barata—por Vieira Fasenda—Il neige—*soneto*—Dalso—Chronica Musical—por Iwan d'Hunac—Obras do Porto do Rio de Janeiro—por Arthur de Lima Campos.

**Commentario**—Segundo numero—4.<sup>a</sup> serie—Rio de Janeiro—Summario—Banco União do Commercio—Auler & C.<sup>a</sup>—Lugolina—Companhia Mercurio—Pharmacia Central—Calçados Sul Americanos—Filtro Mallié—Marc Ferrez—Loteria Esperança—Therezapolis—Dr. Affonso Penna—Rio de Janeiro em 1792—Instituto Historico—Guarda Nacional—A questão das linotypes—Abastecimento de carne—As Gréves—Guardas nocturnos—A Light—Therezapolis—Demographia Fluminense—A compulsoria—A proposito de sellos—O duello—Policlínica de Botafogo—Jornalistas sem ideal—Alfanega—Registo Litterario—Pequena necrologia—Varias observações, etc.

**Instituto**—*Revista Scientifica e Litteraria*—Vol. 53.º—n.º 5—maio 1906—Summario—Allocução proferida junto ao feretro do dr. Antonio Henrique da Silva—por Bernardino Machado—A Historia de Beneficencia Publicaem Portugal—por Victor Ribeiro—A Alliança Inglesa—por Affonso Ferreira—Movimento operario em Portugal—por Campos Lima—O Problema da codificação do direito civil—por Luiz Gonçalves—Les Mathématiques en Portugal—por Rodolpho Guimarães—Phytametrica—por Eusebio Tamagnini—Novas pilhas de bolas esphéricas e respectivas formulas—por Frederico Mariares—O Radio e a Radioactividade—por João de Magalhães—Noticias de alguns arabistas e intrepets de linguas africanas e orientaes, por Sousa Viterbo.

**Revista de Manica e Sofala**—*Publicação mensal illustrada*—3.<sup>a</sup> serie—n.º 28—junho de 1906—Summario—O Territorio de Manica e Sofala em 1905, continuação, Eduardo Augusto Ferreira da Costa—Carta da Beira—O algodão em Moçambique—Companhia de exploração da fabrica d'assucar de Marromeu—Um pouco de estatistica—Relatorio de uma viagem—por Abeillard Gomes da Silva, continuação, De toda a parte—Chronica notas e informações—Carteira da Revista—As nossas gravuras—Livros e Jornaes—Marquez de Fontes Pereira de Mello

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa**—vol. VIII—n.º 3—março de 1906—Summario—Os armazens geraes de alcool e aguardente e o Novo Syndicato Comprador—La Production des Œufs en Hiver—por A. Lefort—Crise vinicola—por João Marques de Carvalho—Movimento Agricola—por J. V. Gonçalves de Sousa—Tratado de Commercio—Trabalhos da Associação—correspondencia—A questão Vinicola—proposta dos srs. Ruy de Orey e Joaquim Balford—Informações e noticias—Revistas e Jornaes recebidos.



CONTO DE INVERNO

«QUANDO OS NARCISOS DESABROCHAM»

QUADRO DE ELIZABET FORBES

*Na exposição de 1906, da Royal Academy  
de Londres*



COVÃO DO METADE — CANTARO NEGRO — RUA DOS PESCADORES — (SERRA DA ESTRELLA)

## A Serra da Estrela e o futuro de Portugal

**A**os montes que em Portugal separam aguas para o Tejo e Douro deram os geographos o nome de *Montes Herminios* e, mais modernamente, o de Serra da Estrela.

No pequeno estudo que apresentamos hoje aos leitores dos *Serões* consideramos apenas o nó ou parte central d'estes montes, onde nascem os rios Zêzere, affluente do Tejo, o Mondego e o Alva, seu affluente principal. Os limites do poderoso massiço assim considerado são, partindo da Covilhã,

pelo sul: — Covilhã, Córtes, Unhaes, Alvôco, Loriga, Valezim, Ceia, Gouveia, Manteigas e Valhelhas. Estes limites dão, pois, ao tracto central da Serra uma superficie de cêrca de hectares 30:000, dos quaes  $\frac{2}{3}$  em serra inculca e brava.

A primeira vez que visitei a Serra, em janeiro de 1891, abordei-a pelo lado occidental, — Gouveia. A minha curiosidade, — ao tempo aguçada pelo pouco que, como quasi todos os portuguezes, sabia da Serra, e pelo panorama que se ia desenrolando aos meus olhos no

successivo avançar do comboio da Beira Alta, — soffreu a primeira decepção logo que, no dia seguinte, cheguei ao *Observatorio*, onde me alojei na conhecida casa da Fraga, ainda então propriedade do sr. Cesar Henriques, que supponho ter sido o primeiro tuberculoso do nosso Davos e, também, o primeiro que de lá sahi curado; em todo

despedira o anno de 90, e a que eu assistira na nossa graciosa e alegre serra da Abbadia, — contraforte calcáreo da serra de Aire, pertencente á bacia do Liz, — na commoda altitude de 120 m. O que na Estrella fôra um nevão tragico, que enchera quasi de pavor os seus habitantes acostumados ás intemperies, tinha ali sido um empolgante quadro

da natureza que revestira do mais immaculado branco os telhados fuscos da aldeia e puzera, na nudez hibernal das arvores, o brilho indescritivel dos cristaes da neve, tornando-as em puras maravilhas de còrpelo effeito sobrenatural da refração da luz nas gôtas de agua.

No quarto



PONTE SOBRE A RIBEIRA DE CÓRTEZ

o caso, um dos cavalheiros que, durante o longo tratamento e após a cura, mais nobremente teem trabalhado para tornar conhecida essa grandiosa e lendaria zona da Lusitania. Pois, em verdade, quando esperava encontrar-me em um meio essencialmente frio e sêcco, caracteristico n'aquella altitude (1450 m.) e n'aquelle mez, achei-me, com surpresa, n'um clima extremamente humido e ventoso, tal como ninguem podia esperar n'uma região alpestre.

Havia, é certo, pequenos trechos de neve, que aqui e acolá cobriam depressões de terreno menos batidas pelo vento, restos da nevada com que se

onde dormi, tendo por tecto a *fraga* que deu o nome á casa, pingava sobre as roupas do leito. A principio suppuz que aquellas gôtas provinham da condensação dos vapores de agua existentes na atmosphaera do quarto, produzidos pela minha respiração e arrefecidos pelo negro penedo que me cobria: mas um exame mais reflectido levou-me á conclusão de que o espesso tecto de granito era apenas um filtro gigantesco! Nos tres dias seguintes, apesar do mau tempo, emprehendi curtas excursões, uma especie de reconhecimento, por meio do qual travei relações com as primeiras ramificações do Mondego e do Alva.



No ambito occupado pelo Sanatorio de Manteigas, ao tempo unico na Serra, tinham os Serviços Florestaes executado diversas sementeiras e plantações, sob a superior direcção do sr. Pedro Roberto da Cunha e Silva; e, dentre ellas, chamou-me a attenção uma sementeira de pinheiro maritimo, — mais conhecido pelo nome de *pinheiro bravo*, — notavelmente desenvolvida mesmo para uma estação de menor altitude. E, coisa curiosa, o verde das suas agulhas disputava galhardia ao do seu congenero do norte, que lhe ficava adjacente, em menor altitude, no pequeno valle junto ao Fragão do Côrvo.

Ao passo que o nosso pinheiro crescia indifferente aos ventos violentos e aos intensos frios, o pinheiro alpino sentia-se exilado em região que lhe dévera ser grata e propicia!

No quarto ou quinto dia, finalmente, a povoação recebeu um manto de neve de cêrca de 0<sup>m</sup>,50 de espessura, por sobre o qual era, se não impossivel, muito perigoso caminhar, porque a neve, em vez de gelar, fornecendo piso seguro, conservou-se solta, prompta a engulir o transeunte como se fôra areia morta.

Estando, como estava, apetrechado

para clima diverso, isto é, para a marcha sobre o gelo, resolvi tomar o caminho de ferro na Guarda e, descendo para a villa de Manteigas, entrei na bacia do rio Zêzere, pelo valle da Carvalheira, que achei irregularmente vestido pelo *carvalho pardo* da Beira, o qual, incapaz de supportar climas rudes, e longe de poder agradecer aos



PEDRAS NEGRAS — SANATORIO DA COVILHÃ

homens cuidados culturaes intelligentes, mais e melhor merece a nossa admiração perante os formidaveis exemplares que ainda ha tres annos ali existiam, em altitudes superiores a mil metros. Abandonei então a Serra, trazendo comigo a arreigada suspeita de que os apregoados climas alpestres, de genero alpino, da nossa Estrella, não vinham a ser mais do que uma das muitas lendas que geographos, naturalistas e homens de letras tinham colhido na tradição popular, e a que, por suggestão ou effeito litterario, haviam dado avolumado curso.



LAGOA REDONDA (SERRA DA ESTRELLA)

\*  
\*   \*   \*

Logo n'esse anno voltei á Estrella, em abril e junho e, desde então até 1902, em que ali passei os mezes de febreiro a abril, raro foi aquelle em que faltei. Tendo-me dedicado ao estudo da Serra sob o ponto de vista silvicola, já em 92, em relatorio que apresentei ao respectivo ministro, tentei demonstrar que o clima da Serra, mesmo nas zonas de 1500 a 1600 metros de altitude, se apresentava com as caracteristicas dos climas de planicie e não com as particularidades dos de montanha, resultante da situação em que se encontra, suavizada n'esta parte pela latitude e proximidade do mar, cujos ventos dominantes a tornam humida e quente.

Segundo as notas do Observatorio, a quantidade de agua, chuvas e neves,

que ali cae annualmente, *excede a que cae no massiço dos Alpes!*

Que o clima da Serra é semelhante ao das planicies do centro e do norte de Portugal, verifica-se ainda pelos restos da sua principal vegetação herborea, e pela existencia das quatro estações nitidamente caracterisadas: — inverno e outono, pelas chuvas; primavera, pelas geadas; e o estio (apenas julho e agosto), pela falta de chuvas. Esta falta é porém relativa, visto que, não raro, durante aquelles dois mezes chove ali mais de 50 por cento do que em todo o anno na provincia do Algarve.

Para se avaliar o que seja um clima authentico de montanha, ouçamos o que refere o elegante escriptor e sabio professor sr. Boppe, director da Escola Florestal de Nancy: diz o meu erudito amigo que, na montanha, o inverno dura de 7 a 8, em lugar de 4 a 5 me-

zes, alongando-se á custa da primavera e do outono; que a neve, sempre abundante nas altas regiões, desaparece bruscamente, e passa-se, por assim dizer sem transição, do inverno para o estio; acontecendo o mesmo com o outono, abreviado com a queda prematura das neves.

Assim, nos Alpes, em altitudes de 1800 a 2000 metros, a neve só desaparece nos começos de junho, conservando-se o manto desde meados de setembro.

N'estas regiões, a primavera e o outono existem apenas no calendario, pois que ha de facto duas estações apenas: um inverno de 8 mezes, sob a neve, e um estio de 4 mezes, com quantidades de luz, calôr e humidade constantes de anno para anno. Os restos da vegetação da Serra confirmam a nossa these. Com effeito, o *carvalho pardo* da Beira, que, na Estrella, por 1300 metros de altitude, é ainda um colosso, apenas existe, em França, na região de Bordeus, clima maritimo de planicie, adquirindo ali dimensões de

arvore de 3<sup>a</sup>. grandeza. Um outro carvalho, — o que na Europa fornece as melhores madeiras, — e que só por falta de tratamento scientifico as não dá de igual ou superior qualidade nas Beiras, Minho e Traz-os-Montes, — acompanha o *carvalho pardo* nos contrafortes da Estrella. Refiro me ao carvalho roble ou *alvarinho*, arvore que em França é considerada como especie propria dos campos e valles de pequenas altitudes, e na nossa Serra encontramos por altitudes de 1600 metros, vivendo do favor do clima, e haurindo, rachiticos mas seculares, o magro alimento que o chão rochoso lhes póde dar, muitas vezes em sitios inacessiveis ao homem, que, para d'elles colher elementos de estudo, tem de varejar com chumbo grosso os seus pomos e folhas.

\*  
\*   \*  
\*

É, pois, certo que, sob o ponto de vista do clima, foi a natureza especialmente benigna para com uma monta-



VILLA DE MANTEIGAS



UNHAES DA SERRA — VISTA GERAL

nha de altitude notavel, — o que não quer dizer, — aviso aos excursionistas amadores de alpinismo, — que o clima seja ameno e que a Serra offereça facil travessia em todo o tempo.

Para se avaliar dos perigos desta travessia durante a quadra morta, mostrámos já o da neve em consideravel espessura e não gelada, aonde, como em algumas praias estremenhas que conheço, chegam a poder desaparecer na areia um cavalleiro e a sua montada, se imprudentemente se abalançam a atravessa-la. Sobre este piso ao mesmo tempo gelido, molle e molhado, os pés enervam-se, perdem a resistencia urgente para affrontar tão duras caminhas, e não é raro succumbir a esta marcha extremamente fatigante o viandante menos forte, — ao que os naturaes chamam: *arreganhar*, alludindo com lugubre pittoresco á contracção dos enregelados musculos faciaes dos que assim morrem.

Outros phenomenos ha, devidos ás inclemencias mais ou menos passageiras do clima.

Assim, por exemplo, em maio de 1905, por um domingo do mais magnifico sol, sahimos de Manteigas para o valle das Fguas o meu amigo Julio

Carlos Etur e eu, montados em solidas muares que um amigo commum amavelmente nos cedera na villa.

Por volta das duas da tarde, já no regresso, o horizonte turvou-se instantaneamente, sentiram-se algumas descargas electricas e a sa-raiva principiou a açoitar-nos puxada pelo vento. A marcha torna-se-nos então difficil e a dôr de unhas, de que tantas vezes eu ouvira falar, — *agarra-me*.

Logo que a senti, preveni do perigo o meu companheiro e immediatamente resolvemos abandonar as mulas e correr a bom correr para o Observatorio, onde nos acoitámos, até que, passada a borrasca, pudemos procurar as montadas e regressar a Manteigas.

O vento é por vezes tão violento que a respiração a contra-vento, quer dizer, na mesma direcção mas em sentido opposto ao da corrente de ar, é impossivel. N'estas condições, o que



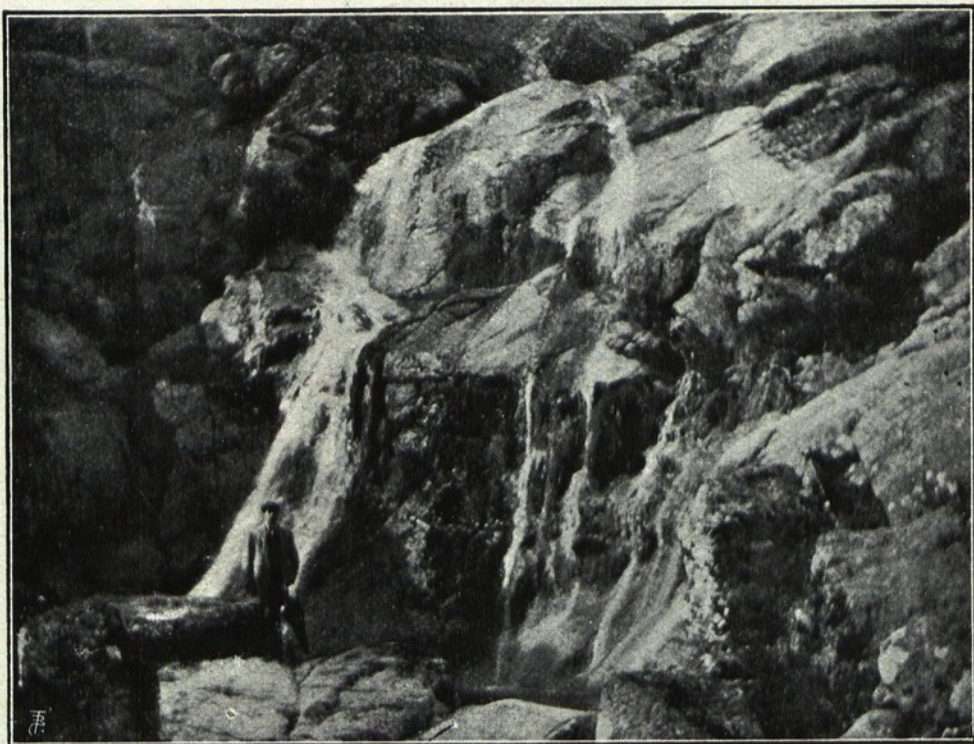
OUTRA VISTA DE UNHAES DA SERRA

lembra logo é voltar as costas ao vento, recuando. Isto, em certas passagens de transito perigoso, é imprudente. Ha um meio unico: rastejar. Por varias vezes tive de recorrer a elle e, notoriamente, em certa excursão trabalhosa, durante a qual fui obrigado a rastejar cêrca de tres kilometros. A neve, como já vimos, apresenta-se geralmente solta, mas, sob a acção das

geadas da primavera, sem tomar precisamente a fórma e a transparencia do gelo, agglomera-se fortemente em toalhas de superficie mais ou menos abaulada, enchendo as depressões do terreno e mantendo-se como uma boia sobre os filetes de agua que

vae engendrando. N'estas condições, a neve parece derreter-se não pela superficie ou parte voltada para o ceu, mas pela que está ou parece estar em contacto com a terra. De ahi, o perigo apontado. Tambem em fins de abril de 97 partimos, o sr. Pedro Roberto e eu, da Covilhã para Manteigas, depois de almoçados na hospitaleira e fidalga casa do benemerito da Covilhã, o 1.º conde d'este titulo, meu saudoso amigo, e montados em cavalgaduras magnificas que elle puzera á nossa disposição. Viveres e bagagens carrega-

vam outra muar conduzida pelo nosso guia, pessoa da confiança do fallecido conde. No caes da Estrella, onde o caminho volta para Manteigas e principia a descer com grande declive, a muar do guia acurvou as mãos em um d'estes tractos de neve, e, não dispondo nós de qualquer alfaia que nos podesse auxiliar na conjuntura, foi insano e demoradissimo o trabalho para liber-

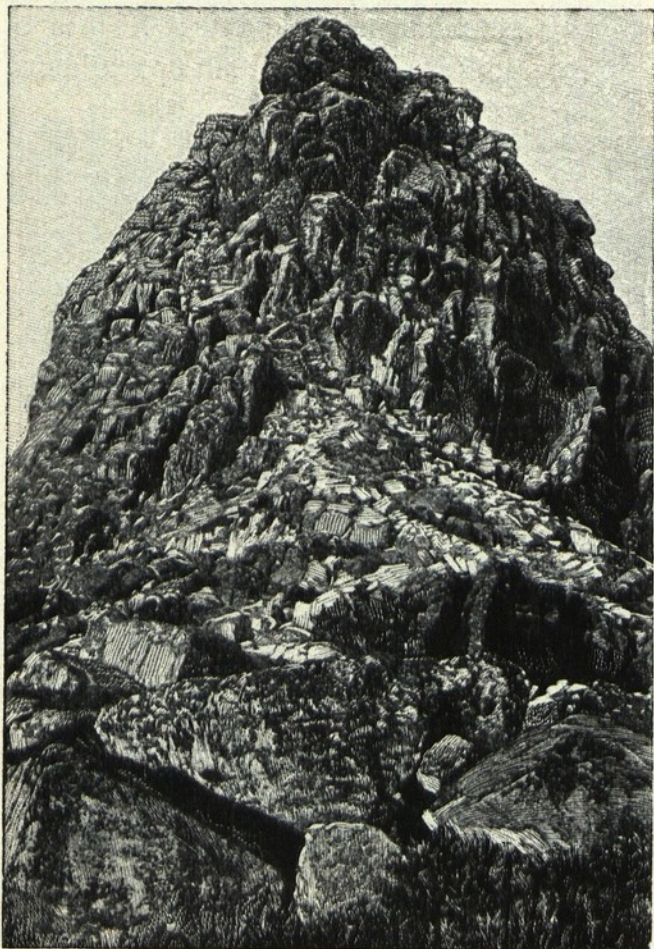


CASCATA NA SERRA DA ESTRELLA

tar o animal, de que nem sequer nos pudiamos approximar. Conseguimo-lo após longas horas, quebrando o gelo com pedregulhos que iam acarretando á cabeça, e sobre elle atiravamos, abrindo assim a requerida passagem. Chegámos a Manteigas ás 10 horas da noite, e o jantar, que saudosamente nos lembrava ha muito, esperava-nos desde as 4 e meia da tarde.

No verão, e na região dos lagos, um perigo semelhante se apresenta ao que no inverno temos de vencer junto ás margens das ribeiras. — O terreno,

umas vezes nú, outras revestido de *capim*, a curva tanto, que póde, como a neve falsa, prender e submergir o caminheiro, se este, não attendendo ao aviso *que o proprio chão vae dando*, — conforme a concepção dos pastores, — imprudentemente caminhar sem ve-



CANTARO MAGRO NA SERRA DA ESTRELLA

rificar a resistencia do sitio em que firma os pés. Mas os lobos, ainda bastante florescentes na Beira, não atacam. Sobeja-lhes a caça para que se aventurem ao luxo de guerrear o homem; e a vibora, que nunca vi nos planaltos, só nos poderá morder se a pisarmos nas encostas quentes e humidas onde habita e, aliás, tambem é rara.

Por fórma que já podêmos vêr que um guia alpino, um d'esses valentes

rapazes que todos os annos pastoreiam atrevidas caravanas de inglezes e americanos sedentos de luz e de ar livre, tirado das suas regiões nacionaes de Chamounix ou da Jungfrau e posto na nossa Estrella com o seu *piolet*, a sua escada de corda, o seu pequeno chapéu de feltro, florido de *alpenrosen*, e a sua bravura, que, todavia, não excede a dos nossos guias e pastores, — ficaria inapto como profissional e teria de lenta e prudentemente iniciar-se n'estes outros mysterios da montanha d'aquelle antigo pastor que da Historia se ergue ainda heroico e paternal, — Viriato.

\*  
\*   \*  
\*

Terminadas estas ligeiras notas pelos dominios do *sport*, voltemos ao problema da Serra sob o ponto de vista scientifico e economico: — Regularisação do regimen das fontes, producção da *hulha branca*, azote e combustivel. Sabido é que, entre as diversas vantagens com que as matas dotam os paizes que as souberam estimar e religiosamente conservar, avultam o augmento das chuvas, a regularisação dos climas, — mais frescos no verão e mais quentes no inverno, — tornar perennes as fontes que, antes, ou não brotavam ou apenas brotavam no inverno, pôr á disposição da industria agricola azote, acido phosphorico e potassa, e fabricar grande copia de combustivel. Pondo de parte estas multiplas vantagens para só considerarmos por agora a da *hulha branca* ou *força hydraulica*, vejamos a sua importancia provavel, acceitando para base do nosso problema os seguintes dados, rigorosamente certos:



A FORÇA HYDRAULICA, TRANSFORMADA EM ENERGIA ELECTRICA, DARIA UM IMPULSO NOVO A TODOS OS RAMOS DA ACTIVIDADE DO PAIZ

1.º— Que a superficie da Serra da Estrella, susceptivel de se transformar em floresta, é de 20:000 hectares ;

2.º— Que a matta constituída faz passar pelas nascentes e fontes da Serra um terço das aguas que ali caem annualmente ;

3.º— Que a quantidade de agua, que por esta fórma acode ás nascentes da Serra, corresponde a 1.500 litros por metro quadrado ;

4.º— E que se estas aguas se poderem aproveitar a altitudes inferiores a 1.000 metros, temos theoricamente uma força hydraulica que excede *4 biliões de cavallos de vapor* (\*).

Transformada em energia electrica, e, quer transportada por cabos elec-

tricos, quer mobilisada por accumuladores, seria immensamente pratica e extremamente economica na producção, representando uma vantagem de ordem tal que paiz algum europeu a saberia desaproveitar como suprema fonte de riqueza. O aproveitamento d'esta excepcional fonte natural e de outras similares, embora inferiores, de que o paiz poderia dispôr, compensaria exuberantemente a falta da hulha e a extrema pobreza do territorio nacional em outros carvões fosseis, geralmente de qualidade pouco recommendavel para o uso industrial. Do sabio aproveitamento, pois, d'essas espantosas forças que hoje ainda desperdiçamos tão barbaramente, adviria para o paiz um impulso novo em todos os ramos da sua actividade, desde o adeantamento dos meios de viação fluvial e terrestre, até á sua facil applicação na

(\*) Reduzida na pratica, esta fôrça attinge ainda o formidavel numero de *1 bilião* de cavallos. Como elemento de comparação, basta lembrar que a companhia dos electricos lisbonenses dispõe de uma fôrça de 2:000.



UM ACAMPAMENTO — COVÃO DO BOI — ALTO DO CANTARO—COVÃO DO SABATH—CANTARO RASO (SERRA DA ESTRELLA)



illuminação das cidades, no trabalho das fabricas, etc.

\*

Em outro artigo estudaremos a producção do futuro massiço florestal da Serra da Estrella em madeiras, lenhas e mattos, apresentando então o interessantissimo problema da distribuição das lenhas e mattos, muito distinctos pela grande differença de valor: o que se póde e deve queimar ou utilizar como

combustivel, e o que não deve ter este destino sem que mui graves prejuizos advenham, isto é o, que apenas se deve converter em pão e em carne.

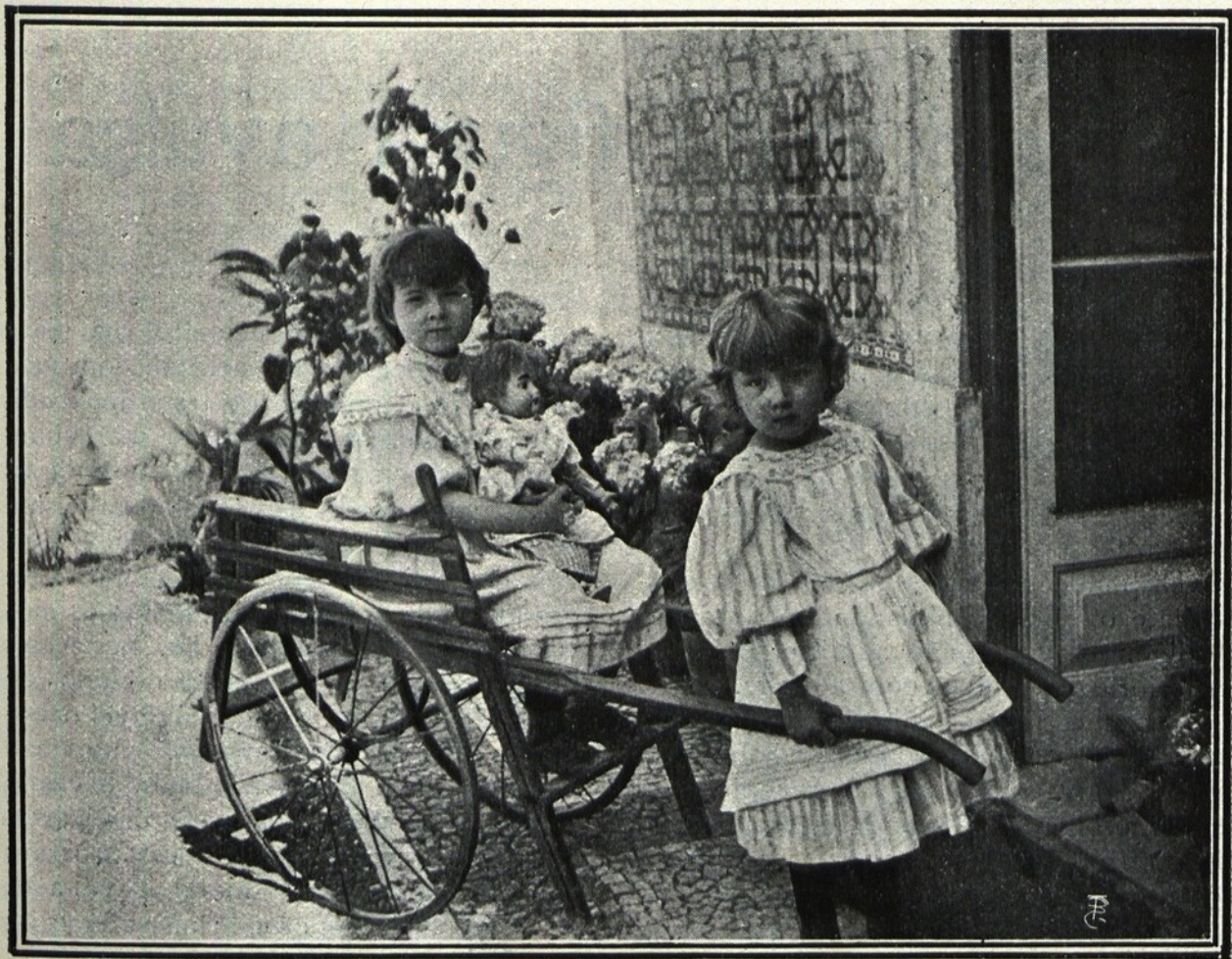
Da falta de combustivel por um lado e, por outro, da utilização impensada de materias primas de elevado valor para acudir áquella falta, — resulta para o nosso paiz perda *muito superior* á da resultante dos encargos das dividas fluctuante e consolidada!

JOSÉ LOPES VIEIRA

*Engenheiro silvicultor pela Escola de Nancy*

*Segundo Concurso Photographico dos «Serões»*

Menção Honrosa



FELIZES ÉDADES

*Photographia de Nemo*



## Azulejos de figura avulsa



**RESUMIVEL.** é que o ceramista portuguez, suggestionado pela faiança esplendorosa de Delft, iniciasse no seculo XVII a composição figurada

no azulejo avulso.

Dispondo um assumpto em cada quadrilatero, como o hollandez, o producto indigena todavia não admitte, pela sua inferioridade, cotejo com aquelle.

O azulejador extranho avantajava-se e sobrelevava ao nosso pela sua habilidade excepcional, pelo ensino recebido do Oriente e ainda pelo poderoso manancial inspirativo que lhe forneciam as produções d'alguns dos mais notaveis pintores do seu paiz como o lyrico Van Goyen, Van der Neer, Wouwerman, Berghem, Van de Velde e Paul Potter, o doce Potter!...

Possuindo estes elementos preciosos,

exhibiu, proficiente e culto, na placa de revestimento architectural, com uma delicadeza e minucia de traço inexcelsíveis, os diversos motivos que maravilhosamente resumem a Hollanda e onde se reflecte mesmo o espirital pantheismo da sua grande arte, como: os inexhaustíveis e deliciosos aspectos d'esse mar audaz que ella reprime e domina; os movimentados arremedos das kermesses transbordando de confusão e ruído, de alegria e volupia; a inconfundivel paizagem, cheia de bucolismo e doçura, onde ha a poesia nublosa dos céus, o calmo sonho do arvoredo, os perfis das habitações pittorescas, esguios campanarios, castellos ameitados e moinhos voltados ao vento de vélas cruciformes a bracejar na clareira, ou por onde se estiram as estradas alvadias com figuras que passam, um moleiro que chega, um boi que atravessa, um cão que desfila, ou então

por onde se espalham as correntes ligeiras e os canaes silenciosos dizendo a vida d'á beira d'agua, com os homens que pescam á linha, com os catraeiros que la-



butam no ancoradouro ou com os barcos veleiros seguindo inclinados ao sopro do vento.

E o seu talento creador mais se revela talvez nos episodios religiosos já de figuração mais ampla em que reconstituiu, n'um gracioso encanto e adoravel ingenuidade, as passagens biblicas, interpretadas conforme o sentimento popular protestante e independente, ou os cavalleiros d'um prodigioso vigor de linhas no soberbo *élan* da sua attitude.

Em certo typo d'azulejo, todavia, o artifice dos Paizes Baixos foi mais conciso. Não fez quadros e illustrou apenas com rapidissimos debuxos o centro de cada placa de faiança. Tal é aquelle em que compendiou o virgiliano poema da vida rural d'essa terra incomparavel.

N'outro, porém, ainda foi mais sóbrio com o desenho estricto d'um homem, d'uma ave, d'um quadrupede, etc, e que foi reproduzido nas telas de Metz (o *donzel escrevendo*) e Van der Meer (a *menina da espineta* e a *leiteira*).

Cada qual d'estas composições é exposta no exiguo espaço d'um tijolo, na sua maior parte, em proporções verdadeiramente miniaturaes, o que mostra o

profundo conhecimento que tão insigne ceramista possuia dos segredos do seu difficil *métier*, empregando o esmalte duplo para conseguir um effeito mais seguro, dominando habilmente o pincel para produzir a leveza insuperavel do desenho sempre correcto e justo e evitar a mancha do extravasamento da tinta bem nuançada, e precisando intelligentemente a gradação thermica para rematar com exito impeccavel tão melindroso trabalho.

Pelo contrario o nosso azulejista, pela sua ignorancia, pela sua incultura e, sequentemente, pela sua penuria imaginativa, produziu uma obra mediocre, e por vezes, pessima. Lançando mão dos seus recursos tacanhos, procurou fixar nos azulejos, por uma copia grosseira, pessoas e coisas que o cercavam de perto, e quando se aventurou a proceder por determinação das suas pobres faculdades inventivas, confinou-se na interpretação material e symbolica de varias modalidades do seu pensar e do seu sentir.

Estereotypando na faiança, embora toscamente, varios dos multiplices detalhes do meio envolvente que mais o chocavam, ou as ideias que mais dominavam o seu espirito, o nosso obscuro ceramista realisou inconscientemente um trabalho valioso de documentação para o estudo da sua epocha e do seu tempo.

D'aqui o interesse e a importancia que assume o seu humilde relato iconographico, como subsidio magnifico da ethnographia nacional.

Pela vasta diffusão do azulejo solto no paiz se infere a intensidade do seu fabrico, que depois de radicado se alastrou e generalisou naturalmente pela facil assimilação dos processos technicos e pela rude singeleza dos motivos a executar. Já um estudo erudito e brilhante de raro revestimento plastico (1) revelou a sua existencia em localidades do norte como Porto, Ponte da Barca e Arcos de Valle de Vez. Mas um inquerito mais dilatado o lobrigou, ao deante, em Bouro e

(1) *Uma iconographia popular em azulejos*, por Rocha Peixoto in *Potugalia* vol. 1 fasc. 3º.

S. Paio de Pousada, no districto de Braga, em Santa Luzia (polychromado e com a data de 1701) no districto de Vianna, e com uma profusão invulgar que lhe avulta o merito documental, por extenso e complexo, em trechos de edificios religiosos e civis da cidade de Coimbra, como: Vestibulo e adro da igreja de Santo Antonio dos Olivaes, *Via Latina* da Universidade, Casa das Obras Publicas, escada de um predio na Rua da Sophia e a que em Santa Cruz leva do Claustro do Silencio ao Côro, capellas que ladeiam a calçada conducente a Santa Clara, capella da matta do Jardim Botânico, pateo d'uma habitação na rua dos Coutinhos, muro duma propriedade sita no Almégue, além dos mostruarios reunidos no Museu do Instituto.

Embora este producto ceramico se tenha subordinado a uma technica fundamentalmente commum, os nucleos indicados accusam sensiveis desigualdades no preparo da pasta, na qualidade do vidro e na factura pictural, o que pode significar procedencia de differentes centros manufactores e o influxo d'uma accentuada evolução.

A composição mesmo se evidencia n'uns mais acanhada e barbara, n'outros mais prolixa e perfeita.

Não obstante estas superioridade e fertilidade imaginativas, manifestas nos desenhos de certos azulejos, exhibem-se, porém, como trama intima, repetidos e sabidos motivos que formam a estreita base d'essa pobre decoração. Irreductivamente indefectiveis são as flores, os fructos, certos animaes, as habitações e emblemas.

Todavia, por vezes, o azulejador desprende-se d'esta figuração imitada e então, na plena liberdade da sua phantasia e da sua acção, commentou facetamente os ridiculos observados, dia a dia, no seu semelhante e, principalmente, nas classes elevadas de quem dependia, denunciando assim o desafogo consolador da sua humilde condição social.

Eis o feitio trocista e brejeiro com fundos mordazes que sempre se manifestou em toda a arte popular.

Posto isto, cumpre fazer-lhes a descri-

ção, agrupando os assumptos da maneira mais systematica e harmonica.

O mais vulgarisado é o elemento florico de que nos apparecem, com frequen-



cia, curiosas estylisações. Destacam-se alguns exemplares regionaes e predilectos do povo, como o cravo, a rosa, a açucena, o rosmaninho e a tulipa, em excesso, (devido talvez á influencia hollandeza) mas os restantes ou «são imitados da flora estampada nas loiças vindas do Oriente», ou puramente imaginarios com pretensões ornamentaes.

Dos fructos já isolados, já reunidos em cabazes, conhecem se as peras, as maçãs, as cerejas e ainda outros.

A fauna representa-se tambem largamente, notando-se comtudo a falta das especies ichtyologicas. Dos molluscos ostenta-se o caracol; dos batrachios a rã; dos reptis a serpente malefica de tradições mythicas; das aves, umas que povoam alegremente os nossos campos e montes e outras pertencentes á ornithologia exotica; dos mamiferos, o coelho timido fugindo alvoroçado d'orelhas erguidas, a raposa matreira tão admiradamente celebrada nos adagios, o cão faminto roendo o duro osso, o cavallo fogoso, o veado esbelto precipitado na fuga vertiginosa e audaz, o leão forte de juba soberana...

Na ultima escala dos vertebrados apparece a figura humana, da qual temos a

considerar primeiro os bustos, muito interessantes, sobretudo os femininos, cujos rostos emergem dos mantos, mantilhas e coifas, ou se emmolduram com os tou-



cados então em uso; por outro lado as cabeças masculinas cobertas com barretes e chapéus de varios feitios. Seguem-se os typos que mais se impuzeram á observação do artifice formando um conjuncto que synthetisa toda a comedia social.

A começar no grau mais infimo e desprezivel temos o infeliz criminoso justificado na forca; o innocente condemnado da inquisição com os trajés infamantes; o mendigo da lenda, engelhado pela miseria, curvado sob o alforge e estendendo o chapéu ao obolo da caridade; o viandante, experimentado e previdente, varapau p'r'o lado, repousando da caminhada e dessedentando-se com o vinho trazido na borracha; a mulher caseira e diligente fiando na roca as estrigas de linho para o novo bragal; o barqueiro deslocando o bote, ao impulso da vara, em corrente placida; o fadista bohemio tangendo o arrabil soluçante; o pandego em rijo pagode, escarranchado na pipa e brandindo o fueiro; o infeliz mutilado com a perna de pau auxiliar e amparado a uma muleta para readquirir a nobre elegancia do *homo vulgaris* de Linneu; o caçador agil perseguindo a caça; o franciscano des-

calço, de cajado na mão, esmolando humildemente; o galan garboso de nobre distincção hierarchica; a mulher das classes baixas com o tronco occulto sob as capinhas, mantos e mantilhas; a dama aristocratica em simples traje de passeio ou em rigoroso costume de cerimonia...

Relacionados com o homem são os edificios, os meios de transporte, os objectos indicadores da sua actividade, os utensilios domesticos e outros, pelo que se traçaram nas placas, no mesmo debuxo ligeiro e tosco, as capellas humildes entre a frescura das arvores do adro com o ar festivo que lhes imprimem as bandeirolas ao alto do campanário com sino e grimpa; as casas simples ou senhoriaes; os castellos ameidados, vistos ou imaginarios tambem flammulantes como proclamando victoria ao findar do sonho derradeiro; os chafarizes monumentaes erguidos ao centro das praças ou parques; as embarcações embandeiradas que faziam a rota gloriosa, os barcos que se aventuram á pesca no mar alto, ou que nas correntes fluviaes navegam, á vela, á vara e á sirga; o braço do cavalleiro empunhando a valorosa espada, desembainhada nos combates por



sua patria, ou nos duellos por sua dama; o pente e a tesoura do estimado barbeirinho palreiro, que accumulava então o seu officio com as funcções de cirur-

gião entendido; finalmente, os objectos d'uso caseiro, como a borracha de coiro e a cabaça enlaçada com um cordel, proprias para as indispensaveis provisões pingoleiras nas jornadas longas ou nas romarias distantes.

Além de copista do meio envolvente, o ceramista affirma-se um interprete inconsciente da sua epocha cheia de corrupção em que dominava o catholicismo inquisitorial, supprimindo toda e qualquer manifestação superior da intelligencia, inspirando pelo terror nas consciencias, alimentando a ignorancia e ainda a ociosidade, determinada já pela influencia predisponente da passada grandeza das conquistas, que conduzia derivativamente á dissolução dos costumes e á extranha perversão moral d'esse desastrado periodo da nossa decadencia.

O degradante exemplo do mal partia do alto, como sempre, avassallando tudo, no que pertencia o papel preponderante ao clero, lançado ostensivamente n'uma devassidão louca vazando-se em grande parte sobre a classe popular, adstricta á razão distribuida á portaria dos conventos.

Esta, impotente para reagir e tambem



acorrentada ao vicio, desaggravava-se largamente das torpes affrontas soffridas com a mordacidade caustica dos annexins e adagios, contos e versos, escul-

pturas e desenhos fundamente allusivos a essa reinação desbragada, que assim ficou perpetuada na tradição. O iconographo, pois, dando largas á sua veia



satyrica, torna-se caricaturista e annota com a sua verve, ingenitamente pesada e barbara, certos defeitos, vicios e ridiculos do fragil ser humano «seu semelhante e seu irmão».

As necessidades organicas avultam no que ellas teem de mais comico e burlesco, como no homem nú atrapalhadissimo com a dolorida e custosa expulsão das materias fecaes, que vão cahindo em espiral desmedida, ou na mulher nua convertida em fontenario assustadoramente inundante. D'esta se deforma, por vezes, em exaggero monstruoso, a sua configuração anatomica.

Não escapa o grotesco do typo com dôr dentaria gritando com desespero, nem o dos bigodes insolentes pelas dimensões atrevidas, ou o de barbas e cabellos posticos.

Lá está tambem o individuo sem caracter, hypocrita e intriguista, que joga com pau de dois bicos, e é o *homem de duas caras* representado no rosto duplo.

A troça pronuncia-se largamente com relação aos narizes que apparecem de todos os tamanhos e feitios, recurvos e rectos, afilados e grossos; pequenos uns,

immensos outros. D'estes, alguns ha sobre que se erguem edificios ou arvores, e certos dentro dos quaes as aves fazem ninho, ou encontram farto alimento.

AFFONSO — Alguns d'elles vão per hi  
E na estremadella assi  
Não lhes fica môça bôa.  
JOANNES — Bom machado na corôa  
Que ficasse logo ahi!



A ironia ladina não deixa de investir tambem com as coisas sagradas, como na scena da confissão em que o Pontifice absolve, com gesto misericordioso, os peccados tremendos do penitente ajoelhado a distancia, cheio de terror, enquanto o Espirito Santo adeja no alto em fôrma de pomba transmittindo a inspiração ao mitrado maximo.

O escandalo não se occulta, como na scena do frade frascario, enlaçado na amasia e fugindo p'r'a rapisca, e muito menos nos episodios picantemente eroticos em que os tonsurados monasticos exercem papel importante.

O azulejista, em face d'este excesso de libertinagem conventual, manifestou conscienciosamente o seu parecer sobre a pena a applicar-se-lhe no intuito de a cohibir, desenhando um frade pio, aparentemente virtuoso e seraphico, mas, no fundo, malandro e devasso, com a tonsura magana atravessada por um espadação. Castigo decerto ignominioso e cruel, mas justo para um desregramento aphrodisiaco tão reincidente e intoleravel, e conceituosamente alvitrado já por Gil Vicente no *Auto Pastoril Portuguez*:...

.....

Não obstante a sua propensão arraigada para o sarcasmo galhofeiro e para a reprezalia comica com laivos d'obscenidade crúa, o ceramista, já por educação, já por influencia do meio, acreditava na religião de que eram ministros esses padres impudentes, vergastados pelo seu temperamento humoristico n'um desforço gostoso e intimo. Longe porém das altas abstracções, intangiveis e mysteriosas, conhecia sómente d'essa mesma religião o que ao seu espirito e aos seus olhos se tornava real e comprehensivo, e só a amava no que ella tinha de invasivamente tocante e suggestivamente poetico.

Não olvidaria, pois, pintar alguns pormenores, ainda que ligeiros, todavia sufficientes para affirmar a sinceridade da sua fé.

Entre outros, o madeiro affrontoso da tragedia augusta do Calvario, como emblema supremo, logo se percebe com o lugubre sudario pendente dos braços; os anjos, enviados divinos, com as suas fulgurantes azas distendidas, ou, humildemente, de joelhos e mãos postas, bendizendo o Senhor e os cherubins que o exaltam na côrte celeste; finalmente, as corôas que diademam as frentes das imagens da Rainha dos Patriarchas.

Além do christianismo venerado atravez das suas exteriorisações, é verosimil que dominasse forte no espirito do artifice o patrimonio supersticioso, recebido dos seus ancestraes, resumindo na sua longinqua sobrevivencia os primitivos extractos da religiosidade. Inclina-mo-nos a crêr que elle tivesse pois a intenção de reproduzir materialmente certas superstições, associando a figura humana á dos animaes inferiores em certas composições. Ou seriam motivadas com fins significativamente satyricos? Talvez. Mas a razão indicada conduz-nos áquelle modo de vêr.

Combinando pois o rosto do homem com um quadrupede, pretendeu certa-

mente representar o lobis-homem, vestigio profundo do antigo culto naturalista, entidade infeliz que pelas trevas da noite corria o seu negro fado; em outras placas aggrega-se o corpo d'uma ave á cabeça da mulher, significando indubitavelmente a alma do finado, o processo interpretativo na iconographia funebre do antigo Egypto; ha outras pinturas que pelo hybridismo das fórmas exaradas se referem naturalmente ao diabo, o espirito maligno, temerosamente famigerado pelas audacias infernaes. descriptas pelos agiologios, e pittorescamente celebrado pelo grotesco na tradição oral. N'esta categoria enfileiram tambem as aves nocturnas e sinistras que trazem os maus presagios da morte.

Cumprê indicar, por ultimo, as innumerables placas onde, copiosamente e em toda a sua latitude, se fixou o sentimento amoroso. Porque este seja commum a todos os homens, o azulejador serviu-se d'uma figura mythologica para exprimir a vulnerabilidade a que ninguem se exime. Assim, Cupido, sob a candura da sua meninice e das suas azas, arremessa, indistinctamente, d'olhos vendados, as flechas ferinas de que tem munido o seu carcaz.

Para representar, porém, esta affectividade universal ha o symbolo por excellencia — o coração.

Desde as epochas mais diluidas nas nevoas remotas do tempo que se conheceu, com uma intuição admiravel, a acção da sensibilidade emotiva sobre o grande orgão da circulação e se usou portanto do ornato cordiforme para traduzir da maneira mais suggestiva o amor humano. O iconographo tambem se aproveitou d'este emblema, generico na ornamentação popular, para interpretar na faiança todos os lances da subjectividade passional, traçando com terna phantasia os

corações, ora chammejando no ardor intenso d'uma devoradora paixão, ora traspassando-se por uma setta dilacerante que diz a dôr d'uma ausencia pungente, ou d'uma indiferença cruel, ora com iniciaes ou nomes recordando vivazes e constantes as pessoas amadas, como se affirma na trova:

Tenho teu nome gravado  
aqui no meu coração;

ora florindo na ventura primaveril dos primeiros amores; ora alados indicando a faculdade poderosa e inexprimivel de se approximarem d'aquelles a quem se quer bem:

Meu coração inquieto  
para o teu peito voou...;

ora simplesmente unidos, denotando a perpetuidade inviolavel da fé jurada, ou sob uma chave, indicio insuspeito da mais constante e sincera lealdade.

Aqui tens meu coração  
e a chave para o abrir...

Descripto fica em synthese o depoimento que nos legaram alguns ceramistas ineditos, em valorisação diversa, sobre a sociedade que lhes foi contemporanea e atravez do qual ella revive na sua existencia intima ou na sua flagrante exteriorisação.

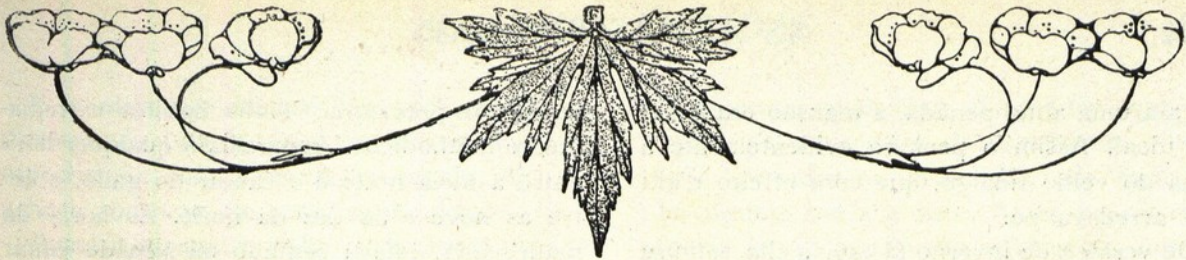
É uma obra inferior, espessa e barbara. Pasta defeituosa, vidro rudemente plumbifero, desenho deploravel sem, comtudo, deixar de ser significativo e pela feliz espontaneidade do traço muitissimo expressivo por vezes.

Não obstante converte-se n'um documento apreciavel não só para o estudo da evolução do azulejo e da loiça com que mantem affinidades incontestaveis, mas tambem para o inquerito ethnographico pelo que nos revela do Passado.

MANUEL MONTEIRO.







# As almas penadas

**H**A uma terriola ingleza, que responde ao nome de Nether Talkington, hoje notavel como séde de uma industria interessante, a das brochas de pello de camello. Mas tempo houve em que outra circumstancia assás consideravel a apontava a nacionaes e forosteiros. Era a unica povoação do Reino Unido que possuia um fantasma autentico.

Muitos outros fantasmas se tinham attribuido a differentes sitios, mas a existencia d'elles nunca fora satisfactoriamente averiguada. Esses mythos manifestam a sua presença por varias formas tumultuosas e absurdas, indignas de um espirito que se preza. Elles dão patadas no sobrado, elles arrastam pesados grilhões de ferro, elles quebram louça, elles deslocam os moveis, elles expellem de si os ruidos mais incommodos e arripiadores que é possivel imaginar.

Com o tal fantasma de Nether Talkington, o caso era inteiramente outro. Era uma autentica reliquia dos tempos da rainha Isabel, a alma penada de um fidalgo velho, que com um fim desastrado terminara uma existencia assás tempestuosa.

Os habitantes do sitio tinham um grande orgulho n'esta alma penada. Residia ella no seu velho solar da Granja, que ficava no extremo da povoação. Havia seculos que nenhuma creatura mortal partilhava com ella aquella residencia.

Reservavam-na especialmente para o fantasma e tinham o cuidado de ter sempre o fosso cheio de agua estagnada e de manter o solar

nas condições de desolação adequadas ao seu estranho morador.



AO CAHIR DA NOITE, ANDAVA A PASSEAR NO TERRAÇO

Para uma alma penada, a mansão era deveras ideal. Assim o pensava evidentemente a alma do velho fidalgo, que com effeito d'alli não arredava pé.

De verão e de inverno lá estava ella, sempre prompta a satisfazer os curiosos que a quizessem entrevistar, e não eram poucos os concurrentes.

Era ao fantasma que a povoação devia o melhor da sua prosperidade. Não passava um dia em que não apparecessem visitantes com a mira de cayaquear com elle, e dias havia em que affluíam aos molhos.

A reputação do fantasma accentuara-se, desde que a Sociedade de Investigações Psychicas tinha proclamado a authenticidade do phenomeno.



IMAGINEM A CONSTERNAÇÃO  
QUE GRASSOU POR NETHER TALKINGTON

Principalmente no verão, era uma romaria constante de forasteiros, entre os quaes avultavam americanos.

A alma penada era inoffensiva, e de indole pacata e taciturna. Havia occasiões em que falava, mas a sua linguagem era então quasi

sempre imprecatoria. Tinha habitos extremamente methodicos. Apparecia a qualquer hora entre a meia noite e o cantar do gallo, e entre as nove e as dez da noite. Ás horas da madrugada, estava sentado na sala de jantar fumando um cachimbo fantastico que fôra dado de presente ao fidalgo por seu amigo Sir Walter Raleigh, o celebre introductor do tabaco em Inglaterra. Ao cahir da noite, andava a passeiar pelo terraço á espera de uma dama que ha cousa de trezentos annos lhe marcara uma entrevista, á qual tinha faltado ignominiosamente.

Esta methodica regulamentação, seguira-a constantemente o fantasma, segundo depoimentos fidedignos, desde a morte do fidalgo, occorrida pelos fins do seculo XVI. Não constava a alma viva que tivesse havido nunca a minima alteração no programma.

Imaginem por consequencia a consternação que grassou por Nether Talkington, quando correu o boato de que a alma penada faltara ao ponto. Ás duas da madrugada, um rancho de peregrinos da America comparecera na Granja em cata d'ella, e o guia não fôra capaz de lhes dar em espectáculo macabro o valor dos seus shillings.

Esperaram até ás quatro, mas a respeito de alma, nicles. E apesar de lhes terem restituído o dinheiro, os forasteiros na manhã seguinte foram-se embora, impando de furia. N'essa noite, um missionario mais um photographo, armado com uma machina de fazer relampagos, fartaram-se de esperar no terraço, mas ficaram a chuchar no dedo.

O desaparecimento do fantasma era um desastre medonho para a povoação, não só porque o shillingsinho de entrada concorrera em larga escala para alliviar o peso das contribuições aos habitantes, mas tambem porque importava uma deploravel perda do prestigio.

Mas para quem a catastrophe era particularmente sensível, era para o dono da hospedaria do «Cisne Branco». Ainda no anno anterior elle pagara uma quantia calada pelo trespassse da loja, fiado nos freguezes que lhe attrahia o fantasma, e a falta d'este condemnava-o irremediadamente a fechar o estabelecimento. Havia tambem o homem do açougue, mais o padeiro, mais o louceiro do sitio, e ainda uma duzia de cozinheiros, creados e creadas, sobre os quaes recahiam tristemente os prejuizos do desastre.

E o mais prejudicado era sem duvida o cicerone da Granja, que via deante de si o espectro da fome, tão desprecauido elle se achava contra a inesperada calamidade.

Como o assumpto tinha excepcional importancia para a comunidade, não se extranhou que, na primeira sessão do conselho parochial, o estalajadeiro do «Cisne Branco» se referisse a elle. Mostrou as vantagens Moraes e materiaes que á povoação advinham da presença do fantasma. Não suppunha justo que o conselho cruzasse os braços deante da sua desappareição, consentindo sem lucta que Nether Talkington fosse reduzida ás condições insignificantes das terriolas circumvisinhas, destituida da gloria e do proveito que a apparição lhe grangeava.

O vigario, que presidia, concordou com o preopinante quanto ás desastrosas consequencias d'aquella falta, mas parecia-lhe que nada havia a fazer. O conselho não tinha poder legal ou moral sobre a alma do fidalgo. O fantasma não se compromettera por contracto a residir perpetuamente na Granja, e, embora fosse certo que elle se portara inconvenientemente ausentando-se sem previo aviso sequer, não havia remedio senão resignarem-se.

Seguiram-se outros oradores. Um d'elles propoz que se nomeasse uma commissão para tratar do assumpto.

Mas os conselheiros indicados para a constituirem, como não tivessem resposta satisfactoria ás perguntas feitas sobre a orientação a dar aos trabalhos e sobre os poderes que lhes assistiam, recusaram-se a fazer parte da commissão, e o assumpto ficou pendente como d'antes.

Passaram quinze dias sem que a alma tornasse a apparecer. Os curiosos deixaram de affluir a Nether Talkington, o «Cisne Branco» reduziu o seu corpo de serviçaes, e o pobre cicerone da Granja foi obrigado a recolher ao Workhouse (1).

Na sessão seguinte do conselho voltou ao terreiro a alma do fidalgo. Quando se aventou o assumpto, o presidente disse que a alma continuava ausente em parte incerta, mas sabia que um dos conselheiros, o sr. Sam Timperley, desejava fazer algumas considerações a tal respeito.

Ergueu-se então Sam Timperley, que era o principal merceeiro da localidade.

«Sr. presidente», disse elle, «de facto tenho alguma cousa a dizer. Antes, porem, cumpre-me dar uma pequena informação sobre a minha pessoa. Nenhum dos presentes ignora que eu sou vegetariano, mas para todos será porventura novidade o que vou accrescentar: é que sou budhista».

Se elle se houvesse declarado anarchista, não poderia ser maior o escandalo. Á roda da meza parochial circulou um murmurio de surpresa e de repugnancia. Os conselheiros que estavam ao pé d'elle arredaram-se com um movimento subito de horror. Mas o merceeiro não se acobardou perante estas manifestações hostis, e proseguiu:

«Sim, meus senhores, sou budhista, e tenho muita honra n'isso. E se acaso os meus collegas soubessem o que é ser budhista, tenho a certeza que todos o seriam».

«Nunca!» ejaculou a voz firme do conselheiro Mudford, que era o boticario da terra.

«Todos o seriam», repetiu Timperley fitando com arrogancia o interruptor. «Ora nenhum dos meus collegas sabe o que vem a ser um budhista. Deixo á sua diligencia o informarem-se. Mas de uma cousa os quero fazer scientes. Depois de um certo prazo de exercicio, um budhista alcança o poder de se desintegrar, isto é, de apartar do proprio corpo a sua forma astral, ou, por outra, o seu espirito, o qual pode viajar á solta por onde lhe appetece. Eis o que eu sou capaz de fazer».

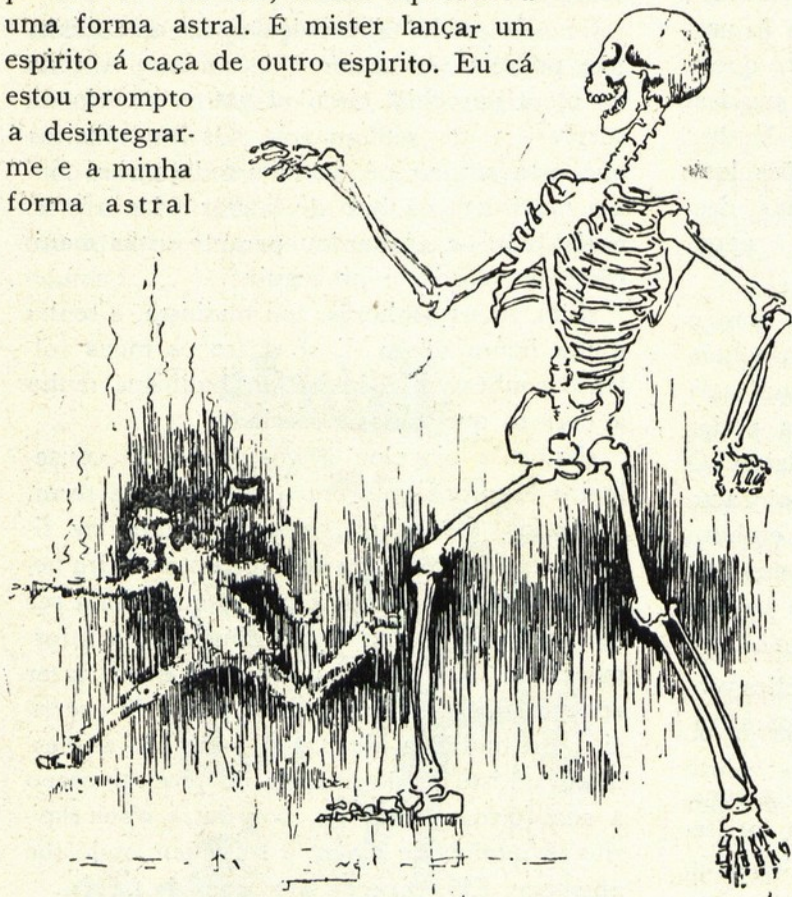


O POBRE CICERONE DA GRANJA FOI OBRIGADO A RECOLHER AO WORKHOUSE

(1) Especie de asylo parochial, onde se dá trabalho a desvalidos e ociosos. (N. do Tr.)

«Oh! oh!» bradaram em tom de escarneo os membros do conselho.

«É como lhes digo», continuou severamente o merceeiro». E affirmo-lhes que estou preparado, mediante certas clausulas, a executar este feito em beneficio de Nether Talkington. A alma do fidalgo anda perdida pelas regiões ethereas, não ha ente humano que possa dar com ella, só isso é possível a uma forma astral. É mister lançar um espirito á caça de outro espirito. Eu cá estou prompto a desintegrarme e a minha forma astral



TOPEI COM UM ESQUELETO DE DIMENSÕES COLOSSAES

presta-se a ir em cata do fidalgo. Se elle não é desarrazoado de todo, eu comprometto-me a trazel-o de novo ao aprisco.

«Meus senhores», disse o vigario levantando-se, «parece-me que o melhor é passarmos a outro assumpto. Por mim, sempre tive pelo sr. Timperley a maxima consideração, mas quer-me parecer que o nosso illustre collega está esta noite um pouco fora dos seus eixos. O que elle acaba de dizer convence-me de que soffre actualmente de uma extraordinaria allucinação. Não duvido de que o incommodo será passageiro; todos nós confiamos que a clara intelligencia do nosso collega volte em breve ao seu estado normal. Não podemos perder tempo a discutir a materia por elle apresentada, e peço portanto licença para passarmos á momentosa questão da drenagem».

«Sr. presidente», disse Timperley com firmeza, «protesto contra as suas imputações. Estou tão são de cabeça como qualquer dos presentes, tão livre de allucinações como o mais sensato dos meus collegas. O que disse, repito-o. Estou disposto a lançar a minha forma astral á caça da alma do fidalgo; sei que estou habilitado a fazel-o, porque hontem fiz a primeira experiencia, e a minha forma astral jornadaeu pelos espaços com o maior exito. Hontem, meus senhores, o espirito de Sam Tymperley soltou-se do corpo e, depois de vaguear á vontade, para elle tornou, e o mesmo fará de novo, em sendo preciso».

«Terá o collega a bondade de nos contar o que observou n'essa viagem de experiencia?» perguntou um dos conselheiros com um sorriso escarninho.

«Não creio que a narrativa lhe agrade muito, sr. Sellars», disse Tymperley com gravidade. «Invisível, visitei as casas de todos os presentes, e escuso de contar o que por lá encontrei».

«Ateveu-se a muito o amigo Tymperley», atalhou o boticario.

«Na sua despesa, por exemplo, sr. Mudford», proseguiu Tymperley, fitando com persistencia o interruptor, «topei eu com um esqueleto de dimensões colossaes».

O sr. Mudford agitou-se na cadeira, com ar pouco socegado, mas não disse palavra.

«Não, meus senhores», continuou o merceeiro, «creiam que não os estou desfructando. Sou capaz de realisar aquillo que lhes proponho. E, em todo o caso, os senhores não teem nada a perder. Se eu me sahir mal, nem por isso as cousas correrão peor. Se eu me sahir bem, Nether Talkington recuperará a situação que perdeu».

E, ditas estas palavras, sentou-se o orador.

«Meus senhores», disse o presidente, «todos ouviram a proposta do nosso collega Timperley. Pela minha parte, nem por um momento acredito na possibilidade do que elle affirma. Entretanto, se elle deseja tentar o impossível, não vejo motivo que lhe possamos oppôr. Afinal de contas, a cousa é tão sómen-

te com o sr. Timperley, e elle proprio não tinha precisão nenhuma de nos dar parte do que tencionava fazer».

«O merceeiro ergueu-se de novo.

«O que eu disse é que estava prompto para o fazer, mediante certas condições. A façanha não é tão facil como tudo isso, visto que a desintegração da personalidade pode acarretar graves perigos. Citam-se casos em que o corpo succumbe ao esforço, e a forma astral, não podendo voltar para dentro d'elle, fica sujeita a vadiar para sempre sem eira nem beira. Ora o meu corpo nem por isso é muito robusto. Dei-lhe hontem um repellão tremendo, e não estou disposto a correr outra vez esse perigo *gratis pro Deo*. A condição que eu proponho é a seguinte: se eu conseguir que o fantasma volte, hão de ceder-me metade das receitas futuras, provenientes da admisão na Granja».

«Essa é boa! Já agora, o melhor é ficar com tudo».

Estes e semelhantes sarcasmos sahiram das boccas da assembléa.

«Corro um perigo gravissimo, sr. presidente», repetiu o conselheiro Timperley, «é justo que me compensem a temeridade. Se eu não levar por deante a tentativa, podem dizer adeus á alma penada. Isto é que é certo e mais que certo. A questão é simplesmente esta: ou os senhores recebem cincoenta por cento da receita futura, ou se contentam com cousa nenhuma».

Exposta assim nitidamente a questão, não havia meio de negar o razoavel da offerta. Depois de uma curta discussão, resolveu-se finalmente, com o unico voto contrario do implacavel Mudford, que, se passada uma semana o espectro não voltasse, o conselheiro Timperley teria liberdade de pôr em pratica a tentativa, sob as clausulas por elle propostas.

Decorreu a semana, sem que apparecesse na Granja o seu inquilino spectral. Na noite seguinte, Sam Timperley lançou-se á sua arrojada aventura. Varios collegas do conselho acompanharam-no até á porta, mas não foram mais avante em vista das suas vivas instancias. Timperley ainda appareceu a uma das janellas para se despedir dos collegas, e desde então a treva e o mysterio envolveram a Granja de Nether Talkinton.

N'essa noite reinava na população um vivo alvoroço e vogavam os mais variados boatos. Houve um respeitavel contribuinte que asse-

gurava ter topado o fantasma do fidalgo nas cercanias da povoação, com uma espingarda debaixo do braço, cortando por um atalho em direitura da Granja. E os que tal ouviram ficaram sobresaltados com a sorte de Sam Timperley. Contaram outros que mais tarde tinham lobrigado o espirito do desintegrado merceeiro a chafurdar no fosso á cata do espectro ausente, e que nunca mais o tinham visto de lá surdir. Estes e outros boatos chegaram todavia a parecer banaes, em comparação com as peripecias no dia seguinte occorridas.

As nove da manhã, conforme se combinara, o amanuense do conselho parochial penetrou na Granja, para ver o que era feito do corpo do merceeiro. Logo ao entrar ouviu vozes; teria de certo dado logo ás de Villa Diogo, se não houvesse reconhecido a voz do merceeiro. Foi o que lhe deu animo para se dirigir ao aposento d'onde ellas procediam. Abriu a porta de mansinho e espreitou para dentro. O espectáculo que se lhe deparou era sufficiente para abalar a coragem dos mais valentes. Sentado n'uma cadeira, via-se o corpo animado de Sam Timperley empenhado em viva discussão com o espirito do seu proprio dono, o qual passeava pelo aposento, com mostras de terrivel angustia.

«Eu o que lhe digo, meu fidalgo», bradava o espirito, «é que me está pregando uma partida verdadeiramente indigna. Pois venho eu á sua procura, para o restituir ao carinho dos seus amigos, ao conforto de sua casa, á paz que está gozando ha que seculos, e vae o fidalgo, o pago que me dá é palmar-me o meu pobre corpo, que nunca em sua vida lhe fez mal algum!»

«Ora adeus, meu caro senhor!» replicou o corpo. «Agradeço-lhe as suas amaveis attentões, mas em que eu não caio é em largar este seu corpinho, já que consegui apossar-me d'elle. Isto, meu caro senhor, é uma sorte grande, uma fortuna que não acontece a uma pobre alminha senão uma vez na vida, isto de encontrar a geito um corpo sem inquilino. Tenho muita pena de o ver n'essa situação embaraçosa, mas o amigo reputava-me tão satisfeito e feliz na minha antiga situação que lhe não deve custar muito a troca».

«Mas, ó fidalgo», imprecou o espirito lastimosamente, «isso não é justo nem decente. Appello para os seus sentimentos de honra. Pois não lhe parece?»

O corpo agitou as mãos com um gesto de indiferença.

«Historias da vida!» disse elle. «É evidente que o amigo não dava um grande apreço ao seu corpo, aliás não estaria tão prompto a largal-o. Repare alem d'isso que, embora eu tenha agora residencia e estado civil, nem por isso a minha situação é muito invejavel. O seu corpo não me serve nada bem».

«Ah! o fidalgo, realmente, não pode estar á vontade dentro d'elle», acudiu anciosamente o espirito de Timperley. «Eu proprio me sentia apertado lá dentro, quanto mais o fidalgo que é muito mais alentado do que eu! Ha de sentir-se sempre incommodadissimo».



«Que lhe hei de eu fazer? disse o corpo com resignação. «Eu cá espero que esta sua carcassa sempre ha de alargar um bocadinho. Mas o que isto está cá dentro é horriavelmente secco. Estou que o amigo ha que tempos que não se regala com uma pinga de vinho

DESATOU A FUGIR COMO UM DOIDO

das Canarias ou um copazio de Borgonha. Onde demonio poderei eu arranjar um pichel de boa vinhaça?»

«Isso é que nem por sombras!» clamou o espirito muito assustado. «Lá vinho é que não pode ser! O meu organismo não tolera semelhantes bebidas. Ha que annos que eu sou vegetariano e temperante».

«Que vem a ser isso?» perguntou o corpo.

«O meu corpo não está habituado nem a cerveja, nem a vinho, nem a carnes. Com respeito a liquidos, agua, limonada e leite; a respeito de solidos, açorda, hortaliças e arroz, eis o meu regimen, e é esse que o fidalgo deve seguir».

Pelo rosto do corpo, passou uma expressão de supremo desdem.

«Quer-me parecer que Vossa Mercê tem sido modesto em demasia!» disse elle com fulminante sarcasmo. «Vamos a experimentar o effeito da boa cerveja e do bom vinho, de bons nacos de vacca e de porco, n'este seu rico corpinho».

«Não faça tal», bradou o espirito. «Olhe que vae ter enxaquecas e palpitações terriveis. Esse meu corpo não é muito robusto. Dá cabo d'elle n'um instante, se bebe uma pinga de vinho».

«Essa agora!» exclamou o corpo cheio de furia. «Quer o senhor dizer que vim encafuar-me n'uma carcassa enfezada e enfermicha? Que para isso não valia a pena perder a minha independencia? Pois demonios me levem se eu não ponho este seu corpo em tal estado que nem sua propria mãe será capaz de o reconhecer! Elle agora não é lá muito bonito, verdade, verdade, mas, em eu lhe dando algum uso, muito peor ficará!»

N'este ponto, deu com os olhos no amanuense, que tinha imprudentemente introduzido a cabeça, para não perder um nadinha do que se ia passando.

«Olé», bradou o corpo, erguendo-se de salto. «Temos bisbilhotice? Quem sois vós, villão ruim? Respondei depressa, aliás passar-vos-hei de lado a lado com a minha excellente durindana!»

Mas o amanuense não esteve disposto a responder, nem a ser espetado. Desatou a fugir como um doido, levando comsigo á povoação a terrivel novidade: o fidalgo tinha reaparecido, apossara-se do corpo de Sam

Timperley na ausencia do dono, e agora recusava-se a restituil-o.

Isto lá parecia demais, para que a gente do sitio lhe desse credito. Começaram a afuir á Granja magotes de incredulos, afim de verificarem por seus proprios olhos a realidade do facto. Deparou-se-lhes o espirito de Sam Timperley de joelhos ao pé do seu proprio corpo, a desfazer-se em supplicas e lamentos.

O unico dos curiosos que não voltou costas e não se poz logo em fuga foi o sr. Mudford. Evidentemente, Sam Timperley estava atrapalhado; bastava isso para lhe dar animo de resistir aos primeiros impulsos de pavor. A taes extremos de agonia descera o espirito do pobre Timperley que acolheu com jubiloso alvoroço o seu antigo adversario.

«Ainda bem que chega o conselheiro Mudford!» exclamou elle pondo-se de pé. «Esse conhece bem todos os incidentes d'esta historia. Ó amigo Mudford, diga aqui ao fidalgo que me restitua sem demora o meu corpo. Bem vê a triste situação em que me encontro, aqui ao frio com outro sujeito enfiado dentro do meu corpo. Isto é simplesmente monstruoso!»

E o espectro do merceeiro tinha em cada olho uma fonte de lagrimas.

«Sinto muito o que lhe acontece, amigo Timperley», redarguiu Mudford, «mas avenhasse lá como puder. O amigo estava bem consciente do perigo que corria; agora soffra-lhe as consequencias.»

«Em todo o caso, não podem negar-me o direito aos cincoenta por cento», bradou o espirito de Timperley com aspereza, «porque o que é facto é que acarretei com o fidalgo para a Granja».

«Não ha tal!» acudiu o corpo. «Foi por minha livre vontade que eu voltei hontem á noite de casa de um amigo, que ha mais de noventa annos andava a convidar-me para uma caçada. Já cheirava a má educação insistir na recusa, pois não acham?»

«Pode limpar a mão á parede, amigo Timperley», disse Mudford. «Prejudicou-se, sem fazer bem a pessoa alguma».

«E agora quem é que me ha de olhar pela loja?» gemeu o espirito.

«Este cavalheiro, está bem de ver», casqui-

nou Mudford. «Já arranjou um modo de vida. Os freguezes com certeza que não dão pela troca», accrescentou elle em ar de consolação.

«E a Helena!» choramigou o espirito.



«AH! LÁ POR ISSO NÃO SEJA A DUVIDA!»

«Como é que eu hei de agora casar com ella?»

«Ah! lá por isso não seja a duvida!» exclamou o corpo. «Eu tomarei conta da Helena».

O espirito de Sam Timperley parecia a pique de desfallecer sob os tremendos horrores da situação, e o implacavel Mudford contemplava-o regosijando-se com a sua angustia. Até que afinal o fidalgo se levantou e começou a passeiar de um lado para o outro o corpo do merceeiro. Ora o corpo movia-se desastradamente, e o seu inquilino espiritual fartava-se de vomitar pragas contra a estreiteza e o mal acabado do domicilio. De repente estacou.

«Olhe lá!» disse o fidalgo ao sr. Mudford. «Estou com um appetite de tremer. Não terá a bondade de me indicar uma pousada onde o passadio seja decente?»

«Com todo o gosto», replicou Mudford. «Estou que o dono do «Cisne Branco» se ha de esmerar para lhe servir um almoço de truz. Depois passaremos pela loja do amigo Timperley, para tomarmos posse d'ella. E, em seguida, iremos fazer uma visitinha á Helena».

«Se tal fizerem, teem a minha alma á perna!» guinchou o mofino espirito.

«Ora adeus!» disse Mudford, encolhendo os hombros. «O amigo não nos assusta; já sabemos quanto peza». E, enfiando o braço pelo do corpo extorquido ao merceeiro, lá o foi guiando para fora do aposento, deixando o espirito do conselheiro parochial Sam Timperley na pacifica posse da Granja.

E n'estes termos permanece tudo ainda hoje. O fidalgo não quiz tomar conta da merceria—não era alma que se rebaixasse a tanto—mas casou com Helena, e acceitou o logar vago de cicerone da Granja. Agora, os seus deveres profissionaes são-lhe em extremo agradaveis. É elle que apresenta aos visitantes, que affluem cada vez mais, a forma astral de Sam Timperley, sentada e succumbida, a meditar melancolicamente na sua des-

graça. O pobre fantasma está sempre prompto para conversar com todos a respeito do seu desafortunado caso, e o cicerone gosta immenso de se intrometter na conversação para o irritar. Isto redobra ainda o interesse para os visitantes, e por isso o conselho da parochia duplicou tambem o preço das entradas. Ás vezes, o espirito de Sam Timperley ausenta-se durante horas, e ao voltar explica que foi dar uma volta pelo Thibet afim de consultar sobre o seu pleito um Mahatma muito insigne. O Mahatma prometteu-lhe vir a Inglaterra em tendo tempo de seu, exorcisar a alma do fidalgo e restituir o corpo ao seu legitimo possuidor. Mas o tal sabio deve ter o seu tempo muito occupado, porque ainda não encontrou uma migalhinha que dedicasse ao desventurado merceeiro.

*Versão do inglez de*

HENRY A. HERING-



## PARAPHRASE

Quando fores um dia ao Campo Santo  
em busca do meu tumulo, querida,  
has-de chorar, talvez, compadecida,  
perolas santas de um bemdito pranto!

Não acharás por certo algum encanto  
nessa morada lugubre, perdida,  
entre flores gentis e verde manto  
da relva que me cobre enternecida...

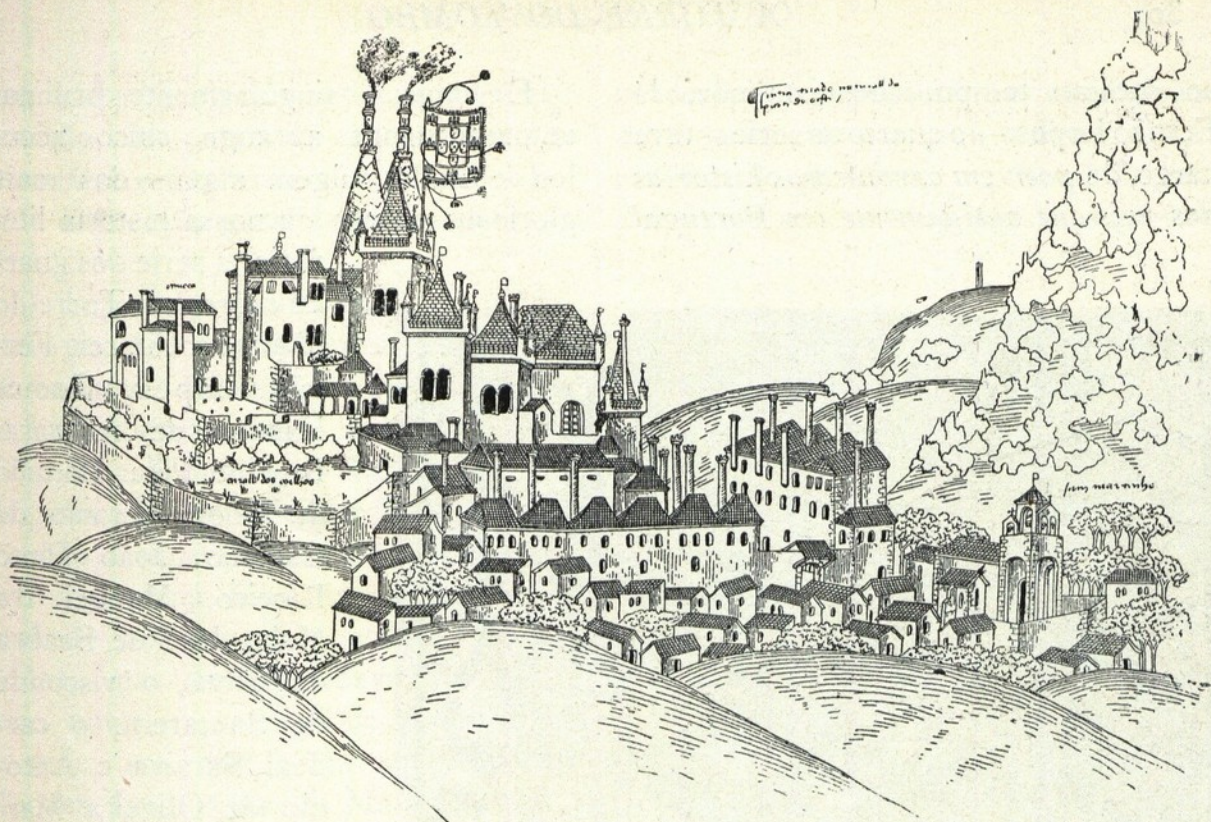
Colhe essas flores todas, por piedade,  
ó divinal archanjo de bondade!  
affaga-as com carinho e com meiguice...

Colhe-as... que alguma te dirá, calada,  
a confissão mais louca e apaixonada,  
doces phrases de amor que eu te não disse!...

*(Piracicaba — S. Paulo)*

OSCAR BRISOLLA





VISTA DO PAÇO DE CINTRA  
Do «Livro d'as fortalezas» de Duarte d'Armas» (reinado de D. Manuel)

# A Torre do Tombo

(CONCLUSÃO)



SEGUNDO já frisei, o Ar-  
chivo foi, durante largo  
periodo, considerado  
principalmente como esta-  
ção de character fiscal.

Os mais antigos funcionarios que nelle superintenderam, foram um védor da fazenda, João Annes, um contador dos contos de Lisboa, Gonçalo Esteves, e um contador dos almoxarifados de Setubal e Obidos, Gonçalo Gonçalves. A carta de nomeação do segundo (1403) é dirigida a João Esteves, «que tinha encargo do regimento dos contos da cidade de Lisboa»; e a de Gomes Eannes de Azurara (1454), aos védores, contadores e al-

moxarifes da fazenda. As certidões eram authenticadas com o sello dos contos. O Archivo dependeu por muito tempo do Conselho da Fazenda, sendo não raro guarda-mór um de seus membros.

Como justamente observam os auctores do interessante livro *O Archivo da Torre do Tombo*, a que tantas vezes me tenho soccorrido, é certo, contudo, que, apesar dessa preponderancia do ponto de vista fiscal e administrativo, o valor historico das peças archivadas começou logo a ser tambem objecto de consideração, e a prova está em que o *guarda das escripturas da torre do castello* era, em regra,

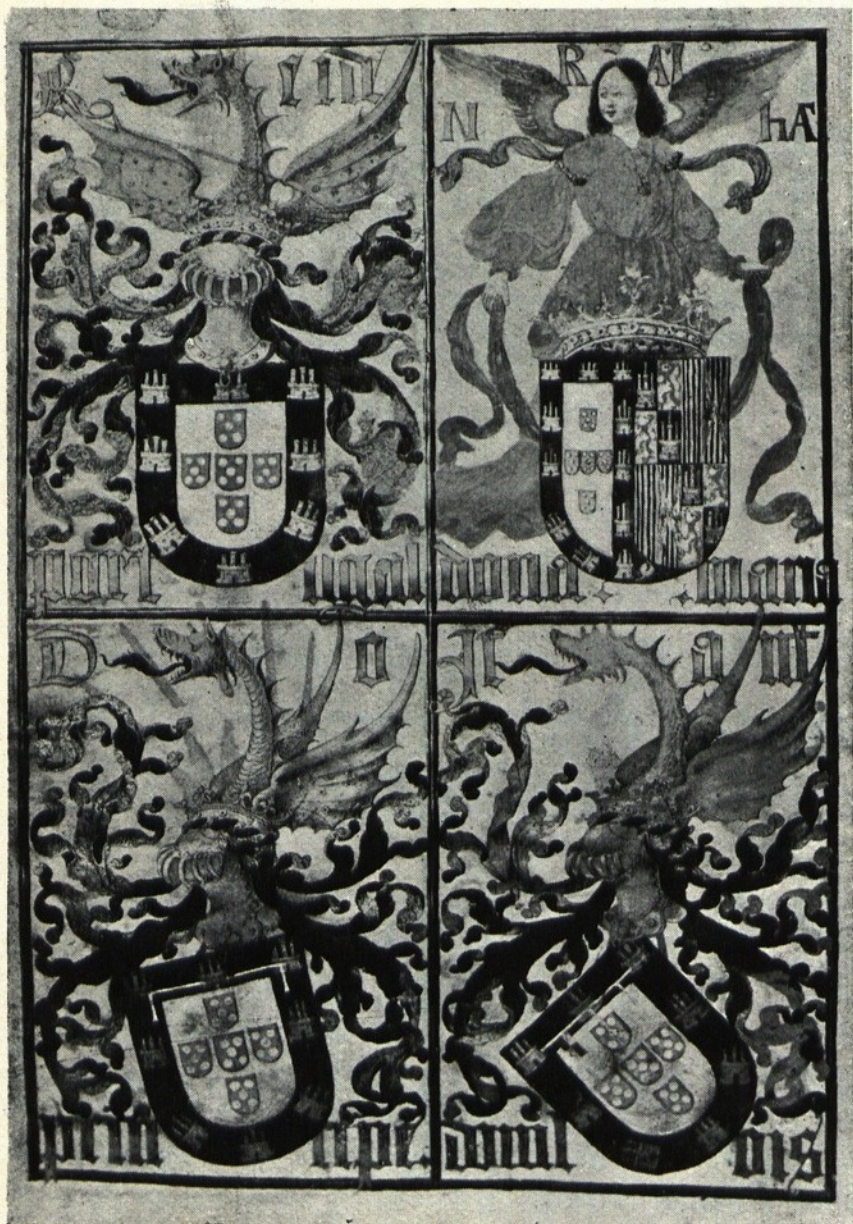
ao mesmo tempo, chronista-mór. Já Fernão Lopes — o quarto na serie — teve cargo de *poer em caronica as historias dos reis que antigamente em Portugal*

E longa e singularmente brilhante, porquanto abrange cinco seculos e nella fulgem alguns dos mais gloriosos nomes da nossa historia litteraria, a serie dos guarda-móres da Torre do Tombo. Citarei Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina, Damião de Goes, Antonio de Castilho, João Pinto Ribeiro, Manuel da Maia, José de Seabra da Silva, o visconde de Santarem, o cardeal Saraiva e Antonio de Oliveira Marrecá.

Até fins do seculo xvii, o pessoal superior do Archivo compunha-se unicamente do guarda-mór e do escrivão. Depois, apparecem-nos officiaes e escreventes, sendo de notar que só excepcionalmente esses funcionarios conheciam a lingua latina e a paleographia, que mais tarde constituiram habilitações imprescindiveis.

Na primeira metade do seculo findo, foi o Archivo mais ou menos profundamente

reorganizado em 1802, 1823 e 1839; e era ainda o regime fixado nesta ultima data o que vigorava, quando, em 1887, foi creada a *Inspecção geral das bibliothecas e archivos*, de que ficou dependendo a Torre do Tombo,



PAGINA DO «LIVRO DAS ARMAS», DE ANTONIO GODINHO

Concluido entre 1528 e 1541, na opinião do sr. A. Braamcamp Freire — Os brazões representados são os de el-rei D. Manuel, da rainha D. Maria, do principe D. João e do infante D. Luis.

*forom*, e os grandes e altos feitos de D. João I, — em virtude de nomeação de D. Duarte, o bondoso e infeliz principe, que, na «inclya geração» do mestre de Avis, se distinguiu pela sua esmerada cultura intellectual.

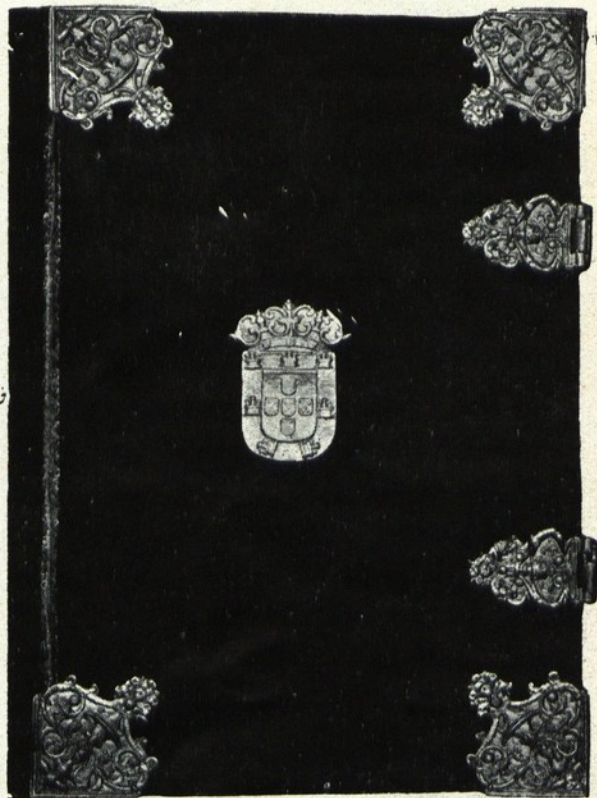
que, a esse tempo, considerada já instituição de character exclusivamente scientifico e literario, estava subordinada á direcção geral de instrucção publica.

O lugar de guarda-mór, occupado então por Antonio de Oliveira Marreca, foi extinto, do mesmo modo que o de bibliothecario-mór, passando o Archivo e a Bibliotheca Nacional a ser dirigidos por conservadores-directores, e sendo a superintendencia nesses dois institutos e na Bibliotheca de Evora confiada ao inspector geral, Antonio Ennes, que desempenhava, desde o anno anterior, o cargo de bibliothecario-mór, em que tinha succedido a Mendes Leal. Oliveira Marreca, afastado já, por sua avançada idade, do exercicio effectivo das funcções de guarda-mór, ficou addido ao quadro.

Por essa remodelação, augmentou-se o pessoal do Archivo, substituíram-se as designações dos logares, organizou-se um curso de instrucção superior, destinado a preparar bibliothecarios e archivistas e de que faziam parte, além das cadeiras de historia, philologia e literatura do Curso Superior de Letras, as de diplomatica e numismatica, professadas já, respectivamente, na Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional, e a de bibliologia, então instituida.

Quatorze annos decorridos, — em 1901, — foram de novo reformados os serviços das bibliothecas e archivos nacionaes. Ao inspector geral, dependente do director de instrucção publica, succedeu o bibliothecario-mór, que se corresponde directamente com o ministro, e a quem foi dado, como auxiliar e substituto, o inspector das bibliothecas e archivos; a direcção immediata da Torre do Tombo, que era exercida por um dos

conservadores, passou a ser attribuição de funcionario especial, o director, da escolha do governo; o pessoal foi reduzido; o acesso aos logares superior-



CAPA (RESTAURADA) DO «LIVRO DAS ARMAS» DE ANTONIO GODINHO  
Velludo carmezim,  
cantos, fechos e armas reaes de metal amarello

res, difficultado, para mais rigorosa selecção; a cadeira de diplomatica, desdobrada em duas, professando-se numa a paleographia e noutra exclusivamente a diplomatica.

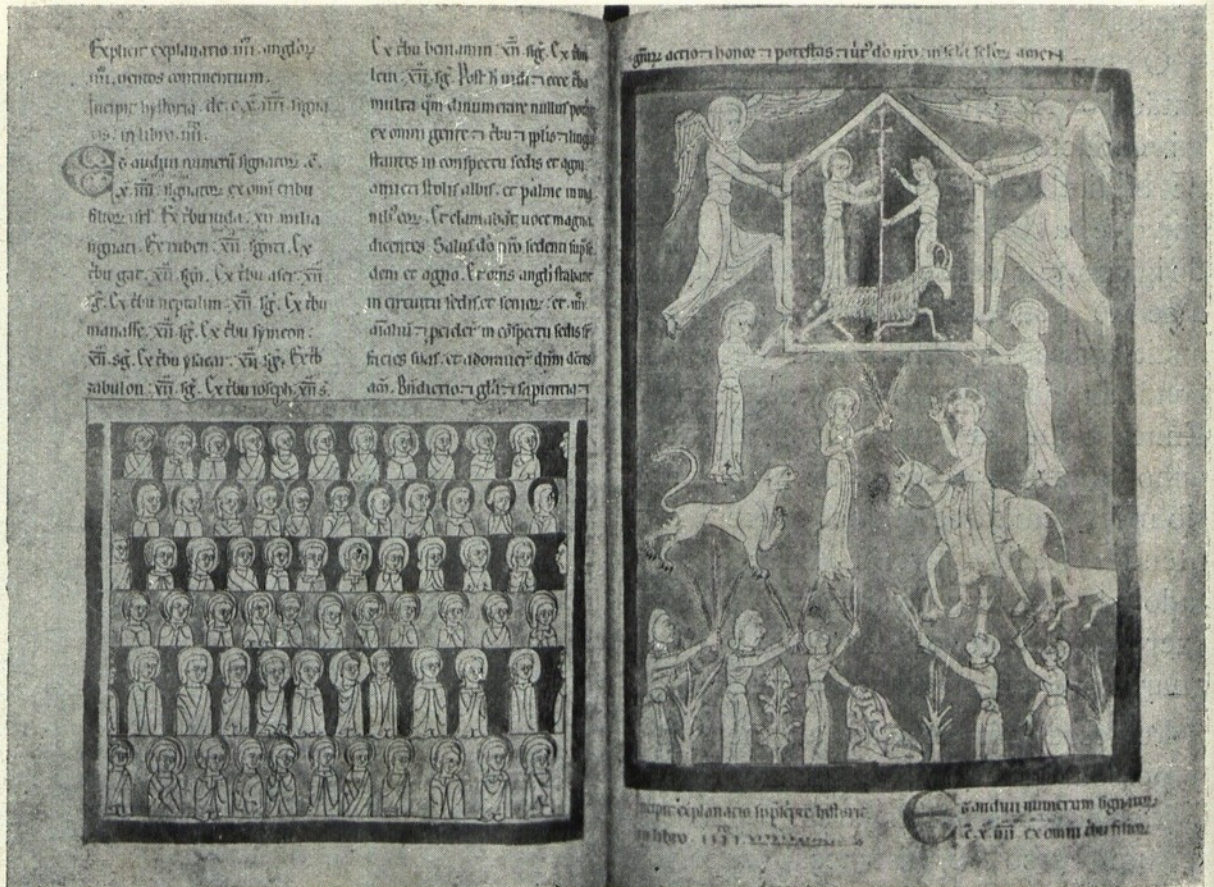
\* \* \*

Do mobiliario e da fórmula de acondicionamento dos livros e cartas, no tempo em que o Archivo occupava a *torre albarrã* do castello de Lisboa, pouco se sabe.

Em antigos documentos, encontram-se referencias a «cofres grandes, forrados de ferro», «arcas ou escriptorios», armarios e estantes. O conhecimento

assignado por Fernão de Pina em 28 de agosto de 1532, — documento a que já alludi — menciona apenas, de mobi-

posteiros, uma garrida, duas campanhas e um relógio de parede, — que existe e que o velho official Aze-



PAGINAS DO «APOCALYPSE» DO MOSTEIRO DE LORVÃO (1189)

liario, tres mesas, «duas grandes de assento, com seus pés, e uma de engonços», e duas cadeiras de pau.

Transferido o Archivo para o edificio de S. Bento, depois do terremoto de 1755, ordenou o solícito guarda-mór Manuel de Maia que se fizessem cincoenta armarios de madeira do Brasil, pintados a oleo, com filetes e ferragens doiradas, para os livros das chancellarias, e treze mais singelos, — porque, dos antigos, só um ficára «com alguma similhaça do que fôra», — dezoito estantes, igualmente de madeira do Brasil, uma commoda de pinho em fórma de mesa para o porteiro, mesas e bancos. Adquiriu tambem dois re-

vedo Neto, de quem ainda fui collega, dizia ser o unico *funcionario* do Archivo mais antigo do que elle...

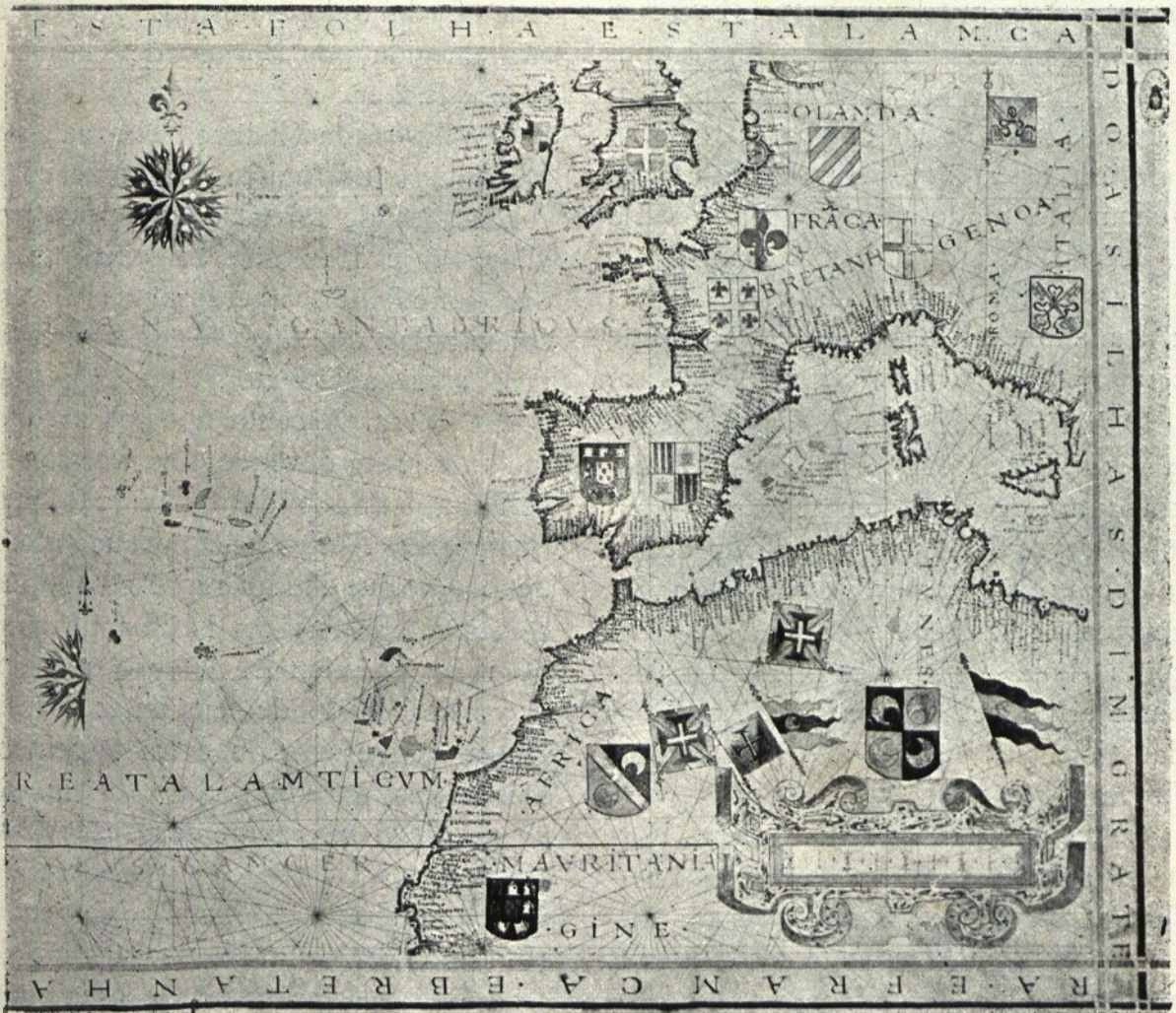
Os armarios e estantes de madeira do Brasil desappareceram com a mudança do Archivo para a ala norte do edificio. Os livros e maços estão agora dispostos em estantes de madeira vulgar, pintadas, que, sobre os armarios do tempo de Manuel da Maia, tem, no entanto, a vantagem de ser abertas.

No gabinete destinado ao director, ha uns moveis antigos, relativamente apreciaveis, que parece terem pertencido a algum dos extinctos conselhos, juntas ou mesas, cujos cartorios foram

transferidos para a Torre:—um contador indo-português do século XVII, duas pequenas commodas com feragens uma elegante cadeira D. João V.

dicionamento, o *Corpo chronologico*, o *Bullario* e a *Colleção especial*.

Do primeiro, fazem parte muitos diplomas do primitivo nucleo do Archivo, e nelle se vão, ao mesmo passo, incorpo-



CARTA DO «ATLAS» DE FERNÃO VAZ DOURADO (1571)

\* \* \*

Dêmos agora ideia, embora summarissima, das riquezas que o nosso Archivo encerra.

Entre as colleções, ou corpos formados na Torre, salientam-se, pelo avultado numero e pelo interesse historico das peças que os constituem, o das *Gavetas*, que deveu certamente o nome á sua primitiva fórma de acon-

rando certos documentos que é de uso archivar na Torre do Tombo, como, por exemplo, autos de inauguração de monumentos. E' colleção variadissima, em que se encontram cartas de soberanos estrangeiros, tratados e convenções com diversas potencias, contractos de casamento de principes de Portugal, testamentos de alguns dos nossos reis, cartas de embaixadores portugueses e estrangeiros, etc. Tem

índice, elaborado em 1765, e todos os documentos antigos que a formam foram transcriptos, no comêço do seculo XIX, em 53 volumes.

O *Corpo chronologico*, organizado por Manuel da Maia, comprehende cêrca de oitenta e tres mil documentos. Divide-se em tres partes, e abrange o longo periodo que vae de 1123 a 1699. Tão variados são os assumptos a que se referem esses actos, que é impossivel indicar de modo generico a indole da collecção, em que se crê terem sido encorporados os documentos entregues a Damião de Goes pelo secretario de estado, Pero de Alcaçova Carneiro.

O *Bullario*, sim. Esse, como do proprio titulo se infere, compõe-se de documentos de uma só categoria:— bul-las, breves e rescriptos. Coordenado tambem por Manuel da Maia, em 1751, e successivamente enriquecido até 1881, conta hoje 3426 documentos, — em parte já impressos pela Academia Real das Sciencias no *Corpo Diplomatico Portuguez*.

E' recente a *Collecção especial*. Formam-na, divididos em tres secções (*bullario, diplomas e miscellanea*) e dispostos chronologicamente, os diplomas e cartas que a extincção dos conventos de frades fez convergir para o Archivo Nacional. Cedo se reconheceu o inconveniente de desmembrar os cartorios recolhidos, de modo que, na Torre do Tombo como, em geral, nos archivros estrangeiros, tem-se, depois, invariavelmente respeitado a sua integridade.

Embora muito menos numerosa, — 1717 peças apenas, — é tambem interessante a collecção de *Cartas missivas*, sem data, mas todas do seculo XVI.

Os *Maços de leis*, em que os originaes mais antigos remontam a D. Af-

fonso II e D. Dinis, e a collecção de tratados e convenções entre Portugal e diversas potencias estrangeiras, são corpos cujo principal interesse é o diplomatico, por isso que muitas leis e regimentos correm impressos e os tratados foram todos publicados na *Collecção* dirigida por Borges de Castro e Judice Bicker.

Os livros da Chancellaria real, importantissimos registos de nomeações, concessões de terras e de tenças, privilegios, perdões, etc., constituem uma das series mais interessantes e mais consultadas do Archivo, pela inesgotavel riqueza de factos, datas e noticias que encerra. Ascendem esses livros a mais de 1100, devendo observar-se que os anteriores a Affonso V não são, pela maior parte, originaes, porque, attendendo ao que lhe foi representado nas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1459, ordenou D. Affonso que, dos livros de registo de seus antecessores, se transcrevessem ou extractassem as escripturas *que sustanciaes fossem, para perpetua memoria*, desprezando-se as outras.

Não em acto continuo, mas entre 1526 e 1532, como se depreheende do confronto dos inventarios nessas datas assignados por Fernão de Pina, desapareceram setenta e seis dos antigos livros da Chancellaria, que a execução daquella providencia fizera certamente considerar inuteis, salvando-se bem poucos. Foi perda em extremo sensivel, porque muitos documentos houve que se reputaram *escusados* e de que, por isso, nem um breve summario ou extracto se exarou em os novos livros, e, dos que se aproveitaram, poucos foram transcriptos na integra.

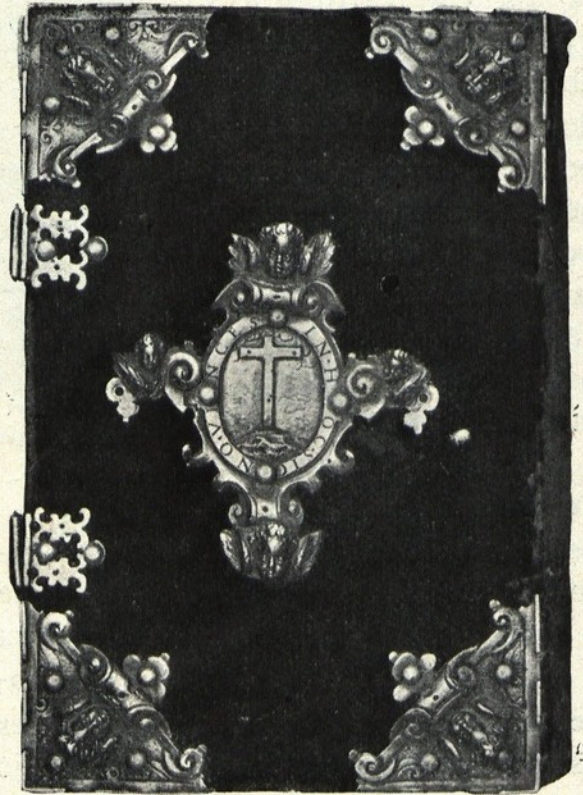
O mais antigo livro original da Chan-

cellaria regia, instituição que existia já, pelo menos, em tempo de D. Sancho I e que só foi extincta no de D. Pedro IV (D. Miguel), — pertence ao reinado de D. Affonso II, e está num dos maços de foraes, evidentemente por incompleta analyse do seu conteudo.

Os registos ou livros da Chancellaria, que, mais ou menos pontualmente, eram transferidos para o Archivo depois da morte dos soberanos, constituíam, com os das inquirições ordenadas por D. Affonso II, D. Affonso III, D. Dinis e D. Affonso IV, para conhecer das pensões e serviços a que eram obrigadas as diferentes povoações, e talvez com mais alguns, o que se denominava a *livraria*, — e, de certa epoca em diante, a *livraria velha*, — da torre do castello de Lisboa.

A *livraria nova*, formavam-na os 60 luxuosos volumes de pergaminho, illuminados, em que D. Manuel, impellido por aquelle intenso amor da arte e do fausto que dominava os principes e grandes senhores da Renascença, mandou se transcrevessem, não só documentos registados nos livros da Chancellaria, como outros, originaes, antigos e contemporaneos, dividindo-os «per livros de cada ãa comarca e cousas della, e assi dos maestrados, e outros de cousas mysticas...» São esses os livros hoje denominados da *leitura nova*, livros que, ao interesse historico, derivado da perda de muitas das peças nelles transcriptas, alliam o interesse artistico, pelos primores de calligraphia e de illuminura que encerram — embora nem todos os illuminadores, cujos nomes nos são desconhecidos, á excepção de dois (Alvarus e Antonio Fernandes), fossem igualmente peritos na delicada e encantadora arte de illuminar.

Outra serie bastante vasta é a dos livros de *registo de mercês*. Este serviço, creado em 1547, foi commettido em 1833 á Torre do Tombo, onde é



CAPA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS»  
que servia da mesa do Conselho geral do Santo-Officio  
da Inquisição

ainda hoje desempenhado, e para onde passou o respectivo archivo, que não remonta além de 1681, data em que foram devorados por um incendio os livros dessa repartição, cujas attribuições se confundiam, em parte, com as da Chancellaria.

Foge-me o espaço, e, no entanto, ser-me-hia necessario dispôr ainda de algumas columnas para enumerar, — só para enumerar, — as outras collecções e series que o nosso Archivo actualmente possui.

Recorde-se o leitor de todos os conselhos, juntas, mesas e estações officiaes que, com o antigo regime, foram extinctas; lembre-se dos numerosissi-

mos conventos e collegiadas pelo país dispersas, e talvez possa avaliar a diferença enorme entre o Archivo de hoje e o repositório de escripturas e livros por quatro seculos abrigado na *torre albarrã* do castello de Lisboa, embora (cumpre observar) nem de todas essas repartições e institutos se hajam ainda recolhido os archivos, ao que se tem opposto, principalmente, a falta de espaço.

Citarei apenas, pela sua excepcional importancia, os cartorios do Conselho geral do Santo-Officio e das inquisições, — em que o numero de processos-crimes se eleva a mais de trinta e seis mil e o de processos para habilitação de *familiares* ascende a mais de doze mil, e sem cujo exame se não póde escrever a historia social do país desde os fins do seculo xvi, até os fins do seculo xviii — o do Desembargo do Paço ou do Conselho

de Guerra, os das ordens militares de Christo, Sant'Iago e Avis, o do Ministerio do Reino (livros e documentos anteriores a 1843).

Dos archivos ecclesiasticos, fazem parte as cartas, diplomas e cartularios mais antigos, existentes no país, os mais vetustos monumentos historicos da nossa terra, dos quaes a tenacidade, a erudição e o criterio de Herculano fizeram irradiar a luz que lhe desvendou os primeiros seculos da nossa existencia nacional, seculos cuja reconstituição — tão escassos são, ainda assim, os documentos, — representa amiude uma intuição quasi prophetica do passado, e as intuições do passado são ás vezes mais difficeis, como elle proprio algures confessa, do que as intuições do futuro.

Seria indesculpavel que eu encerrasse esta noticia



PAGINAS DO «LIVRO DOS EVANGELHOS» DA MEZA CONSELHO GERAL DO SANTO-OFFICIO



PAGINAS DO MESMO «LIVRO DOS EVANGELHOS»



sem me referir, embora muito ao de leve, aos mais bellos manuscriptos illuminados que no Archivo se guardam, — biblias, missaes, evangeliarios, livros de *Horas*, livros de armaria, etc.

Fallei já da luxuosa recopilação manuelina. Apontarei agora a primorossissima *Biblia* dos Jeronymos, em sete volumes, trabalho italiano dos fins do seculo xv, expressamente feito para Portugal pelo miniaturista Vante di Gabriello Actavanti; o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo, arcebispo de Paris, cuja afinidade com a *Biblia*, sob o ponto de vista da execução, é evidente; as *Horas* del-rei D. Duarte, o *Livro da nobreza perfeiçam das armas dos reis christãos e nobres linhages... de Portugal*, de Antonio Godinho, escrivão da camara de D. Manuel; — o *Livro das fortalezas* de Duarte d'Armas (sec. xvi); — o *Livro das Aves* do mosteiro de Lorvão, interessantissimo

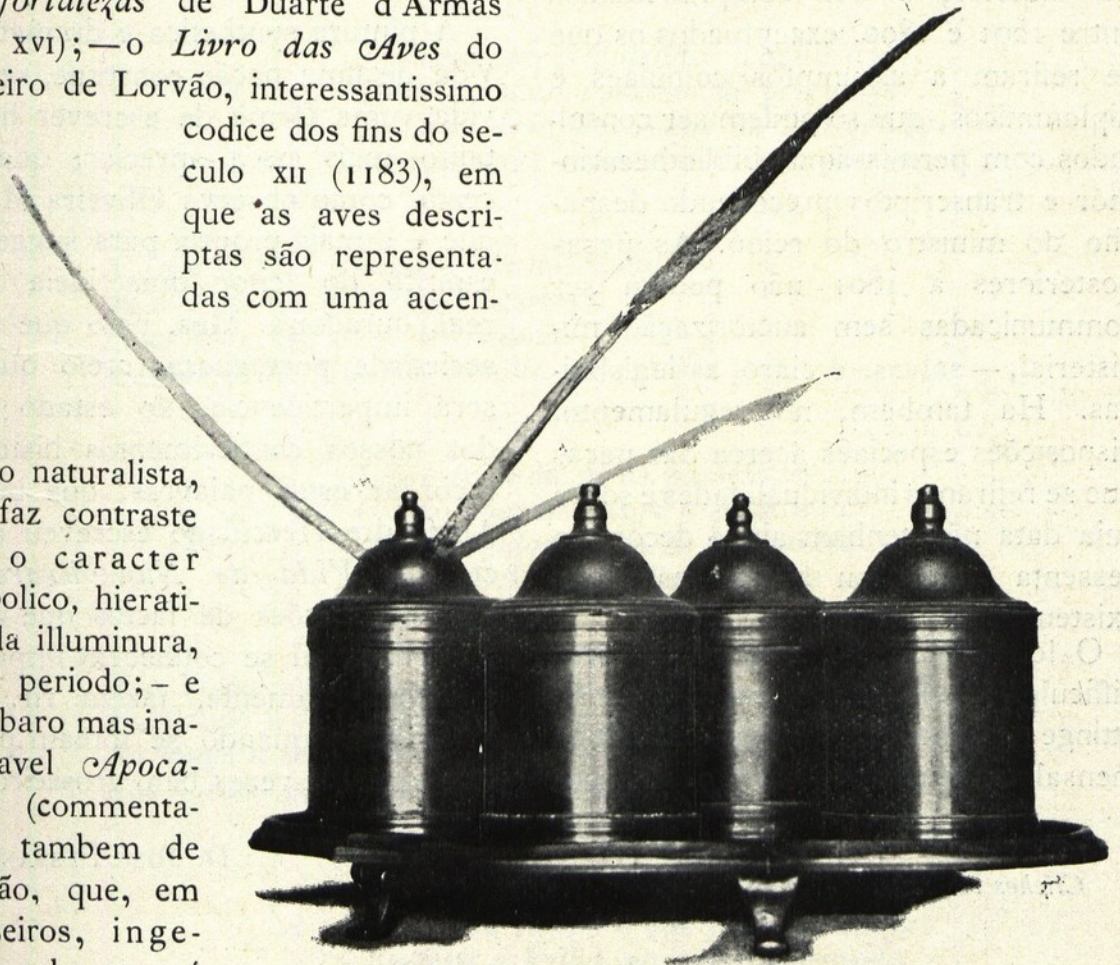
codice dos fins do seculo xii (1183), em que as aves descritas são representadas com uma accen-

tuação naturalista, que faz contraste com o character symbolico, hieratico, da illuminura, nesse periodo; — e o barbaro mas inapreciavel *Apocalypse* (commentarios), tambem de Lorvão, que, em grosseiros, ingenuos esbocetos á penna sobre fun-

dos amarellos e vermelhos, nos dá ideia da architectura, moveis, trajos, alfaias, jaezes, etc., do ultimo quartel do seculo xii (1189).

Para terminar, — *last, not least*, — citarei o celebre *Atlas* de Fernão Vaz Dourado (Gôa, 1571), que *trata de todos os reinos, terras, ilhas, que ha na redondeza da terra, com suas derrotas e alturas per esquadrias*. Truncado barbaramente, ha mais de meio seculo, por um funcionario do Ministerio do Reino, em commissão na Torre do Tombo, que lhe cortou o frontispicio e um dos mappas, contém hoje quinze cartas geographicas e tres cosmographicas.

O Archivo possui uma bibliotheca de historia, antiguidades, litteratura e



TINTEIRO QUE PERTENCEU A ALEXANDRE HERCULANO

legislação, que comprehende, além de mais de dois mil manuscriptos, para cima de quatro mil e duzentos impressos, entre os quaes alguns rarissimos, como a *Vita Christi* e outros *incunabulos* (impressões do seculo xv), a primeira edição das obras de Gil Vicente (Lisboa, 1562) e a dos *Colloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, pelo doutor Garcia d'Orta (Goa, 1563) o *Index da Livraria de Mysica do myyto alto e poderos rey Dom Ioão o IV*, etc.

\* \* \*

O actual regulamento (1902) permite, sem restricções, a leitura e extracto de codices e documentos anteriores a 1500; e faz depender de auctorização do director, a dos comprehendidos entre 1501 e 1800, exceptuados os que se refiram a assumptos coloniaes e diplomaticos, que só podem ser consultados com permissão do bibliothecario-mór e transcriptos precedendo despacho do ministro do reino. As peças posteriores a 1801 não podem ser communicadas sem auctorização ministerial, — salvas, é claro, as legislativas. Ha tambem, no regulamento, disposições especiaes ácerca das peças que se refiram a individualidades e sobre cuja data não tenham ainda decorrido sessenta annos, ou a familias ainda existentes.

O leitor decerto me acreditará sem difficuldade, se eu lhe disser que não attinge elevadas cifras a estatistica mensal da leitura no Archivo. Particu-

laridade interessante: as parcellas mais valiosas são frequentemente representadas pelos investigadores de geneologias, a quem (diga-se de passagem) os documentos reservam muitas vezes as mais amargas desillusões...

E, todavia, apesar dos trabalhos de Herculano e Gama Barros, apesar das monographias e das contribuições documentaes publicadas por alguns investigadores benemeritos e despremiados, a historia completa da civilização portuguesa, em todas as suas modalidades e em todos os seus periodos, não poderia ainda ser escripta com absoluta segurança sem longas e pacientes investigações, sem um cuidadoso esmerillar de factos, com que a nossa indole, os nossos habitos, a nossa educação intellectual nos tornam, em regra, antinomicos.

A pintura synthetica e dramatica da vida de uma nação constitue, sem duvida, uma fórmula de escrever historia tanto mais para apreciar, quanto é certo, como observa Oliveira Martins, que é a mais propria para suggerir ao espirito do leitor uma ideia nitida, real, duradoira. Mas, pelo que toca á sociedade portuguesa, creio que não será impertinencia, no estado actual dos nossos conhecimentos historicos, recordar estas palavras, que um dia Alexandre Herculano escreveu ao auctor da *Vida de Nun'Alvares*: — «Generalizações de factos que não se conhecem, ou se conhecem imperfeita e incompletamente, fazem rir, e rir ainda mais quando se tomam por factos erros ás vezes bem grosseiros».

D. JOSÉ PESSANHA.



*A Capital acorda os seus rumôres  
Saíndo dos theatros elegantes.  
Sorriem nas alcovas os amôres ;  
Beijam-se carinhosos os amantes.*

*Passam carros doirados d'opulencia,  
Envoltos n'uma nuvem de perfumes...  
A Lua é fria, e a carne da Indigencia  
Cortam seus raios, finos como gumes.*

*A Lua é fria. Emtanto vae doirando  
Os muros dos palacios e casebres.  
Pelas esquinas vê-se deslizando  
A sombra da Miséria, envôlta em febres.*

*Vão rareando já os passeantes ;  
O frio enorme rasga a pelle núa.  
Abandonados, cáem os brilhantes  
Nos guarda-joias. Brilha mais a Lua.*

*E a Velha sóbe a rua já deserta,  
Puchando á face o chaile esburacado...  
Ao longe a sentinella grita : «álerta» !  
Aos bordos passa um ébrio tresnoitado.*

*Corcovada, buscando um bem perdido,  
Ha tanto tempo e que jámais achou,  
Lembra a Velha, no corpo resequido,  
A fórma da Saudade que a beijou.*

*Vae coxeando sempre... A Lua abraça  
Num raio d'oiro a esqu'letica figura.  
No espaço paira a sombra da Desgraça,  
Como a seguir da Velha a nódoa escura.*

*E ella vae caminhando como um Sonho  
Cujó fim desconhece o que sonhou....  
Tem um ar de cançasso, um ar tristonho  
Como o ar da Saudade que a beijou.*

*Perpassa uma patrulha lentamente,  
Como a imagem do Crime, que vigia ;  
No azul sóbe o luar solemnemente ;  
Sempre, cada vez mais, a noite fria.*

*Mas a Velha não pára. Um mau destino  
Parece que a impélla a procurar  
O Seu Passado, alegre como um hymno,  
Que como um hymno se perdeu no ar.*

*Segue as ruas tortuosas e escuras ;  
Transpõe as praças negras d'arvorêdos :  
Cada bêcco é um poêma d'amarguras,  
Cada esquina um romance envolto em mêdos !*

*E sempre caminhava... Um templo esguio  
Surge-lhe á frente, cheio d'altivez.  
Tem o luar punhaes d'intenso frio :  
Sentiu a Velha, então, gelar-lhe os pés.*

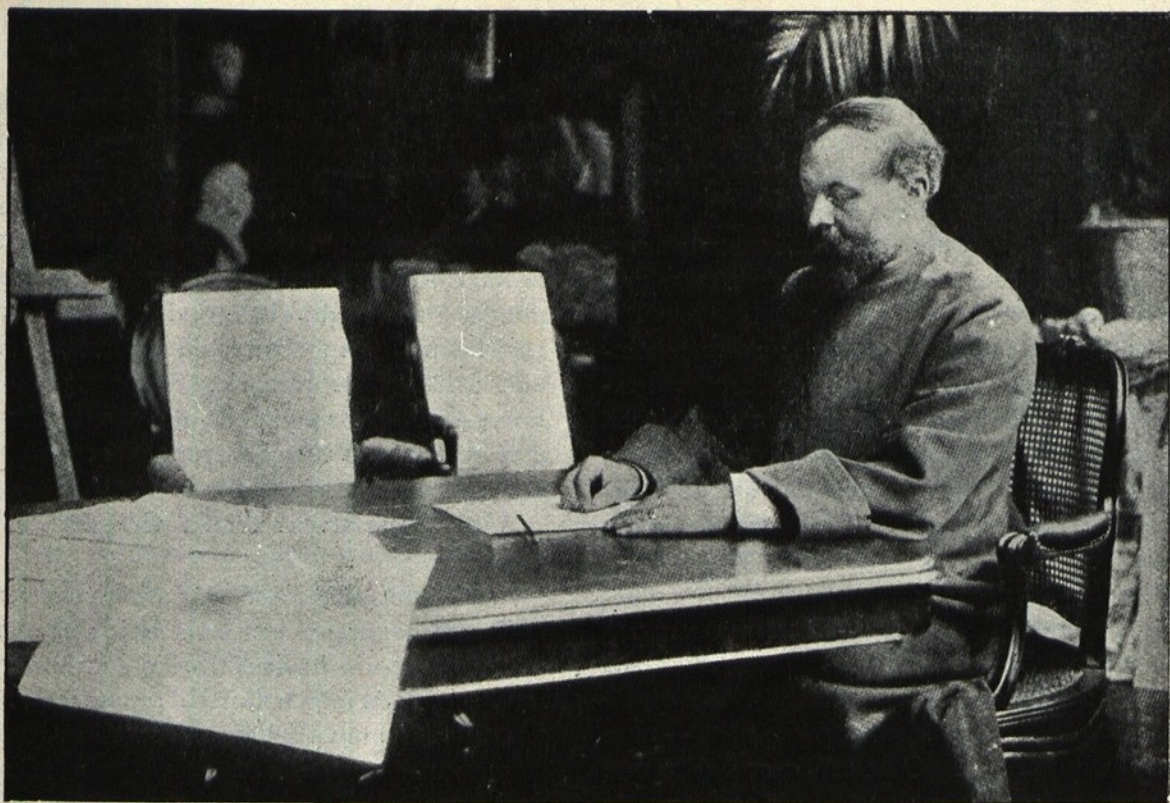
*Sentou-se nos degraus da igreja angusta,  
Tirou da face o chaile miserando,  
E como creancinha, que se assusta,  
Estremeceu, a Lua contemplando.*

*Talvez pensasse no Porvir medonho !...  
E assim quedou fitando o Azul dos Ceos,  
Repetindo a sorrir como num sonho :  
«Uma esmolinha pelo amor de Deus !»*

*A Lua-cheia, olhando docemente,  
Numa auréola doiráda a envolvia...  
Não passava na rua alma de gente ;  
Pezava a Noite, cada vez mais fria.*

Lisboa — 1904





O GRAVADOR FERNAND DESMOULINS, DESENHANDO AS NOTAVEIS IMAGENS DE ESPÍRITOS, QUE HA ANNOS FIZERAM SENSACÃO

## O mundo invisível

O artigo, que abaixo trasladamos de um magazine americano, devido á penna scintillante de Vance Thompson, resume brilhantemente o estado actual de todas as sciencias que mais ou menos se ligam com o sobrenatural. Por elle se aprecia a reviviscencia de muitas das velhas doutrinas que, sob os nomes de alchimia, magnetismo, espiritismo, diabolismo, occultismo, etc., estavam quasi absolutamente desdenhadas pela sciencia moderna. Essas doutrinas tendem a tomar um logar importante na investigação scientifica, e em todo o mundo culto se lhes presta uma attenção promettedora de pasmosas descobertas, de que algumas das recentes, com o alvoroço com que foram acolhidas, representam apenas porventura um insignificante inicio. Por todos estes motivos contamos que este curioso artigo desperte um vivo interesse entre os leitores dos «Serões», correspondendo ao nosso desejo de os ter sempre ao corrente de todo o moderno movimento scientifico.

**E**POCA de scepticismo. Pouca gente acredita em quanto não traga consigo o cunho da sciencia.

A moda intellectual está toda virada para o materialismo. Para o mais ha apenas uma incredulidade facil. E no emtanto — curioso phenomeno ! — nunca o mundo esteve tão povoado de fantasmas. Nunca prendeu tanto as attensões no occulto. Nunca poz ouvidos com mais angustiosa expectativa a essa porta cerrada, atraz da qual se alargam mysteriosos silencias — a porta do sepulcro. E por fim parece-me o facto assaz natural. Sempre em epochas de descrença, quando se enfraquecem as formulas conservadoras da fé, ha um accres-

cimo immenso de vago supernaturalismo. Foi no cynico seculo xviii, quando Voltaire vibrava sobre a religião os risos de escarneo, que dominaram no mundo os feiticeiros, os nigromantes, os magicos — todos os Mesmers e Gagliostros. O nosso novo seculo, igualmente sceptico, tem a mesma paixão do maravilhoso. Só o que mudou foi o feitio dos bruxos. O magico moderno vem do laboratorio. Fala em nome da sciencia, porque existe uma sciencia do imaterial — uma sciencia de feitiçaria — uma sciencia que tem os seus professores e as suas sociedades eruditas, os seus jornaes e os seus magazines. Até os mesmos fantasmas que apparecem nas sociedades de investigações psy-

chicas assumiram um aspecto scientifico ; já não andam a passeiar por corredores desabridos, tilintando grilhões espectraes ; exhibem-se a congressos scientificos por uma fórmula pratica e moderna. Pelo mundo fóra, os phenomenos psychicos estão sendo estudados por peritos da sciencia.

Pondo de banda as theorias, elles entregam-se á observação de factos scientificamente estabelecidos. Estendem-se os seus trabalhos desde o estudo da hypnose hysterica e da transmissão das forças psychicas até aos ranchosos mysterios de encantamentos e aparições.

E que sabem elles ?

Um homem de sciencia affirmará haver uns filamentos fluidicos que ligam os vivos aos mortos ; e depois surge a genial descoberta de Durand de Gros, as almas espinaes — nem mais nem menos ! «O animal vertebrado não é simples, mas composto, uma congerie de almas, uma associação de certo numero de in-

dividualidades que são indicadas pelas varias vertebraes».

Uma noite — noite de chuva e borrasca — sahia eu da grande sala da rue d'Athènes onde se congregavam os videntes do mundo ; extraordinarios, extraordinarios deveras esses prophetas e sabios do occulto, da theosophia, do espiritismo — negociantes de esperança, todos elles ; mais extraordinaria, se é possivel, a cohorte de anciosos mysticos que alli tinham ido a comprar uma leve esperança de immortalidade e ouvir as vozes dos mortos.

Acaso charlatães ? Acaso victimas de um logro ?

Ainda que assim fosse, era pathetico deveras ; mas este congresso era mais serio ; da clinica e do laboratorio haviam trazido a ultima palavra homens de inquestionavel reputação scientifica, taes como Richet e Maxwell e Grasset. Deram o passaporte da sciencia ás pobres das almas penadas—d'essas que apenas communicavam com os viventes por meio de pancadas nas



A GRANDE SALA DA RUE D'ATHÈNES

mezas. Passaporte grave, de ponderoso verbo, como deve ser o da sciencia, rezando pouco mais ou menos assim: «Existem espiritos; são personalidades inteligentes, extrinsecas, autonomas, como individuos humanos; de feito, são entes humanos desencorpoados, e effectuam e dirigem os phenomenos conhecidos pelo nome de psychicos, afim de se manifestarem aos viventes». Foi esta sentença emitida por homens de sciencia do mundo inteiro, reunidos em magno congresso. Deveria ter sido um momento de alegria e de orgulho para os pobres espiritos, até aqui tão chasqueados pelas suas miseras tentativas de communicar mensagens do outro mundo por meio de pancadas n'uma mezita. Pensava eu isto emquanto estava á espera de um *fiacre* defronte do grande salão da rue d'Athènes. Cahia agua a potes. Apareceu um velho professor, delegado da Sociedade de Investigações Psychicas de Nova York. Dei-lhe a hospitalidade do meu guarda-chuva.

Disse-me elle então:

— As aparições — prefiro esta palavra a espiritos ou fantasmas — mudam com os tempos. Parece que sabem de tudo. Por exemplo, n'esta epoca de sciencia, de telegraphia sem fios e clinica psychiatrica, quando existe a tendencia de as classificar como simples phenomenos subjectivos, allucinações, doença de nervos, lesão cerebral, parece que perceberam todas as objecções que a sciencia poderia contrapôr á sua existencia real. Empenharam esplendidamente a sua campanha no intuito de se fazerem conhecidas. Sabiam que a sciencia não fazia caso d'ellas. Todas as suas manifestações de nada lhes valiam. «Tudo isso», dizia a sciencia, «está fora do campo das minhas investigações. Não me importam taes cousas».

— E que aconteceu?

— Quanto maior era a pertinacia da sciencia em as tratar de resto, mais terriveis se tornaram os phenomenos psychicos, mais se alargou a fé popular n'esses phenomenos, os quaes se arrogaram o nome de scientificos na mira de attrahir os homens de sciencia. Hoje em dia ha muitas aparições que negam, ou antes pretendem negar, a sua propria existencia.

Surgem com um risinho de mofa, a dizerem: «Não façam caso; eu não passo de uma allucinação». Ah! são terriveis — concluiu o douto velhote — muito mais terriveis do que os espectros domesticos dos bons tempos.

E é facto.

Os espiritos, que vagueiam modernamente pelo mundo occulto, são fortes e terriveis.

Algo veremos das suas obras, e porventura um relance das suas lividas physionomias e das suas mãos macilentas; mas primeiro seja-me licito pedir á sciencia a sua explicação.

E que sabe a sciencia?

Talvez se convençam de que a sciencia — longe de ter banido os fantasmas do nosso mundo comezinho — se tornou ella propria mystica, fantasmagorica, eivada de bruxedos. Seria curioso, não é assim?

#### A SCIENCIA E O MUNDO OCCULTO



O MAJOR DARGET DESCOBRIDOR DOS RAIOS N

Os homens de sciencia, psychicos, experimentadores, os que se interessam pelos phenomenos psychicos, agrupam-se nas varias aggremações da especialidade. Annualmente, realiza-se um congresso. O ultimo reuniu-se em Londres — no numero 20 de Hanover Square, W. O presidente eleito foi o Dr. Charles Richet, de Paris,

sucedendo a homens tão diversamente eminentes como o Right Honourable Arthur Balfour (o ultimo primeiro ministro da Inglaterra) e Sir William Crookes. O proposito da associação é estudar por methodos positivos os phenomenos chamados mysteriosos e anormaes. O dr. Richet é um typo admiravel do investigador psychico. Está a leguas de distancia do mysticismo. Experimentador, viviseccionista, sabio, fleugmatico, inquisitivo, elle representa admiravelmente esses homens de sciencia que tomaram entre mãos o estudo do mundo invisivel. Tanta diligencia fazem para fugir á menor tinta de supernaturalismo, que puzeram de banda a velha phraseologia — espiritalismo, espiritismo e palavras que taes — e promulgaram a existencia de uma sciencia nova, scientificamente considerada. Quando nós ouvirmos o que elle tem para dizer-nos — o que ha de dizer-nos, esse barbaças fumador de cachimbo, na sua livraria da rue de

l'Université — ficaremos sabendo ao certo qual a sciencia que trata do mundo invisivel.

«Tudo é possivel; nada está provado».

A sciencia moderna alcançou o estado de graça em que se abstem de negar a aparição de fantasmas e tenta explical-os. Em clinica



CAMILLE FLAMARION FAZENDO UMA CONFERENCIA SOBRE ESPIRITISMO

É isto, creio eu, o que resumiria o seu pensar.

Durante os ultimos quarenta annos, registaram-se grande numero de experiencias, as quaes fornecem prova cumulativa; mas o *experimentum crucis*, como diziam os velhos alchimistas, a prova irrefutavel, essa ainda está para se achar. Todavia, cada anno, com o seu novo registo de experiencias, vae acrescentando á evidencia. Deve-se ter em lembrança que esta obra está nas mãos de homens da envergadura de Lombroso, Zoellner, Crookes, Lodge, de Roches, Gribier (do Instituto Pasteur de Nova York) e dezenas de outros, que não se deixam illudir por apparencias. A sciencia chegou pois ao ponto de dar importancia ao mundo que não se vê. E' esse um grande passo. Raras vezes a sciencia tem errado em se determinando a estabelecer factos; quasi sempre se tem enganado ao proclamar negações: para citar um exemplo historico, Lavoisier declarando que os meteorolithos não podiam cahir do ceu, por isso que no ceu não havia pedras.

franca, a apparencia de um espectro não iria de encontro a nenhum dos factos conhecidos da physiologia, da chimica ou da physica.

Quaes os factos definidos que tem adquirido a sciencia?

A mudança de personalidade; esse é hoje classico. A evidencia da telepathia é indubitavel. Pode isto afigurar-se uma temeraria declaração; é trivial para quem estiver em contacto com as derradeiras experiencias da clinica metaphysica. Ainda ha bem poucos annos, antes de surgir Pasteur, pareceria simplesmente disparatado quem falasse de estudar a febre typhoide ou o cholera ou a erysipela n'um laboratorio. A telepathia é uma certeza adquirida, tanto como a theoria da circulação do sangue, de Harvey, que tres academias de medicos acoimaram de impossivel.

E a explicação dos extraordinarios phenomenos: serão acaso suggestões e instigações vindas de outro mundo — intervenção dos espiritos dos mortos, de anjos ou demonios? É esta a opinião seguida por quasi todas as seitas de occultistas, d'esses que prestam culto



nas innumeradas pequenas religiões do mysticismo. A sciencia não vae tão longe. Contenta-se em declarar :

*Primo* — Existem na natureza certas forças desconhecidas, capazes de actuar sobre a materia.

(Inclue isto todos os phenomenos objectivos da metaphysica, taes como o transporte de

mas já não desconhecidas ; deu-lhes a sciencia passaportes e nomes. Seguindo pois Lombroso e Maxwell, a sciencia admitte a realidade da transmissão da força psychica. Admitte a dupla vista. Conheci um escocez que tinha essa faculdade. Era nas Hebrides. Mostrou-me um homem que passava pela rua; vestido de preto, creio que seria um mestre-escola. E o esco-



ADORADORES DO DIABO NAS CATACUMBAS DE PARIS

corpos de um para outro local, a luminosidade, etc.)

*Secundo* — Possuimos outros meios de conhecimento, além dos da razão ou dos sentidos.

(Applica-se isto aos phenomenos subjectivos da metaphysica, incluindo telepathia, dupla vista, videncia).

Por outras palavras, a sciencia reconhece a existencia de um mundo invisivel, onde vagueiam forças desconhecidas ; que fantasmagoricas cousas serão, isso ignora ella, mas sabe que são reaes, fortes e terriveis. Não são materias ; senhoreiam a materia. Forças occultas,

cez disse-me que esse homem de preto estava morto, estirado n'uma praia. E dentro de vinte e quatro horas o que elle vira tornou-se real; o cadaver do mestre-escola foi encontrado na praia, facto aliás commum por aquelles sitios. A dupla vista, e a telepathia pela qual uma personalidade communica com outra atravez do espaço infmito — velha aquisição dos magos — e a videncia que lê a carta cerrada ou o documento occulto nas entranhas escuras de um cofre de ferro — são phenomenos psychicos hoje em dia auctorizados pela sciencia.

Parece pois razoavel dizer-se que a propria

sciencia se vae tornando mystica, fantasmagorica, dada a bruxarias.

A MAGIA NEGRA E LUCIFER

Os investigadores de phenomenos psychicos estão traçando as curvas—para me servir de uma expressão mathematica—de uma sciencia nova que, longe de entrar em conflicto com elles, será o supplemento dos factos observados na biologia, na chimica e na physica. O mundo occulto não se contenta em aguardar. Agora como sempre—desde a primitiva infancia da raça humana—trata-se das obscuras e tremendas forças que enxameiam pelas fronteiras da vida. Evocam-se uma que outra vez d'essas nebulosas regiões afim de executar façanhas extraordinarias no mundo dos homens. É a esta collaboração com as forças psychicas incognitas que os nossos antepassados chamavam com razão magia. Hoje, como então, ella constitue um exercicio perigoso—o mais perfido dos intoxicantes psychicos. Tive em Paris ensejo de estudar alguns d'esses tenebrosos feitos da moderna magia. Entre os que d'ella se occupavam, contavam-se personalidades tão eminentes como Paul Adam, um dos maiores romancistas modernos, Laurent Tailhade, o poeta Edouard Dubas, Jules Bois, a actriz Suzanne Gay, e Estanislau de Guaita. Este ultimo arriscou vida e a razão nos seus conflictos com o desconhecido. O seu corpo astral era *destacavel*, como dizem os occultistas; quer dizer, a sua alma possuia a faculdade de se apartar do corpo, sem romper completamente a corda fluidica que a ligava ao corpo. Afinal esse milagre era realizado pelos feiticeiros da Edade Media. Esta perigosa pratica conduziu de Guaita á loucura e á morte; á loucura e á morte levou o poeta Dubas; e n'um dado momento houve de se internar Laurent Tailhade n'um manicomio. Recordo-me d'essas noites memoraveis em que de Guaita mandava sua alma para longe de si a travar extraordinarias pelejas. Ora o mais curioso é que Bosellau começou lá em Lyon a formular sentidos queixumes; averiguou que de Guaita lhe enviava venenos

subtis que iam dando cabo d'elle. Lembro-me de que Jules Bois tomou a defeza do sacerdote de Lyon, e bateu-se com de Guaita perto de Meudon. Uma das testemunhas era o sobrinho de Victor Hugo, Paul Foucher. A outra era Laurent Tailhade. Apesar de provirem de um espingardeiro experimentado, e terem sido carregadas por um official do exercito, só uma das pistolas é que disparou: foi a de de Guaita e a bala acertou no alvo. Jules Bois fez fogo, mas a bala não sahiu da pistola; e o feiticeiro, um magrizella de olhos azues como aço, poz-se a rir.

E n'essa noite disse:



O ILLUSTRE DR. CHARCOT

— Ora! eu fiz pacto com a população para lá da fronteira!

Suppunha elle que, em troca de certas instrucções e auxilios e o dom de certas faculdades, tinha o corpo e a alma hypothecados a essa população de alem das fronteiras como elle dizia. Pelo que dizia respeito ao corpo, referia-se elle á morte subita, essa pseudo *angina pectoris*, que levou tantos feiticeiros antigos e modernos, incluindo o proprio Charcot. Pois foi essa subita morte que com effeito o arrebatou a elle, e mais á jovial actriz Suzanne Gay, com quem

elle casara e a quem precipitara tambem na vertigem da bruxaria e da morte.

Não são reminiscencias alegres, estas. Mas podem levantar uma ponta do veu que cobre a vida occulta d'esse Paris moderno, a cidade do enigma. Querem penetrar mais avante? Pois eu rocei por tormentosas e mysteriosas aventuras n'esse mundo occulto de Paris; vi morrer gente, vi endoidecer gente no esforço de explorar a região de alem da fronteira, essa nebulosa região de superstições, de esperanças e terrores, por onde pairam as forças incognitas. Não é bom aventurarem-se por lá. Tem graves perigos a pratica da magia. E' o mais perfido dos intoxicantes psychicos.

As forças obscuras que a sciencia reconheee, mas não define, exercem uma attracção maravilhosa sobre espiritos de certa ordem. Ha dezenas de templos em que se lhes presta culto sob diversos nomes. Conheço um templosinho em Bruges onde se reúnem os adeptos de

Lucifer, e não longe do Pantheon, em Paris, existe um altar a Pandæmon. Poderá isto parecer grotesco ; talvez seja, mas é formidavel.

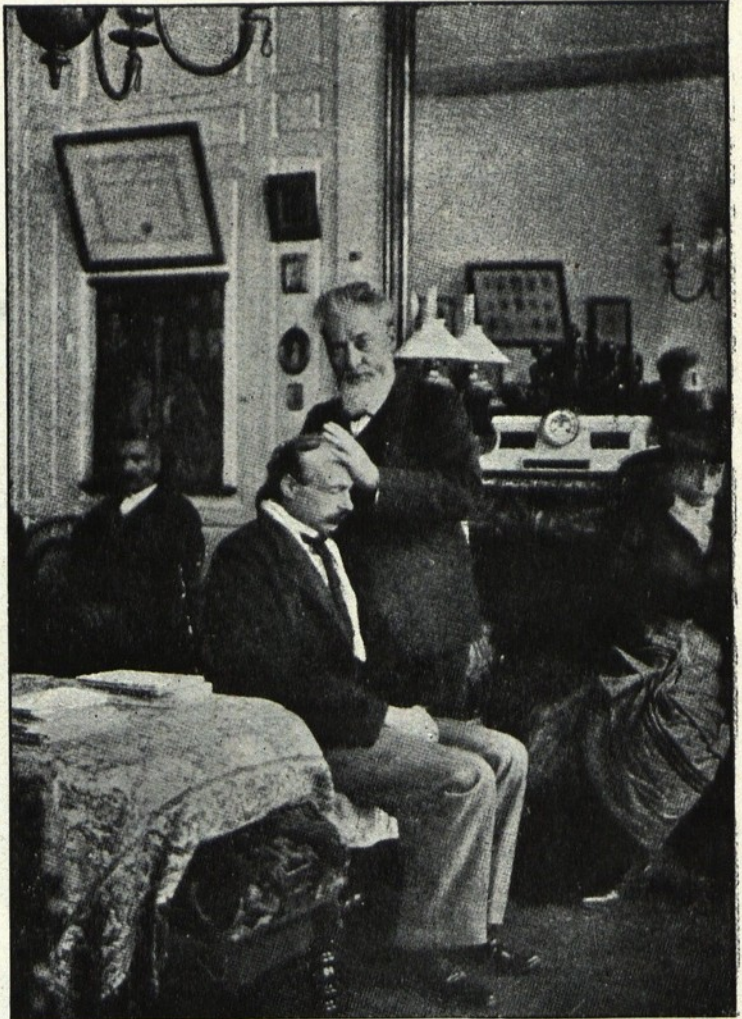
Escusado é dizer que os ritos com que se adora Lucifer estão envolvidos em grande mysterio. Ha cousa de dois annos, visitei eu uma das capellas; ficava na rue Rochecouart. Celebrou-se a Missa Negra, a qual não tenho appetite de descrever.

Era n'uma sexta-feira ás tres horas. Sobre o altar havia uma figura alada de Lucifer, entre lavaredas ; calcava aos pés um crocodilo, symbolo da Igreja. Ha poucos dias achei a capella fechada. Só depois de laboriosas indagações é que dei com o novo paradeiro dos Satanistas. A sua capella agora fica n'uma grande casa, n.º 22, da rue du Ruisseau, ainda á sombra da cathedral do Sacré Cœur em Montmartre. Satanaz continua a ser alli adorado; todas as sextas-feiras, reúnem-se alli os Luciferianos. Podia nomeiar muitos d'elles, homens bastante conhecidos nas profissões cultas. Alguns d'elles teem sufficiente influencia para alcançar uma que outra vez direito de entrar pela noite adiante nas catacumbas ; ahi, entre caveiras e ossadas, em orgias que não me apraz descrever, teem adorado o espirito do Mal, evocando Baphomet, e Lucifer e Belzebuth e Astaroth e Moloch, com gritos e gemidos hystericos. Esta tentativa de restabelecer a adoração do Archanjo Cahido é, creio eu, a mais notavel manifestação do occultismo moderno.

#### MERCADORES DE ESPERANÇA, E ESPIRITISTAS

Chiromantes, astromantes, somnambulistas, cartomantes, videntes, são estes os humildes traficantes de esperança ; por uma chapa de prata ou por uma moedita de ouro, mercadejam aos curiosos o futuro em retalho. Nunca em tempo algum houve tal enxame d'elles nas grandes cidades. Por mais pobre que seja, não ha aldeiola sem a sua bruxa. Não é mais crente a creada de servir do que a rainha. O Czar não é o unico discipulo de Philippe, o propheta hypnotico ; outros mais tem este en-

contrado nas côrtes de Austria e da Inglaterra. Onde a realza antiga tinha o truão e o astrologo, tem hoje o seu nigromante. Às vezes



O PROFESSOR DARVILLE, UM DOS CHEFES DA ESCOLA MAGNETICA

homens, quasi sempre mulheres, estes prophetas e prophetizas teem na ponta da lingua toda a gerigonça da nova sciencia do maravilhoso. O velho methodo de deitar cartas acha-se complicado com lethargia magnetica. A dupla vista e a videncia decoram-se de theorias da exteriorização da intelligencia. A astrologia encontrou novos apologistas scientificos. O dr. Gillespie e o estadista Balfour verificaram os efeitos das constellações sobre a saude physica; é um passo á retaguarda para a crença dos antigos astrologos ; a lua, que tão poderosa influencia exerce nas marés, nos doidos e nos amantes, tem affinidades proximas com as estrellas. E o mundo atropella-se em volta do astromante; revestido de azul, elle pousa perto da sua esphera celeste, no quarto pintado de

azul, com mobilia e cortinados azues, tudo alli azul, que é a côr do ceu; e dos labios ciciantes escoam-se os presagios das estrellas.

Encontrei uma tarde o astromante, que não envergava então o traje profissional, em casa do magnetizador Jacob. Um dos *sujets* de Jacob era uma dama baixinha, de olhos pretos. Desejava saber o que lhe reservava o futuro. Deu ao astromante a data do seu nascimento; e elle ficou a scismar por uns instantes. Por fim disse:

sivel, precipitaram-se em tropel sobre a misera mulher e laceraram-na com unhas e dentes. A victima foi levada para o hospital, com a carne aos farrapos. Ignoro se morreu; mas occorreu-me á memoria o presagio do astromante. Coincendencia? Seria.

Faz-me lembrar a «coincendencia» do velho sabio Chevreul, que viveu cem annos de scepticismo. «Eu não acredito senão em factos», era a sua phrase predilecta; e foi n'essa vida de ver e crer que uma vez irrompeu, não sem



O PROFESSOR NOISSAN, DO INSTITUTO DE PARIS, ALCHIMISTA MODERNO

— Minha senhora, acautele-se dos animaes ferozes!

A tal damasinha desatou a rir logo, com os olhos negros a fuzilarem zombarias; realmente não são poucos os perigos em Batignolles, mas não consta que andem por lá tigres nem pantheras a vadiar. Nós começámos a troçar do propheta, e elle, que era um camponio de aspecto extranho, um visionario, não encontrou replica á troça. Quasi um anno depois, li eu a noticia de um espectáculo tragico no Cirque d'Hiver. Exhibia-se n'uma jaula de feras uma creatura n'um estado de transe hypnotico. Durante algumas noites, os bichos respeitaram essa catalepsia com apparencias de morte. Mas uma vez, sem explicação plau-

ironia, um d'esses espectros modernos e scientificos de que me falara aquella noite o professor americano, na rue d'Athènes. Chevreul estivera a trabalhar até altas horas da noite. Levantou-se para ir do gabinete para o quarto de cama. E viu então, viu distinctamente, a porta do quarto obstruida por uma especie de fantasma. Estava alli erecto e immovel. O velho sabio não se assustou. Olhou para o relógio.

— Duas e tres quartos da madrugada.

Depois examinou o fantasma, voltou á meza de trabalho e escreveu:

«Uma especie de cone truncado, tendo em cima uma esphera».

Em seguida, passou atravez do espectro e foi-se deitar. Na manhã seguinte, soube que, á

hora marcada, morrera um amigo seu, que não via ha annos, e lhe tinha legado a sua livraria.

— Coincidencia ! — disse o velho Chevreul.

Os nigromantes modernos fazem principalmente negocio em esperanças e consolações ;



CURIOSA PHOTOGRAPHIA DE UM ESPIRITO  
AUTHENTICADA PELO CORONEL DE ROCHAS

enchem o futuro de brilhantes perspectivas e de uteis advertencias ; trazem recados dos mortos que o amor não olvidou ; não se pode dizer que causem grande prejuizo. Paris, a cidade da luz e do riso, está semeada de templos espiritistas. Ha um notavel na rue Saint Jacques; outro fica na rue des Martyrs. Todos elles em peso derivam das irmãs Fox, as quaes assombraram Nova York ha cousa de meio seculo. Entre os fieis ha homens como Sardou, que é por signal um excellent medium, e Saint-René Taillandier, o enviado francez a Marrocos, e Camille Flammarion. A dar-se-lhes credito—e porque não ? — os espectros são mais activos no descrente Paris do que em qualquer outra cidade, hoje em dia. O novellista Jean Lorrain assegurou-me que a sua actividade é uma ameaça á vida usual e quotidiana. Por muito tempo elle os evocou, e os fantasmas compareceram ; agora apparecem de seu motu proprio ; ás escuras, sente a cada instante mãos frias a pousarem-lhe no corpo. E Paulo Adam, eminente e serena individualidade, foi durante um anno importunado com ataques de larvas,

as quaes lhe segredavam suggestões perturbadoras.

O espiritismo é o successor do occultismo medieval e da magia, mais velha ainda. Hoje a sciencia, sem lhe acceitar as manifestações, trata de as estudar ; e n'essas aguas turvas se tem pescado quasi todos os factos sobre os quaes se funda a metapsychica moderna. Como o magnetismo, o espiritismo tem chamado a attenção dos medicos para os phenomenos do somno por inducção e tem fornecido muitos dos dados para o estudo da hypnose e da suggestão. Os mediums, que crêem, como as antigas pythonizas, serem possuidos de extranhos espiritos, tem servido para o estudo da mudança de personalidade e da telepathia. Tem-se verificado que os prodigios, diabolicos e divinos, registados em todas as religiões primitivas, não eram tão fabulosos como os criticos suppunham. Em todo o caso, a sciencia admite a existencia de uma força — chame-se ella psychica como Crookes, neurica como Baretz, vital como Baraduc, ou odica como Reichenbrach — uma força susceptivel de medida e descripção, que impressiona a chapa photographica, que emana de todos os entes vivos, que actua a distancia, que salva ou destroe. Conheceu-a Platão. Fizeram uso d'ella grandes bruxos como Cardan. Exploraram-na com abusões charlatães como Cagliostro. A ultima palavra pertence aos homens de sciencia.

Uma força, disse eu, que impressiona a chapa photographica.

Sir William Crookes photographou a sua assistente espectral, Katie King ; e tenho deante de mim uma curiosissima photographia de uma mulher nova, sentada á meza, de livro aberto, por detraz da qual se lobra uma vaga figura fantasmagorica de mulher encapuzada. Authentica esta photographia o coronel de Rochas, da Escola Polytechnica da França. Fazia elle parte de uma commissão scientifica encarregada de verificar este caso curioso.

Mais interessante sob o ponto de vista scientifico é a obra do major Darget, do regimento 3 de couraceiros, aquartelado em Tours. Foi elle quem descobriu os raios N. Note-se que a principio a theoria dos raios N não foi acceite pela Academia das Sciencias de França, quando apresentada por Mr. Blondlot com provas insufficientes. As experiencias do major Darget impuzeram a sua acceitação. Sem entrar em longas explanações, pode dizer-se que a sciencia espera muito da photographia fluidica. E

que veem a ser esses raios N? Uma luz, está claro; chama-lhe o major Darget magnetismo humano. N'um aposento ás escuras, premindo de encontro á testa uma pellicula photographica, e até sem contacto, conseguiu elle a imagem do objecto em que se concentravam seus pensamentos — por exemplo, uma cabeça de satyro. Umhas moedas, collocadas sobre uma pellicula n'um banho ás escuras, foram photographadas pelo contacto dos seus dedos magneticos. E eu vi uma photographia extraordinaria da colera — uma borrasca tremenda, traçada em linhas lividas.

Que cousas adquiriu de novo a sciencia?

Isto, que é muito: o fluido magnetico ou vital deixa vestigios na pellicula photographica; collocada sobre um cadaver, a pellicula não é impressionada. E uma das vantagens d'esta descoberta é pôr cobro aos enterramentos prematuros. As deducções tiradas pelo major Darget são as seguintes: O fluido vital parece ter o seu reservatorio no cerebro; d'ahi circula pelo corpo pelos canaes nervosos, sobretudo até ás pontas dos dedos; parece ser tanto positivo como negativo; envolve o corpo como o magnetismo mineral envolve o aço, e é este envolvero que constantemente absorve o fluido universal, que o digere e o vitaliza. Ora a atmosphaera, que é um mineral, absorve igualmente o fluido universal e liberta-o sob a forma de electricidade. O mesmo acontece com o fluido vegetal. O major Darget tem magnetizado plantas, forçando-as a um desenvolvimento muito superior ao das suas visinhas no mesmo solo e sob o mesmo sol. As investigações n'este sentido podem levar o homem de sciencia a verdades ainda mais extranhas.

Em França, foi Allan Kardec que deu ao espiritismo uma philosophia e um credo, declarando-se pela existencia de Deus, pela immortalidade da alma, pela persistencia da indi-

vidualidade e por existencias multiplas, uma ascensão a través de muitas vidas até á extrema perfeição; e principalmente, affirmando a certeza da comunicação entre os vivos e os mortos. O seu mais conspicuo discipulo foi P. G. Leymarie, cujo filho está hoje á testa da organização espiritista, cujo quartel general é na rue Saint Jacques, n.º 42. Ligada a esta instituição, ha uma junta de peritos espiritas que averigua da authenticidade das manifestações de toda a especie: aparições, comunicações por pancadas, photographias de espiritos, etc. Mr. Leymarie tem desmascarado uma sucia de burlões; mais de uma vez tem a photographia á luz artificial desvendado as trapaças de um medium, revestido de um manto phosphorescente ou manipulando uma mascara. O espiritismo francez é uma sciencia positiva; e se tem por mira fornecer provas materiaes e palpaveis da existencia da alma, é implacavel na revelação da fraude.

Um seita importante de occultistas é a dos martinistas, de que é chefe o Dr. Encausse («Papus»). A ordem foi fundada por Claude de Saint-Martin, e o templo fica na rue Segulier, n.º 13, no Bairro Latino; templo extranho, com uma esphyngue na presidencia e cheio de inscrições cabalisticas. A associação tem-se espalhado pelo mundo inteiro. O Dr. Encausse não é só proficiente em magia occulta; é tambem um experimentador magnetico. A École

Magnétique do Dr. Durville é situada na rue Saint Merri, n.º 25; ahi se curam homens e mulheres pela apposição das mãos. É a applicação pratica da theoria do major Darget sobre os fluidos magneticos — a cura pelos raios N.

Epoca extraordinaria esta em que vivemos!

Os fantasmas arrostam com a machina photographica, segundo affirma Sardou; veem ter com Mr. Fernand Desmoulins, quando elle está sentado, de



SÉDE DOS ESPIRITISTAS EM HANOVER SQUARE, LONDRES

olhos vendados, no seu gabinete, e guiam a mão que lhes desenha as physionomias espectraes. Houve outro homem a quem succedeu o seguinte: sobre gesso macio, em frente d'elle e de outros, os espiritos deixaram a impressão das suas mãos e das suas physionomias, mascaradas não de mortos, mas de espiritos. Epoca extraordinaria esta! E tudo o que se pode dizer é que estes phenomenos e outros quejandos, que d'antes levavam á fogueira os feiticeiros, estão hoje admittidos dentro da esphera das investigações scientificas.

Falando-se de fantasmas, houve quem perguntasse a um sabio americano, o Dr. Johnson, se elle acreditava na immortalidade da alma.

O Dr. Johnson abanou a cabeça encanecida. — Gostava de ter mais provas — replicou elle.

Foi n'esta mira que os sabios modernos se abeiraram da questão do mundo invisivel e da acção das forças occultas. Estão colligindo provas. Uma cousa sabem apenas, por emquanto: tudo é possivel.



## Segundo Concurso Photographico dos «Serões»

### Menções Honrosas



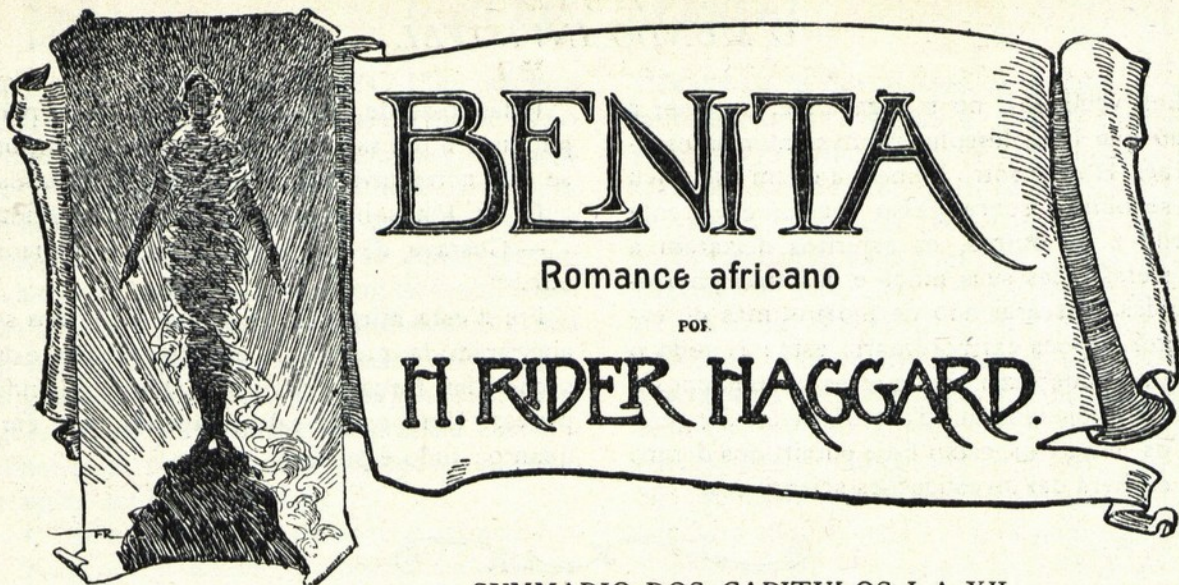
Da cá o pé

Photographia do Sr. A. Bãrcia.



Excursão em automovel

Photographia do Sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho.



## SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XII

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reúne-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cair n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquisas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna.

### CAPITULO XIII

#### Planos de fuga



A manhã seguinte, enquanto cozinhava o almoço, Benita viu Jacob Meyer sentado n'um pedregal, a pouca distancia, taciturno e descoroçoado. Tinha o queixo pousado na mão, e espreitava-a com persistencia, sem desfitar os olhos do rosto d'ella. Benita sentiu que elle

estava concentrando sobre ella a sua vontade; que lhe occorrera ao espirito alguma ideia nova a seu respeito; porque uma das suas afflicções era possuir a faculdade de interpretar aonde visavam os pensamentos d'aquelle homem. Por muito que o detestasse, havia entre elles esse curioso vinculo.

Não deve esquecer que, na noite em que elles primeiro se encontraram na crista do Leopard's Kloof, Jacob a tinha alcunhado de «emissaria de pensamentos», e Benita havia-se compenetrado pela convicção da sua intimi-



dade mental. D'esse dia em deante, fôra o seu principal desejo correr uma parede entre os espiritos de ambos, isolar-se d'elle e isolal-o d'ella. A tentativa porém nunca foi coroada de exito completo.

Apoderou-se d'ella o medo e a repulsão, emquanto, curvada sobre o lume, sentia os olhos negros do judeu a perscrutarem o seu intimo. Benita formou uma resolução repentina. Iria supplicar ao pae que a levasse d'alli para fóra.

É evidente que uma tal tentativa seria terrivelmente perigosa. Dos matabeles não havia indicios; mas era possivel que elles andassem por aquelles arredores, e, ainda quando se pudesse ajuntar gado sufficiente para a tracção do carro, esse gado tanto pertencia a Meyer como a seu pae, e deveriam portanto deixar-lh'o a elle. Restavam comtudo os dois cavallos, que o molemo lhe affirmara estarem sãos e irem engordando.

N'este momento levantou-se Meyer e começou a falar-lhe :

—Em que está pensando, Miss Clifford?— perguntou elle com a sua voz branda e estrangeirada.

Ella estremeceu, mas redarguiu com bastante vivacidade :

—Na lenha que está verde, e nas costelletsas de cabrito que se estão enchendo de fumo. O sr. Meyer não está já farto de cabrito?— acrescentou ella.

Elle esquivou-se á pergunta.

—Miss Clifford é tão bondosa... affirmo-o convicto... tão verdadeiramente bondosa, que não devia pregar umas petasinhas mesmo a proposito de ninharias. A lenha não está tal verde; fui eu proprio que a cortei de uma arvore morta; e a carne não está enfumada; nem era em taes bagatelas que estava pensando. Estava pensando em mim, como eu estava pensando em Miss Clifford; mas o que tinha exactamente no pensamento, isso é que eu d'esta vez ignoro, e é isso que lhe peço o favor de me dizer.

—Ora essa, sr. Meyer!—redarguiu ella có-rando muito—O meu pensamento é propriedade minha exclusiva.

—Ah! sim? Pois eu sou de outra opinião. O seu pensamento é propriedade minha, assim como o meu é propriedade sua. Foi um dom com que a natureza nos brindou a ambos.

—Dispensava similhante dom — respondeu ella.

Mas ainda n'aquelle momento, por mais que ella o desejasse, não se atreveu a dizer uma mentira, e a negar essa horrivel e secreta intimididade.

—Sinto muito, porque o considero preciosissimo: uma preciosidade maior ainda que o thesouro que não podemos alcançar; porque é esse dom que me aproxima mais e mais de Miss Clifford.

Ella encarou-o com ar irritado, mas elle pegou-lhe na mão e continuou:

—Oh! não se zangue commigo, e não tenha medo que eu a importune com phrases amaveis, emquanto não chegue tempo em que Miss Clifford seja talvez quem deseje ouvil-as. Mas quero notar-lhe uma cousa. Não acha maravilhoso que os nossos espiritos assim estejam afinados, e não haverá n'isto algum proposito? Se eu tivesse as suas crenças, diria que o céu influe sobre nós... não, não responde que a influencia provém de baixo. Não me envaideço por lhe ler nos labios esta resposta, que afinal é simples e obvia. Satisfaz-me comtudo em dizer que a influencia vem do instincto ou da natureza, ou, se mais lhe agrada, do destino, apontando-nos a estrada pela qual juntos devemos chegar a grandes fins.

—A minha estrada, percorro-a eu sósinha, sr. Meyer.

—Isso sei eu, e isso é que é pena. O que prejudica as relações entre homem e mulher é não haver n'um milhão de casos mais do que um em que elles se comprehendam mutuamente, ainda que se amem. Por mais que os olhares se procurem, que as mãos e os labios se juntem, elles permanecem apartados e muitas vezes antagonicos. Não ha communhão das almas. Mas quando succede o contrario, quando por acaso elles um ao outro se completam, quando, por assim dizer, foram talhados da mesma rocha, oh! então que felicidade será a d'elles, que horisontes se lhes abrem!

—É possivel, sr. Meyer; mas, para falar com franqueza, essa questão não me interessa.

—Por ora; mas tenho a certeza que um dia a ha de interessar. Entretanto, devo-lhe desculpas por ter a noite passada perdido a tramontana na sua presença. Não faça juizos ruins a meu respeito; estou completamente extenuado, e aquelle velho imbecil incommodou-me com a séga-réga dos espectros em que eu não acredito.

—N'esse caso porque se irritou tanto? Pa-



VIERA ALI NO PROPOSITO DE OBSERVAR SE SERIA POSSIVEL FUGIR...

rece-me que seria mais razoavel deitar essas falas ao desprezo, em vez de fazer... o que fez.

—Palavra de honra! Parece-me que a maior

parte da gente tem medo que a obriguem a aceitar aquillo que recusa. Estes pardeiros bolem com os nervos, Miss Clifford, tanto com os seus como com os meus. É-me licito

dizel-o abertamente, porque sei que o sabe. Ora pense no que isto lembra: todos os crimes aqui commettidos durante seculos e seculos, todos os soffrimentos que se teem aqui padecido. Sem duvida que n'esta caverna ou fóra d'ella se offereceram sacrificios humanos; esse grande circulo de rocha crestada deve ter sido o sitio em que se accendiam as fogueiras. E depois esses portuguezes a morrerem á fome com milheiros de selvagens a espreitarem-lhes a agonia. Já pensou bem no que isto significa? É claro que pensou, porque, como eu, é dominada pela praga da imaginação. Deus do céu! que admira que isto bula com os nossos nervos? Sobretudo não se encontrando aquillo de que se anda á cata, esse opulento thesouro—e o seu rosto assumiu uma expressão de extasi—que ainda virá a ser seu e meu para nos tornar grandes e felizes.

—Mas que por enquanto apenas me torna um bicho de cozinha muito pouco feliz—replicou Benita alegremente, por sentir os passos de seu pae—Não fale mais no thesouro, sr. Meyer, aliás desavimo-nos. Já basta nas horas em que andamos a mourejar em busca d'elle, pois não acha? Dê-me o prato, faz favor? As costelletas estão passadas, até que emfim.

Comtudo, Benita não podia ver-se livre da ideia do thesouro; logo depois de almoço recommearam as pesquisas interminaveis e improficuas. Mais uma vez se sondou a caverna, e outras cavidades se descobriram em que os dois homens trabalharam com afinco. Conseguiu-se em tres dias romper outras tantas, as quaes, como a primeira, se descobriu serem sepulturas; a differença era que d'esta vez pertenciam a gente que morrera talvez antes do nascimento de Christo. Eram corpos que jaziam deitados de ilharga, com os ossos queimados pelo cimento quente que sobre elles se lançara, com as suas varas de castão dourado nas mãos, os seus travesseiros de madeira revestida de ouro, como os usados pelos egypcios, braceletes de ouro nos pulsos e nos tornozelos, bolas de ouro por baixo d'ellas tombadas das apodrecidas bolsas que em tempos lhes pendiam dos cintos, vasos de fina louça vidrada que tinham estado abarrotados de ofertas, ou em certos casos de ouro em pó para pagar as despezas da jornada pelo outro mundo, disseminados em torno d'elles, e outros objectos.

No seu genero, estas descobertas eram de bastante riqueza; só de um dos sepulcros ex-

trahiram elles cento e trinta onças de ouro, não falando do seu extraordinario interesse archeologico. Mas não era isto o que elles procuravam, esses thesouros açambarcados no Monomotapa, que os foragidos portuguezes haviam trazido comsigo e tinham enterrado n'aquella sua derradeira morada.

Benita deixou de tomar o minimo interesse no assumpto; nem sequer se deu ao trabalho de ir examinar o terceiro esqueleto, apesar de ser quasi o de um gigante, e, a julgar pela quantidade de ouro que levará para a cova, pessoa de elevada categoria na sua epocha. Teve a impressão de que nunca mais em sua vida desejaria ver mais ossos humanos ou mais contas ou dices antigos: ser-lhe-hia cem vezes mais agradável o espectáculo de uma rua londrina em tempo de neveiro, de uma simples montra de quinquilharias em Westbourne Grove, do que a vista d'esses preciosos destroços, que poriam em alvoroço, caso os conhecessem, metade das sociedades doutas da Europa. O que ella desejava era ver-se bem longe de Bambatse, das suas prodigiosas fortificações, do seu mysterioso obelisco, da sua caverna, dos seus defuntos e... e de Jacob Meyer.

Benita estava de pé no topo da muralha da sua prisão e contemplava com ancia saudosa o campo livre que em volta se estendia. Aventurou-se até a subir a escada do imponente cone de granito, e sentou-se na depressão em fórma de taça que se cavava no cimo, d'onde Jacob Meyer a chamara para ir partilhar do seu throno. Era uma posição de causar vertigens, porque a pilastra debruçava-se para fóra e o seu extremo salientava-se da rocha escarpada, de fórma que abaixo d'ella havia simplesmente um salto de cento e trinta ou cento e quarenta metros sobre o leito do Zambeze. A começo esta grande altura fel-a quasi desfallecer. Entonteceu-se-lhe a vista, coaram-se-lhe pela espinha umas desagradaveis tremuras, e folgou em baquear no chão, d'onde sabia que não poderia cahir. Gradualmente, comtudo, revigoraram-se-lhe os nervos, e ella conseguiu estudar o maravilhoso panorama do rio e dos paues e das montanhas da outra margem.

Porque ella viera alli no proposito de observar se acaso não seria possivel fugir rio abaixo n'uma canoa ou n'uma das almadias indigenas, usadas pelos makalangas na pesca ou na travessia do rio. Apparentemente era im-

possível, porque, embora o rio n'aquelles sitios fosse bastante sereno, a cousa de uma milha para juzante começava uma cataracta que se estendia até onde a vista d'ella alcançava, marginada de ambas as bandas de montes pedregosos cobertos de arvoredos, sobre a qual, ainda que elles arranjassem remadores, não havia meio de levar uma embarcação. Isso já ella tinha aliás ouvido dizer ao molemo, mas, conhecendo a sua indole timida, quizera ajuizar por seus proprios olhos. A conclusão era pois esta: a evadirem-se, só poderiam fazel-o a cavallo.

Benita desceu do cone e foi procurar seu pae, a quem por emquanto nada communicára dos seus planos. Era excellente o ensejo, porque sabia que elle estava só. N'essa tarde, Meyer tinha com effeito descido do monte, na mira de convencer os makalangas a que lhes fornecessem dez ou vinte homens para os ajudarem nas excavações. Não deve esquecer que n'este empenho já falhara com relação ao molemo, mas Meyer não era homem que facilmente largasse uma ideia, e suppunha que, se pudesse falar a Tamas e a alguns dos outros chefes, conseguiria por peita, ameaças ou quaesquer outros meios que elles puzessem de parte os seus supersticiosos terrores e os ajudassem nas pesquisas. Mas o que é facto é que as suas instancias não tiveram exito, porque todos á uma declararam que a entrada no local sagrado seria para elles a morte, e que a vingança do céu recahiria sobre a sua tribu, aniquilando-a de lés a lés.

Clifford, a quem o peso dos trabalhos começava a acabrunhar, aproveitara-se da ausencia de Jacob, arvorado em mestre de obras, para dormir um somno na cabana que elles haviam construido á sombra de um baobab. Á chegada d'ella, sahia elle da cabana a bocejar, e perguntou-lhe onde tinha estado. Benita disse-lh'o.

—É uma altura de causar vertigens—disse elle—Cá por mim nunca me aventurei a lá ir. Que foste tu lá fazer, filha?

—Observar o rio emquanto Meyer estava ausente, meu pae; porque se elle acaso me visse, logo suspeitaria do motivo; até não se me daria de apostar que elle a estas horas já o suspeita.

—Que motivo é esse, Benita?

—Calcular se seria possível uma evasão pelo rio abaixo n'uma embarcação. Mas não creio que seja. Para a banda de baixo são tudo

rapidos, com montes e penhascos e arvores de uma e de outra margem.

—Que precisão tens tu de te evadir n'este momento?—perguntou elle fitando-a com curiosidade.

—Que precisão tenho? Toda—respondeu ella com vehemencia—Detesto este sitio; é uma prisão, e abomino sequer ouvir falar no thesouro. Além d'isso...

E Benita suspendeu-se.

—Além d'isso, o quê, minha querida?

—Além d'isso—e a voz d'ella desandou n'um murmurio, como se receiasse que elle a ouvisse mesmo lá da falda do monte—além d'isso tenho medo de Meyer.

Esta confissão não pareceu surprehender seu pae, o qual acenou simplesmente com a cabeça e disse:

—Continua.

—Meu pae, eu supponho que elle vae caminhando para a loucura, e não é agradável para nós ficarmos aqui encarcerados a sós com um doido, especialmente depois de elle ter começado a falar-me pelo modo por que o faz agora.

—Dar-se-ha o caso que elle tenha sido descortez para contigo?—exclamou o velho ruborizando-se n'um impeto—se assim é...

—Não, descortez não foi... por ora—e contou-lhe o que se passara entre ella e Meyer, accrescentando—A verdade, meu pae, é que detesto esse homem, e que não desejo relações de tal especie com homem algum; tudo isso para mim acabou-se de vez—e soltou um suspiro que parecia vir-lhe do intimo—E no emtanto, parece que elle está alcançando não sei que poder sobre mim. Segue-me com a vista, perscruta-me o pensamento, e eu sinto que elle vae adquirindo a faculdade de o ler. Não posso supportar mais isto. Meu pae, meu pae, pelo amor de Deus, leve-me para longe d'este odioso monte e do seu ouro e dos seus cadaveres, e vamos outra vez gosar o ar livre do *veld*.

—Quem me dera a mim, minha querida filha!—redarguiu elle.

—Estou fartissimo d'este terrivel chicote queimado em que me metti, que parvo que fui! por ambição de riqueza. Começo deveras a acreditar que, se isto continua assim muito tempo, deixo aqui os ossos, olá se deixo!

—E se esse horrendo caso se desse, que seria de mim, sósinha com Jacob Meyer?—perguntou ella serenamente—É possível que me

visse forçada a ter sorte igual á d'essa pobre rapariga, ha duzentos annos !

E apontou para o rochedo atraz d'ella.

—Pelo amor de Deus, não digas tal!—ata-  
lhôu elle.

—Porque não ? É preciso ter coragem para encarar as eventualidades. Antes isso do que Jacob Meyer ; e quem me protegeria aqui contra elle ?

Clifford passeiou de um para outro lado alguns minutos, enquanto a filha o encarava com anciedade.

—Não me occorre plano algum—disse elle, estacando em frente d'ella—O carro, não podemos lançar-lhe mão, ainda quando houvesse bois bastantes para o puxar, porque é tanto d'elle como meu, e eu estou persuadido que elle nunca renunciará ao thesouro, a não ser que o levem d'aqui para fóra.

—E estou que não o serão capazes de o levar. Mas, meu pae, os cavallos pertencem-nos; foi o d'elle que morreu, recorde-se. Podemos ir de cavalgada por ahi fóra.

Elle encarou-a fito e respondeu :

—Podemos, ao encontro da morte. Imagina que os cavallos adoecem ou se estropiam; imagina que nos encontramos com os mata-beles, ou que não nos apparece caça nenhuma; imagina que um de nós cae doente... ah! centos de cousas. Que ha de ser de nós ?

—Deixal-o ! Tanto nos faz morrer no meio do sertão como aqui, onde corremos perigos quasi eguaes. Entreguemo-nos á sorte, e confiemos em Deus. Talvez que nos valha a sua misericordia. Escute, meu pae. Amanhã é domingo, e nenhum de nós trabalha. Mas Meyer é judeu, e não desperdiça um domingo. Muito bem ! Eu tenciono dizer que preciso descer á cerca exterior para buscar alguma roupa que deixei no carro e levar outra ás lavadeiras indigenas. É claro que meu pae ha de acompanhar-me. É provavel que elle se deixe lograr e fique cá por cima, demais a mais tendo descido hoje á povoação. Podemos então arranjar os cavallos e espingardas e munições, e os mantimentos que pudermos levar, e convencer o velho molemo a que nos abra a porta da cerca. Percebe ? O postigo que não se vê cá de cima. Antes que Meyer extranhe a nossa falta e venha espreitar o que se passa, podemos nós estar a cinco ou seis leguas de distancia, e os cavallos não podem ser alcançados por um homem a pé.

—Ha de dizer que nós o abandonámos, e diz a verdade.

—Meu pae póde deixar uma carta ao molemo explicando que a culpa é minha, que me sentia adoentada e com receio de morrer, que não seria justo pedir-lhe que nos acompanhasse, perdendo o thesouro que d'esta fórma lhe fica pertencendo até á ultima mealha. Vamos, meu pae, não esteja com mais hesitações ; resolva-se a levar-me para longe d'esse homem.

—Pois seja!—redarguiu Clifford, no momento em que, ouvindo rumor de passos, davam ambos pela approximação de Jacob.

Por fortuna estava tão preocupado com seus pensamentos que nem sequer lhes notou a perturbação das physionomias, dando-lhes tempo a serenar. Mas, apesar d'isso, as suas suspeitas despertaram.

—Que estavam a discutir tão animadamente ?—perguntou.

—Estavamos a pensar se o sr. Meyer se teria entendido com os makalangas—respondeu Benita mentindo com audacia—e se conseguiria convencil-os a affrontar os espectros. Conseguiu ?

—Qual historia !—redarguiu elle com um arremesso—Esses espectros são os nossos piores inimigos n'este sitio ; os cobardes protestam que antes querem morrer. A minha vontade era pegar-lhes na palavra e fazer espectros de uns poucos d'elles ; mas lembrei-me da nossa situação e deixei-me d'isso. Não tenha receio Miss Clifford, nem sequer perdi o sangue frio, pelo menos na apparencia. E aqui está ! Visto que elles recusam ajudar-nos, o remedio é trabalharmos com mais afinco. Tenho um plano novo, e começaremos a pô-lo em pratica amanhã.

—Amanhã não póde ser, sr. Meyer—repliquou Benita sorrindo—É domingo, e bem sabe que nós descançamos ao domingo.

—Ah ! sim ! lá me esquecia ! Os makalangas com os seus phantasmas e os senhores com os seus domingos .. Verdade verdade, não sei o que é peor. Acabou-se ! Trabalharei por todos.

E afastou-se, encolhendo os hombros.

## CAPITULO XIV

### A fuga

Na manhã seguinte, começou Meyer a trabalhar no seu novo plano. Qual elle fosse não se importou Benita de saber, mas deduziu que

implicava o medir a superficie da capella e dividil-a em quadrados para mais systematica investigação de cada uma d'essas areas. Ao meio dia appareceu elle para a refeição costumada, no decurso da qual observou que lhe fazia tristeza estar a trabalhar sósinho e que estava ancioso por que chegasse a segunda feira para elles lhe fazerem companhia. Estas palavras commoveram bastante Clifford, e até excitaram um certo pezar no intimo de Benita.

Que sentimentos seriam os seus, scismava ella, quando descobrisse que elles haviam fugido, deixando-o sósinho a braços com o emprehendimento! Esteve quasi a declarar lhe toda a verdade; porém, prova curiosa da ascendencia d'esse homem sobre ella! não se d. cidiu a fazel-o. Percebeu porventura que seria o mesmo que fazer gorar o seu projecto, visto que por argumentos, afagos, ameaças, violencias, appello á lealdade dos dois, fosse por que meio fosse, elle lograria persuadil-os. Mas ella estava morta por pôr em pratica esse projecto, por se ver livre de Bambatse, das suas ruinas immemoriaes, da sua caverna sepulcral, e d'esse vampiro, Jacob Meyer, capaz de profundar ossadas mortas e corações vivos com equal perspicacia, e incapaz todavia de encontrar um thesouro soterrado por debaixo d'elles.

Occultaram pois a verdade, e desataram a conversar com volubilidade febricitante sobre outros assumptos, taes como os exercicios militares dos makalangas, e as probabilidades de um ataque pelos matabeles, as quaes felizmente iam agora diminuindo; tambem falaram do estado sanitario do seu gado, e da perspectiva de obter mais rezes para substituir as que tinham morrido. Benita foi até mais longe; na ancia de decepção, que dentro d'ella acabava de surgir, foi com a sua mentira por deante, não obstante os olhares reprehensivos com que seu pae a fitava. Por incidente declarou que iam fazer uma digressão, descer a escada e visitar o acampamento makalanga entre a primeira e a segunda muralha, e ter algumas horas de relação com o mundo exterior. Iam além d'isso levar a roupa para lavar, e trazer alguma limpa e uns poucos de livros que ella deixara lá em baixo.

Jacob distrahiu-se dos seus pensamentos e dos seus calculos, e escutou-a com má sombra.

—Estou meio tentado a acompanhal os—

disse elle, causando em Benita um estremecimento de susto.—É certo que isto aqui é isolado como a breca, e afigura-se-me ouvir n'esta caverna uns rumores exquisitos, como se esses velhos ossos estivessem chocalhando, e uns sons que parecem suspiros e murmúrios, causados pelas correntes de ar.

—Então porque não vae?— perguntou Benita.

Era um golpe audacioso, mas o resultado foi bom. Se elle tinha algumas desconfianças, n'um prompto se desvaneceram.

—Porque não tenho tempo—respondeu— Temos que levar a cabo esta tarefa, seja lá como fôr, antes que chegue a estação das chuvas, e nos vamos d'aqui para fóra na enxurrada, ou apodreçamos com febres. Goze d'essa tarde de ferias, Miss Clifford; são direitos de uma creada para todo o serviço, e infelizmente creio que o seu mister não é outro aqui. O que lhe peço, Clifford—acrescentou e. le, com esse zelo pela segurança de Benita que sempre manifestava em não estando exaltado—é todo o cuidado em voltar antes do sol posto. Para sua filha é arriscado trepar para aqui ás escuras. Chame-me em chegando á beira da muralha, com esse apito que tem, e eu descerei logo para os ajudar a subir. Afinal de contas, parece-me que o melhor é acompanhal-os... Não, não vou. Fui hontem tão aspero com esses makalangas que elles não podem ter desejo de me pôr a vista em cima, por enquanto. Espero que passem uma tarde mais agradável do que eu. Porque não dão um passeio a cavallo fóra das muralhas? Os seus cavallos estão anafados e precisam de exercicio, e não creio que haja motivo para ter medo dos matabeles.

E n'isto, sem esperar resposta, levantou-se e afastou-se d'elles.

Clifford seguiu-o com a vista, mostrando hesitação.

—Bem sei—disse Benita—bem sei que isto se assemelha a uma ruindade. Mas occasiões ha em que nos vemos forçados a actos menos dignos. Aqui estão as nossas trouxas promptas. Vamo-nos embora.

Do cimo da muralha, Benita relanceou um olhar de despedida áquelle local que esperava nunca mais ver. E comtudo não se sentia convencida de que fosse esse o ultimo olhar. Até ao descer os perigosos degraus, surpreendeu-se a calcular mentalmente qual a melhor fórma de subir novamente. Além d'isso,

não podia persuadir-se que para todo o sempre estivesse desafogada de Meyer. Palpitava-lhe que ainda durante largo tempo se encheria da pessoa d'elle o seu futuro.

Alcançaram a salvo a fortificação exterior, e ahi foram acolhidos com alguma surpresa mas com certo prazer pelos makalangas, a quem encontraram ainda a fazer exercicio de armas, no uso das quaes bastantes d'elles se haviam tornado assaz habeis. Dirigiram-se á cabana em que se tinham armazenado as provisões vindas no carro, e fizeram á pressa os preparativos. Tambem ahi escreveu Clifford uma carta, uma das mais desagradaveis que em sua vida redigira. Rezava assim :

Meu caro Meyer

Não sei o que pensará a nosso respeito, mas vamos sahir d'estes sitios. A verdade é que eu não me sinto bem, e minha filha já não póde supportal-os mais tempo. Diz ella que, se se demorar, morre; essa caça ao thesouro dentro de um carneiro sepulcral despedaça-lhe os nervos. O meu desejo era dizer-lhe isto, mas ella pediu-me que tal não fizesse, convencida como está de que o meu amigo nos despersuadiria ou de qualquer modo nos embarçaria o intento. Quanto ao ouro, se conseguir encontral-o, guarde-o todo. Renuncio ao meu quinhão. Deixamos-lhe o carro e os bois, e partimos por ahi fóra nos nossos cavallos. É uma empreza perigosa a valer, mas menos do que ficarmos aqui nas presentes condições. Se nos tornarmos a encontrar, esperamos que nos perdoará, e desejamos-lhe todas as prosperidades.

Seu amigo, sinceramente e com grande pezar,

*T. Clifford*

Escrepta a carta, sellaram os cavallos, que depois de previo exame tinham achado em boas condições, e amarraram atraz das sellas os seus escassos haveres e quantos pacotes de cartuchos lhes era possivel transportar. Depois, armados cada um de sua carabina, pois que Benita aprendera a atirar durante a sua longa excursão, montaram a cavallo e encaminharam-se para a entrada lateral, visto que a porta principal, que haviam transposto ao chegarem, estava agora entaipada. Esta entrada lateral, simples fenda na grande muralha, com um accesso precipitoso, estava aberta,

pois que os makalangas, agora que era passado até certo pnto o seu temor dos matabelles, se serviam d'ella para os seus rebanhos, porquanto a sua especial construcção, em voltas e cotovelos atravez da espessura da muralha, lhes permittia tapal-a de um momento para outro com pedras que estavam á mão. Além d'isso, o architecto tinha-a disposto por fórma que era completamente dominada do cimo da muralha, tanto de uma como de outra banda.

Os makalangas, que haviam presenciado curiosamente todos os movimentos dos dois europeus, nem sequer tentaram detel-os, embora suspeitassem que elles teriam de haver-se com as sentinellas que guardavam a entrada todo o dia, e ainda quando a fechavam de noite, e ás quaes Clifford tencionava deixar a carta. Comtudo, quando lá chegaram e descavalgaram afim de conduzir as suas montadas pela sinuosa passagem e pela ingreme subida que se seguia, viram que a unica guarda visivel era o velho molemo em pessoa, sentado e na apparencia meio adormecido.

Mas, logo que elles se approximaram, mostrou que estava desperto e bem desperto, porque sem fazer um movimento lhes perguntou immediatamente onde iam.

—Dar um passeio a cavallo— respondeu Clifford—Minha filha está farta de viver encafuada n'esta fortaleza, e deseja respirar o ar livre. Deixa-nos passar, amigo, aliás não estaremos de volta ao sol posto.

—Se tencionas voltar ao sol posto, branco, porque razão levas tantos fardos, e porque tens os alforges cheios de cartuchos?—perguntou elle—Com certeza que não falas verdade, e que esperas nunca mais ver o sol a descer sobre Bambatse.

Comprehendendo que era inutil qualquer tentativa de decepção, Benita exclamou com intrepidez :

—É certo; mas, ó meu pae, não nos detinhas, porque na nossa esteira paira o terror, e por isso d'aqui fugimos.

—E na tua frente não paira o terror, virgem branca? O terror do sertão, por onde ninguém anda, a não ser talvez os amandebeles com as suas sangrentas lanças; terror das bestas-feras e da doença que póde vencer-vos e matar-vos um apoz outro?

—Terror ha de sobra, meu pae, mas nenhum d'elles tão temeroso como o que deixamos nas nossas costas. Aquelle lugar é fre-

quentado por phantasmas, e nós renunciámos ás pesquisas e não queremos além viver mais tempo.

—Tens razão, virgem branca, mas esses phantasmas não te farão damno, a ti que elles acolhem como a annunciada, e nós estamos sempre prestes a proteger-te por causa das ordens que d'elles recebi em sonhos. E não é realmente dos espiritos que vos receiaes, mas sim do homem branco, vosso companheiro, que vos subjugará á sua vontade. Não o negues; eu vi tudo.

—Então, se sabes a verdade, decerto que nos deixarás ir embora—implorou ella—pois que te juro que não ousou ficar aqui.

—Quem sou eu, que possa estorvar-te?—perguntou elle—Affirmo-te no emtanto que bem farieis em ficar e de grandes terrores nos livrariéis. Virgem branca, não t'ou disse eu ha que dias, que só aqui deverias cumprir o teu destino? Vae-te, se assim queres, mas has de voltar de novo.

E tornou aparentemente a dormir ao sol.

Os dois tiveram entre si uma rapida consulta.

—Agora, é tolice voltar atraz—disse Benita quasi a chorar de duvida e de angustia—A mim não me assustam estas phrases vagas. Que póde elle saber do futuro mais do que o resto dos homens? Demais, o que elle affirma é apenas que voltaremos. Se assim fôr, teremos sequer ao menos uns momentos de liberdade. Vamos, meu pae.

—Se é esse o teu desejo!...—redarguiu Clifford, que parecia muito acabrunhado para poder discutir.

Atirou com a carta para o regaço do molemo, e pediu-lhe que a entregasse a Meyer quando elle viessé em cata dos companheiros.

O velho não deu signal de vida; nem quando Benita lhe disse adeus e lhe agradeceu a sua benevolencia, fazendo votos para que todas as prosperidades descessem sobre elle e sobre a sua tribu, elle pronunciou uma palavra apenas ou levantou sequer os olhos.

Foram pois levando os cavallos pela estreita passagem por onde mal cabiam, e pelo empinado atalho que além se extendia. Na borda exterior do antigo fosso, tornaram a cavalgar, emquanto os makalangas os observavam das muralhas, e foram trotando pela mesma estrada por onde tinham vindo.

Ora esta estrada, ou antes carreiro, seguia

a principio por meio de hortos e depois por entre os innumeraveis casebres que em seculos idos formavam a grande cidade de que o monte Bambatse fôra a cidadella e o santuario. Essas reliquias de uma civilisação perdida alongavam-se milhas e milhas, e eram limitadas por um desfiladeiro apertado e alcantilado entre os montes circumdantes, o mesmo que Seymour e seu irmão haviam julgado quasi intransitavel para o seu carro, quando alli tinham vindo havia annos. Este desfiladeiro, ou *poort*, como se chama na Africa Meridional, tinha sido poderosamente fortificado, porque dos dois lados existiam ruinas de baluartes. Além d'isso, na crista era tão estreito e escabroso que um punhado de homens ahi postados, embora as suas armas não passassem de arcos e frechas, podia suster em cheque uma força atacante durante um praso consideravel. Para além, ás abas do monte, extendia-se por muitas milhas uma planicie matagosa, salpicada de *kopjes* e pilares isolados de granito, constituídos de seixos em pilhas.

Clifford e Benita haviam encetado a sua temeraria jornada por volta das tres horas da tarde, e quando o sol declinava para o poente, achavam-se elles n'essa planicie, a umas quinze ou dezeseis milhas de Bambatse, que havia muito tinham perdido de vista, por fazer além dos montes intermediarios. Perto d'elles havia um *kopje* onde tinham acampado junto de uma fonte por occasião da sua recente jornada, e, como não se aventuravam a viajar ás escuras, resolveram desmontar ahi, por isso que á roda da fonte havia excellente capim para os cavallos.

Sucedeu encontrarem ahi alguns antilopes que vinham a beber agua, mas apezar de estarem desejosos de carne fresca, tiveram medo de lhes atirar, para não attrahirem a attenção; e pelo mesmo motivo não quizeram accender uma fogueira. Ataram portanto os jarretes dos cavallos de maneira que elles não pudessem afastar-se muito, sentaram-se debaixo de uma arvore, e arranjaram uma refeição, conforme poderam, com as carnes seccas que tinham trazido comsigo. Entrementes cahiu a noite, muito escura, porque não havia lua; nada lhes restava pois a fazer senão dormirem no interior de uma cerca de abrolhos seccos que haviam levantado á roda do seu acampamento. Foi o que fizeram, e tão fatigados estavam ambos, que, apezar de todas as commoções por que tinham passado e do receio que os leões os



atacassem, porque havia por aquelle veld muitas d'essas feras, dormiram profunda e serenamente até proximo da madrugada.

Levantaram-se um pouco arrefecidos, pois que apezar da atmospheria estar quente tinham encharcado as mantas um orvalho copioso. Comeram e beberam outra vez á claridade das estrellas, emquanto os cavallos, que elles haviam prendido ao pé de si durante a noite, se regalavam de relva fresca. Apenas rompeu o dia, sellaram-nos, e antes de surgir o sol já elles estavam outra vez a caminho. Mas apenas elle se ergueu, bastou a sua vista e o calor seu para dar novos alentos a Benita. Os seus receios como que fugiram com a noite.

—É de bom presagio esta partida — disse ella a seu pae.

—Deus o permitta!—replicou o velho.

Todo o dia foram cavalgando ávante, com tempo soberbo, sem apertar muito os cavallos, certos como estavam de que Jacob Meyer, que não poderia perseguil-os senão a pé, nunca seria capaz de os alcançar. Fizeram alto ao meio dia, mataram um cabrito, um pedaço do qual Benita cozinhou n'um tacho que haviam trazido, e soube-lhes bem deveras esta refeição de carne fresca.

Continuando a jornada, por volta do sol posto chegaram a outro dos seus antigos acampamentos, que era tambem um *kopje* coberto de matto. A fonte achava-se alli a meia encosta. Desmontaram n'um sitio cheio de fetos e musgos, viçoso que parecia um jardim. E então, apezar de terem bastantes carnes frias, julgaram que podiam com toda a segurança accender uma fogueira. Era realmente prudente fazel-o, porque tinham encontrado vestigios recentes de leões, e até tinham avistado um a galopar por entre os canaviaes na terra pantanosa ao sopé do monte.

N'essa noite tiveram um banquete opiparo de caça, e como na vespera pernoitaram n'uma pequena *boma* ou cerca feita de ramagem. Mas não conseguiram dormir bem d'essa feita, porque, apenas cerraram os olhos, começou uma hyena a uivar á roda d'elles. Gritaram e a fera afastou-se, mas passada uma ou duas

horas, ouviram umas rosnadelas de mau agouro, logo seguidas por um estrondoso rugido, a que respondeu outro, começando immediatamente os cavallos a rinchar de susto.

—Leões!—disse Clifford, dando um pulo e atirando lenha secca para a fogueira até que levantasse lavaredas brilhantes.

Depois d'isto, tornou-se impossivel o somno. Embora os leões não os atacassem, tinham chegado o fardo dos cavallos, e continuaram a pairar em volta do *kopje* rosnando e roncando, até por volta das tres horas da madrugada. Perceberam então que as feras se afastavam porque lhes sentiram o rugido a distancia. Julgando-se já seguros, atçaram de novo a fogueira, e tentaram repousar uns instantes.

Mas dentro em pouco, Benita foi despertada por um novo rumor. Ainda estava escuro, mas á luz das estrellas percebeu ella que os cavallos estavam em socego. Um d'elles deitara-se, e o outro estava comendo folhas verdes da arvore a que o tinham atado. Por conseguinte o rumor não proviera de qualquer das bestas feras que lhes faziam pavor. Benita poz o ouvido á escuta, e tornou a sentir o mesmo rumor; era um sussurro parecido com a fallacia de gente algures, nas abas do monte. Despertou então seu pae, mas, apezar de suporem ouvir uma ou duas vezes um ruido de passos, nada mais poderam distinguir. No emtanto, levantaram-se, apparelharam os cavallos o mais de manso que poderam, e esperaram pela aurora.

Surgiu afinal. Por cima d'elles no ar limpido, brilhavam os clarões rubros da manhã, mas abaixo extendiam-se ondas de cacimbo denso, côr de perola. Foi-se gradualmente adelgaçando sob os raios do sol levante, e atravez d'elle, Benita divisou um vulto que aquella luz se afigurava gigantesco, um selvagem embrulhado n'um *kaross*, passeiando de um para outro lado, a bocejar, com uma enorme lança em punho.

—Olhe!—murmurou ella—olhe!

Clifford seguiu com os olhos a linha do dedo alongado.

—Os matabeles!—exclamou elle—Deus do céu! Os matabeles!

(Continua.)





O PEQUENO HAENDEL — *Quadro de Margaret Dicksee*

## A musica inspiradora da pintura



interessante ver como os artistas de diferentes generos se comprehendem e se inspiram mutuamente. Quantas e quantas obras primas das artes plasticas teem tido como germen a imaginação creadora dos poetas! Quantas bellas poesias teem recebido a suggestão dos quadros e das esculpturas dos grandes mestres! E a architectura, como ella tem fornecido themas inspiradores aos maiores talentos litterarios!

Não admira que a musica, essa divina linguagem que logra encontrar modulações de expressão sontimental, intraduziveis na linguagem vulgar, mais claro fale ao coração dos artistas. É pois natural que estes, reconhecidos ao enlevo que lhes proporciona um bello trecho musical, procurem, dentro da sua arte, dar a suprema consagração ao creador da obra que os apaixonou. Vamos dar exemplos notaveis de primorosos quadros, em que o pin-

tor manifestou o seu enthusiasmo pela obra do musico, arrancando o seu assumpto á biographia d'este ultimo.

### UMA ANECDOTA DA INFANCIA DE HAENDEL

É um curioso episodio da infancia de Haendel o que nos apresenta uma illustre artista ingleza, Margaret Dicksee, no bello quadro com que abrimos a presente collecção.

O pae de Jorge Haendel oppunha-se vigorosamente ás propensões musicas do pequeno, e quanto mais se lhe desenvolviam os excepcionaes dotes artisticos, tanto mais lhe prohibiam que se dedicasse á musica. O rapazito via-se obrigado a recorrer a subterfugios, e, quando os paes o imaginavam no melhor do seu somno, elle erguia-se de mansinho, e ia encafuar-se n'um sotam isolado, onde, entre varios tarecos em desuso, tinha descoberto uma espineta velha. Começava então a tocar devagarinho, dando largas á phan-

tasia, sem ninguem que o incommodasse. N'um d'esses momentos de gozo divino, em que o genio lhe despontava no cerebro, a creança deixou-se arrastar pela inspiração, es-

e foi mettido á força entre lençoes. Tão vi-vida se nos apresenta no quadro esta scena intima, que nos faz vontade de saber o se-guimento.



FREDERICO O GRANDE E SEBASTIÃO BACH — *Quadro de Carl Röhling*

queceu todas as cautelas e foi gradualmente aumentando de força. As notas do derrancado instrumento encheram o silencio da noite, despertaram toda a gente da casa, a qual suppoz porventura que os anjos desciam a en-levar com seus cantos a velha cidade de Halle.

O pae do pequeno Jorge lembrou-se porem da teimosia artistica do filho, e, não o en-contrando na cama, accendeu uma lanterna e foi com toda a familia até ao local d'onde provinha a extranha musica. O pobre Jorge, coitado, foi descoberto, soffreu asperos ralhos

A creança venceu final-mente a pertinacia dos paes, para beneficio da hu-manidade. Pouco depois d'este episodio, Haendel pae foi a Weissenfels, onde se deviam dar concertos em honra dõ Principe, grande amator de musica. O pequenito sabia d'isto, mas, por maiores que fos-sem as suas instancias, o pae recusou-se a leval-o. Então a creança desata a correr atraz da carruagem, até que o pae se resolve finalmente a fazer-lhe a vontade.

Soube o principe d'este caso e das raras aptidões do pequeno, e foi graças á sua intervenção que o pae consentiu na educação mu-sical de Jorge Haendel.

UM GRANDE REI QUE INSPIRA  
UM GRANDE COMPOSITOR.

O suggestivo quadro de Carl Röhling mostra-nos Sebastião Bach, «o pae de toda a musica,» tocando em presença de Frederico o Grande da Prussia. O pintor escolheu o momento em que o rei está dando a Bach um thema para sobre elle o musico bordar os seus improvisos. Foi

com effeito sobre este thema que Bach compoz o trecho que elle denominou «Sacrificio Musical» e que depois enviou ao rei.

Frederico era tambem um musico distincto. Mostrou sempre o maior apreço por Bach, e este ultimo parece que considerava a sua visita á residencia regia de Potsdam como um dos mais felizes successos da sua vida. Não é como um *dilettante* tocador de flauta que Frederico o Grande se impõe sobretudo á consideração do mundo musical. Deve-se recordar sempre que foi elle um dos primeiros a

reconhecer e a animar o genio de um dos mais extraordinarios musicos de todos os tempos. Não foi decerto por culpa d'elle que ficaram manuscriptas as maiores obras de Bach,

Haydn alcançou o fastigio da sua fama. No quadro que apresentamos, devido ao pincel do mesmo artista que já se inspirara em Bach, vemos o illustre musico na tolda do navio,



HAYDN EM VIAGEM PARA A INGLATERRA — *Quadro de Carl Röhling*

que permaneceriam na obscuridade, se mais tarde outros musicos — especialmente Mendelssohn — não se dessem ao trabalho de as desenterrar e de as fazer conhecidas pelo mundo inteiro.

#### UM GLORIOSO EXILIO

Outro dos maximos cultores da sublime arte, Haydn, não seguiu o exemplo de Bach, o qual nunca em sua vida sahio da patria. Tendo vindo a Inglaterra, foi n'esse paiz que

durante a travessia para Inglaterra. Eil-o, envolto no seu amplo casacão, a respirar a brisa maritima, desattento á curiosidade que nos demais passageiros excita. Scisma decerto nos destinos que o aguardam, n'esse paiz extranho onde vae demorar-se. Acaso o comprehenderão, acaso não cahirá em rudes ouvidos a mensagem divina que o seu genio leva? Fssas puras e simples harmonias, brotadas de um coração affectuoso e de uma firme vontade, comprehendeu-as com effeito a alta sociedade britannica. Grandes e entusiasticos triumphos lhe reservava o destino n'essa ilha para onde elle voluntariamente se exilava. Affluiram a elle as sympathias e a fortuna. Ao voltar para a sua patria, Austria, Haydn deteve-se na aldeola que lhe foi berço, e ajoelhando na soleira da humilde choupana paterna, deu graças a Deus por toda a felicidade que em Inglaterra lhe sorri.

#### OS PRIMEIROS AMORES DE MOZART

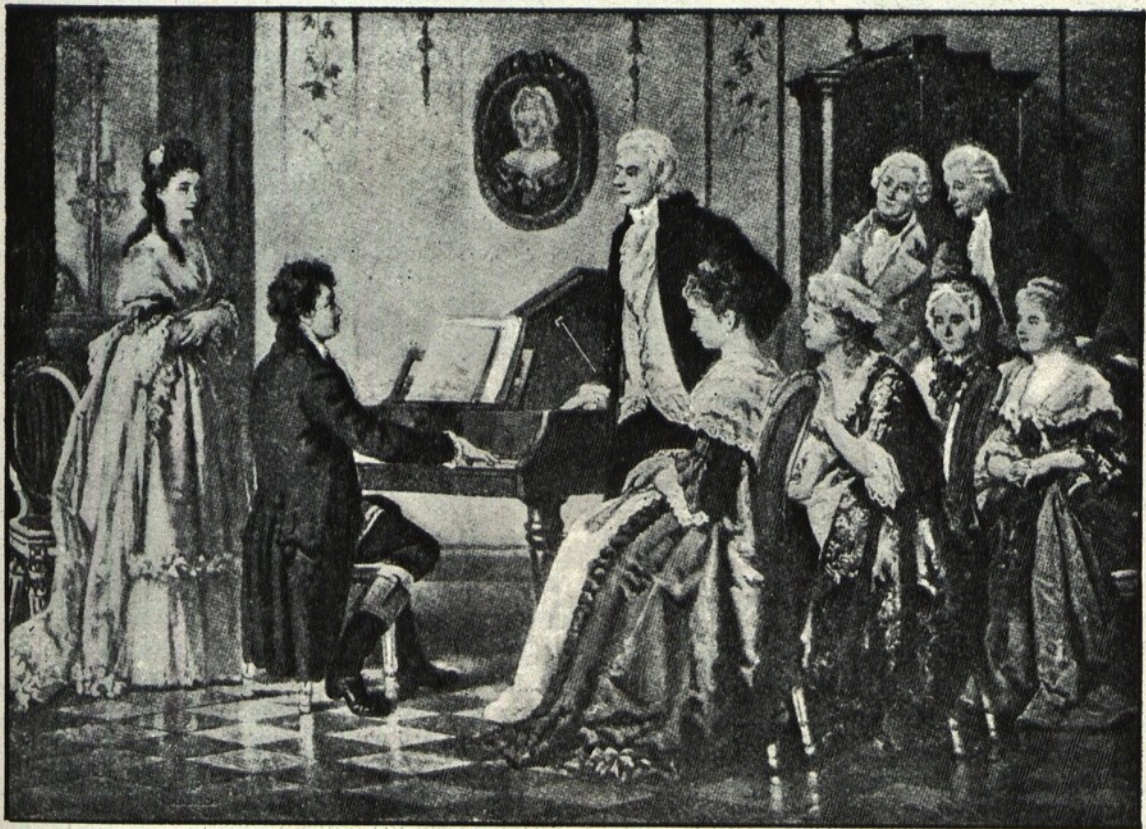
Quando Haydn estava no zenith da sua gloria, outro astro mais brilhante despontava no firmamento da musica. Era uma creança prodigio, por quem toda a Allemanha começava a interessar-se, e chamava-se Wolfgang Amadeu Mozart.

É ainda Carl Röhling que reproduz um curioso episodio da mocidade de Mozart. Estava elle de visita em casa de um dos seus tios,

OS PRIMEIROS AMORES DE MOZART — *Quadro de Carl Röhling*

quando o seu coração palpitou ás primeiras solicitações do amor. Inspirou-lh'o uma das suas juvenis primas, Aloysia Weber. Eram duas irmãs, ambas ellas formosas. A mais velha, que o quadro nos apresenta no apento contiguo, era por extremo bondosa e dedicada, sacrificando-se sempre pela irmã mais nova, em quem reconhecia mais talento. Com effeito, Aloysia tinha uma linda voz, bem exercitada, e cantava facilmente á primeira vista. Que ha de mais natural do que amarem-se esses dois corações juvenis, ambos unidos pelo amor da musica?

Mas foram obrigados a apartar-se. Mozart tinha de encetar uma das suas prolongadas digressões artisticas. Passaram se dois annos sem que elle voltasse a ver a sua estremecida Aloysia. Ella havia-lhe promettido, é claro, amor eterno e inabalavel. Mas a constancia, ai de nós! nem sempre é o apanagio dos corações femininos! Quando Wolfgang voltou, tão apaixonado como quando partira, Aloysia tornara-se uma mulher encantadora e saboreara, como cantora, todos os jubilos arrebatores da celebridade. Os triumphos

MOZART E BEETHOVEN — *Quadro de Borckmann*

haviam-lhe feito andar a cabeça á roda. Esquecera-se das suas promessas, e nem uma phrase saudosa dirigiu ao seu antigo namorado, o qual dava ainda os primeiros passos na sua carreira gloriosa.

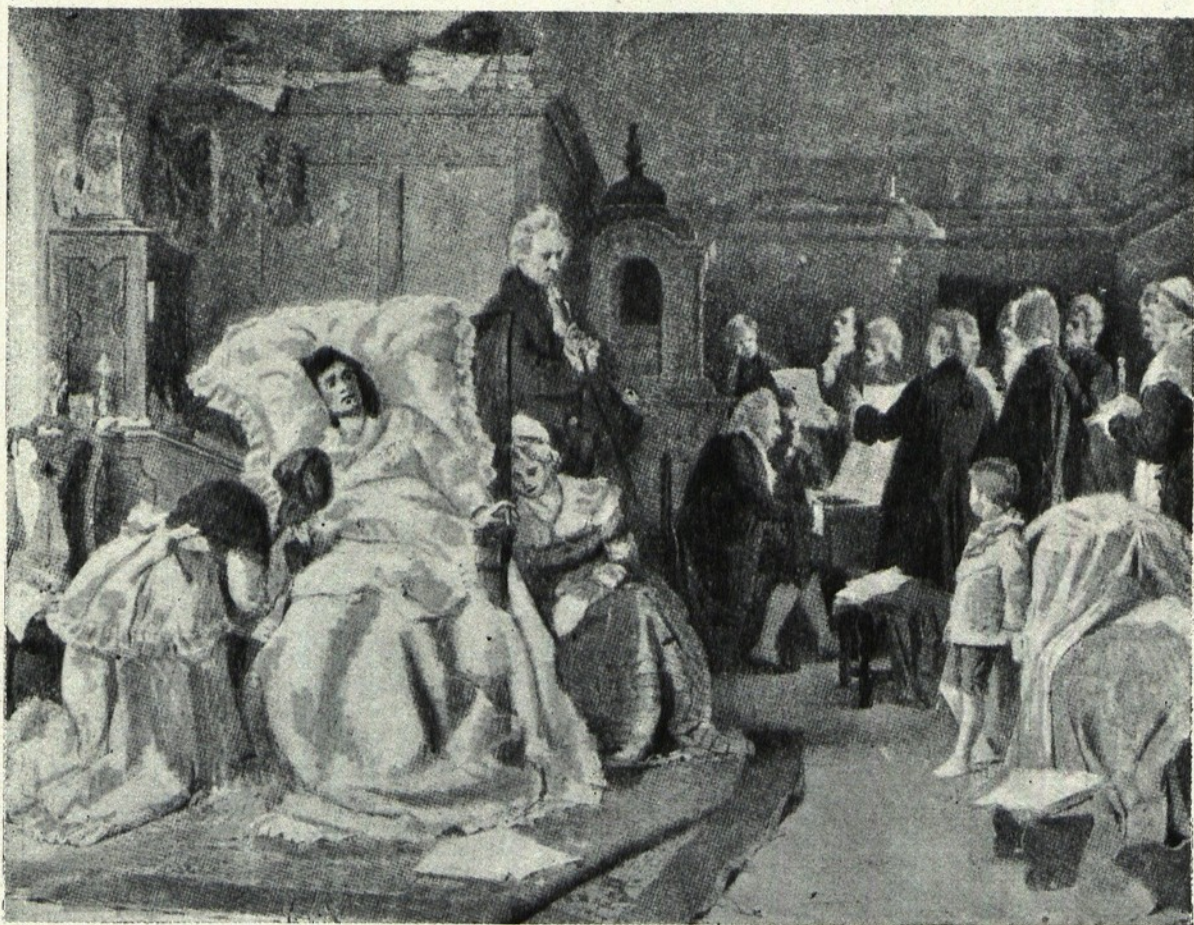
Assim, a leviana Aloysia desperdiçou um thesouro que, na sua ignorancia, não tinha podido apreciar.

#### O ENCONTRO DE DOIS GRANDES MUSICOS

No quadro de Borckmann, vemos de novo Mozart, quando, no cumulo da gloria, escuta

Mozart escuta, cada vez mais attento, de olhos fitos sobre o precoce grande artista, com uma expressão de enlevo e de quasi veneração, como sob o encanto de uma musica celeste. Beethoven prosegue sempre. Arrebatado pela propria inspiração, a genial creança esquece-se de que não está só. Mozart volta-se então para os seus amigos, e murmura n'um rpto de enthusiasmo:

—«Escutem, e recordem-se sempre d'este momento! Esse rapazito, que ahi veem, ha de dar que falar ao mundo inteiro.»



O REQUIEM DE MOZART — *Quadro de Kaulbach*

o artista cuja reputação devia no futuro egualar, se não supplantar a sua. Beethoven, rapazito de dezeseis annos, acaba de pedir ao grande compositor um thema sobre o qual está improvisando. Lentamente, o genio vae romando o seu alor prodigioso. Singelo como é, o thema parece desenvolver-se, alargar-se, até á amplitude de uma phrase potente e soberba, que outras vozes reproduzem, sempre variada e suggestiva, á medida que a harmonia se complica sob os dedos inspirados do pianista.

#### OS ULTIMOS MOMENTOS DE MOZART

No seu celebre quadro «O Requiem de Mozart», immortalisou Kaulbach o instante em que a mão brutal do destino extinguiu—bem cedo ainda!—a existencia do grande maestro. O fogo do genio, o desejo incessante e ardente de dar corpo ás inspirações immortaes que a flux lhe brotavam no cerebro, tinham consumido pouco a pouco o envolucro material d'esse brilhante espirito. Enfermo e abattido, reclinava-se n'uma poltrona, entre almo-



A SONATA «CLAIR DE LUNE» — Quadro de Ernst Oppler

fadas, quando recebeu a visita de um desconhecido, que nem sequer o nome quiz declarar. Vinha encomendar ao compositor uma Missa de Requiem, tão repleta de majestade e de belleza quanto se podia esperar do seu genio, obra que no mundo não tivesse parceiro. Deixou em cima da meza um embrulho contendo mil ducados e foi-se embora, dizendo apenas que em breve voltaria.

O maestro colligiu então as forças evanescentes, e o resultado d'esse esforço supremo e sublime foi esse colossal trabalho, perante o qual o mundo ainda estremece de pasmo e de reverencia. Desde a primeira nota, o grande musico sentiu que estava escrevendo o seu proprio Requiem.

Terminada a obra, desejou Mozart escutal-a. Sem forças para sahir do aposento, pediu aos seus amigos que viessem executar o Requiem em presença d'elle. Escutou, enleiado e feliz, as torrentes ineffaveis de tristeza, que do seu genio haviam manado. E foi n'esse enlevo mystico, que do corpo se lhe desprende a grande alma.

Esta é a scena que Kaulbach traduziu admiravelmente, n'um quadro que é o final de uma dolorosa tragedia.

#### DE COMO DUAS CRIANÇAS E A LUA VALERAM AO MUNDO UMA OBRA PRIMA

Essa admiravel e bem conhecida sonata do Luar, que nós costumamos designar á franceza por «Clair de Lune», esse trecho cujo encanto suggestivo e poderoso ha de fascinar eternamente as gerações, deu o assumpto de um formoso quadro ao pintor Ernst Oppler.

Conta-se que, durante uma das suas digressões habituaes, sem destino, Beethoven passara por uma rua isolada dos arredores de Vienna, e lhe chegaram aos ouvidos uns compassos de musica sua. Provinham da janella aberta de um rez-do-chão. O maestro aproximou-se e espreitou para o interior. Viu uma rapariga sentada ao piano, e ao pé d'ella, aninhada n'uma poltrona, uma criança que escutava.

Impulsivo de natureza, o maestro não resistiu. Entrou no aposento, e disse simplesmente:

—«Conheço muito bem esse trecho. Porque motivo o toca? Agrada-lhe muito?»

—«Eu tenho paixão por todas as composições de Beethoven,» respondeu a rapariga n'uma voz suave e serena, sem manifestar sur-

preza pela irrupção inesperada de um extranho.

Então a creança, adeantando-se para o illustre musico, explicou:

—«Minha irmã é cega, e a unica cousa que lhe dá prazer é a musica. Que deseja o senhor?»

Com a sinceridade impetuosa que era característica da sua indole, Beethoven replicou laconicamente:

—«Desejo tocar deante das meninas. Eu sou Beethoven».

Então as duas creanças, alvoroçadas e radiantes, prepararam-se para ouvir, enquanto o maestro se sentava ao piano.

Despontava a lua, um silencio imponente cahia sobre as ruas solitarias. Nos olhos da pobre cega assomavam lagrimas de arrebatamento. Resoava sob os dedos do artista aquelle mysterioso e prodigioso adagio, que se erguia aos ceus como um lamento e uma prece. E os nervos das duas juvenis ouvintes distendiam-se e vibravam, a esta revelação sublime do sentimento humano. Depois de uma curta pausa, as graças encantadoras do Minuete voltaram em torno d'ellas, consolando-as, enxugando-lhes as lagrimas, falando-lhes de mocidade e de alegrias. E em seguida, de novo desabou sobre ellas a tempestade, as melodias foram-se multiplicando, rugindo como a revolta colossal de um Titã, até aclararem em compassos cheios de imponencia e majestade.

A musica cessou então. Beethoven ergueu-se e sahiu tão simplesmente como entrara. Tempos depois, deu a conhecer ao mundo inteiro tudo quanto sonhára e sentira na presença d'essas duas creanças solitarias.

#### UM GRANDE MUSICO E UM GRANDE POETA

É decididamente Carl Röhling um dos pintores que mais se inspiram com a vida dos mais insignes musicos. De novo nos achamos em frente de um quadro seu, intitulado «Beethoven e Goethe em Teplitz», onde se vê o genia! compositor na companhia do maior dos poetas da Allemanha, pelo qual Beethoven professava admiração enthusiastica.

Era Beethoven de um temperamento concentrado e orgulhoso. Não raro, manifestava

elle o seu orgulho por uma forma que singularmente contrastava com as maneiras polidas e maviosas da sociedade aristocratica, no meio da qual elle e Goethe se moviam.

Os dois grandes artistas encontraram-se em Teplitz, terra de aguas na Bohemia, muito frequentada por personagens regias e pela aris-



GOETHE E BEETHOVEN EM TEPLITZ — *Quadro de Carl Röhling*

tocracia. Andavam ambos a passeiar, quando na sua direcção se encaminharam o Imperador e a Imperatriz, com o seu sequito. Goethe parou logo, de chapéu na mão, fazendo uma profunda venia, ao passo que Beethoven enterrou mais o chapéu na cabeça, largou o braço do poeta, e tratou de se esquivar aavez da multidão dos passeiantes. Mas a Imperatriz reconheceu-o e saudou-o com um sorriso affavel, enquanto Goethe recebia apenas a cortezia concedida aos desconhecidos.

É este o momento que nos mostra o artista. Percebe-se a expressão de surpresa no rosto das imperiaes personagens, ao verem a obsequiosa polidez de Goethe, assim como os sorrisos de indulgencia que vão seguindo o escandecido Beethoven.



## UM MUSICO INSIGNE NA INTIMIDADE

Franz Schubert é o creador do «Lied» na Allemanha. Foi elle o primeiro que deu a este genero de canções, de caracter popular, uma significação mais profunda e uma

no seu quadro, um retrato d'esse homem na occasião em que cantava, acompanhado pelo proprio maestro. A senhora que está em pé, do outro lado do piano, é provavelmente a mesma rapariga a que se referem as palavras de Schubert:



SCHUBERT NA INTIMIDADE — *Quadro de Carl Röhling*

forma mais levantada. Guiado pelo seu instincto dramatico, produziu essas duas obras primas que se denominam «O Rei dos Sylphos» e os «Cantos do Moleiro». Quem pretende cantal-as fica surprehendido da altissima tessitura em que essa musica está escripta. Foi esse facto que impediu que ellas se popularissem na Allemanha, antes que alguém se desse ao trabalho de as transportar.

O motivo é curioso. Schubert tinha um amigo, que era um cantor muito conhecido em Vienna e cuja voz de tenor possuia uma extensão excepcional. Para elle escreveu Schubert a maior parte das suas canções.

Ora Carl Röhling teve a ideia de nos dar,

«Em tempos, estive enamorado de uma rapariga. Formosa não era ella, mas que coração amavel e bondoso o seu! Cantava as minhas canções com uma linda voz de soprano. Amámo-nos durante tres annos, e fomos felizes então. Depois tive que renunciar a ella. Eu não conseguira uma situação desafogada que me permitisse casar. Não me sentia com o direito de evitar que ella desposasse um homem, que pudesse dar-lhe um lar tranquillo e ditoso.»

Que tristeza ver um homem da envergadura de Schubert renunciar a todos os pensamentos de felicidade, que aos mais simples trabalhadores n'outro campo tão facilmente se depara!

## UMA LEMBRANÇA AMOROSA DE SCHUMANN

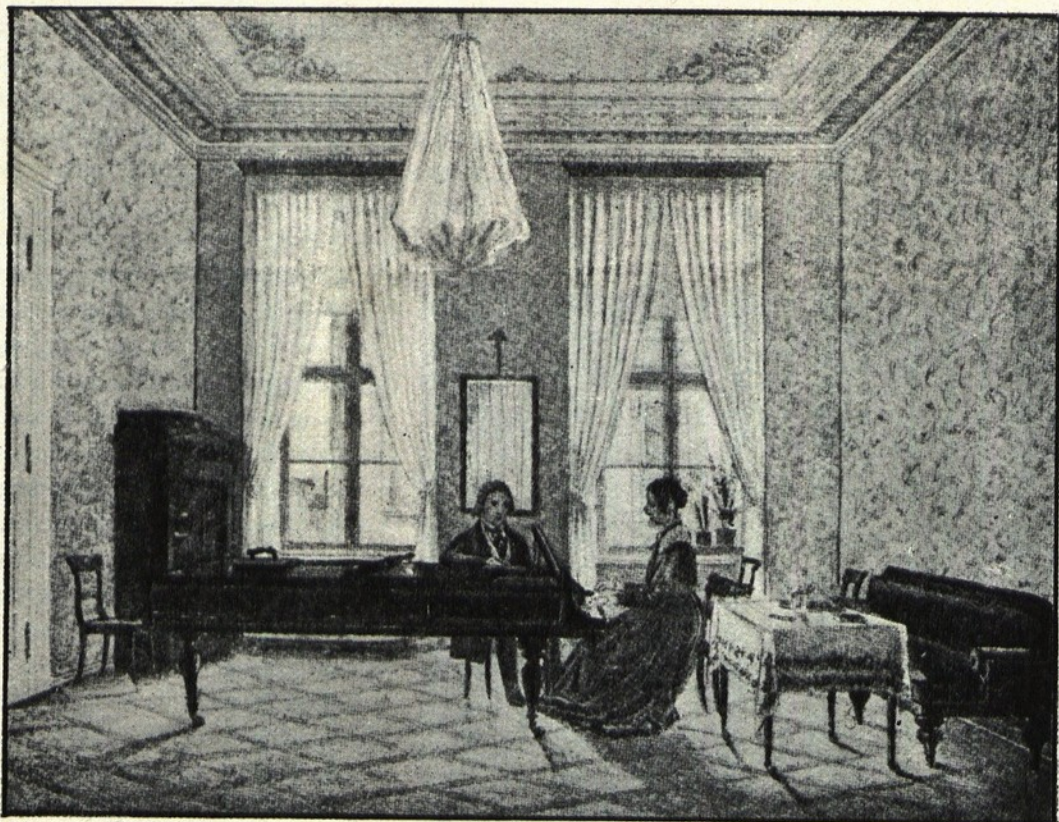
A aguarella de J. Raabe, que reproduzimos, illustra um episodio romantico da biographia de Schumann.

Em 1836, Robena Laidlaw, de dezeseis annos apenas, era já pianista da corte da Rainha do Hanover, e a sua reputação já se espalhara pela Allemanha, pela Inglaterra e pela Russia. Executava as composições de Schumann para o maestro ouvir, seguia-lhe as inspirações e regosijava-se

com os vôos do seu genio. Tinham plenamente saboreado as delicias de um entendimento mutuo na divina linguagem da musica.

Um dia, andavam ambos a passeiar no Rosenau—o jardim das rosas em Leipzig. Chegara para elles o instante fatal do apartamento. A vida de ambos era incerta e cheia de planos e ambições.

Ella devia partir para Paris no dia seguinte, e ir d'ahi para a Russia, afim de dar uns concertos perante o Czar e a corte imperial. Quem sabe se n'esse momento elles comprehenderiam os sentimentos que um para outro os attrahiam, uma amizade a pique de se transformar em amor?

SCHUMANN E ROBENA LAIDLAW — *Aquarella de J. Raabe*

Elle dispoz em volta d'ella as almofadas, dentro do escalersinho em que vogavam no lago, e disse-lhe que o esperasse; ia buscar uma rosa para lhe dar como recordação d'aquella derradeira entrevista. Demorou-se muito; e, quando voltou, disse-lhe com a expressão de melancolia que, ainda em verdes annos, lhe era característica:

—«Andei que tempos á procura, e afinal só encontrei uma rosa que não é digna de si. Mas hei de mandar-lhe mais tarde uma recordação do Rosenau».

Saciada dos triumphos que naturalmente se deparam a quem reúne as duas condições de grande cantora e de formosa mulher, Robena encontrou, ao regressar de um concerto de corte em S. Petersburgo, entre muitas prendas valiosas de joias e flores que a aguardavam, um simples rolo de musica com o carimbo postal da Allemanha. Esse rolo continha as doze *Phantasiestücke*, que hoje são contadas entre as mais poeticas e encantadoras composições de Schumann. O maestro escrevia á sua antiga companheira:

«Antes de mandar estas peças ao impressor, não lhe pedi licença para lh'as dedicar. São suas, espero que as ha de acceitar. Está n'el-

las todo o Rosenau e todo o romance que ahi se passou. Não se esqueça de mim, e mande-me o seu retrato, conforme prometteu».

Conta Wasielewski na sua «Schumanniana» ter ouvido uma vez o notavel compositor, pouco antes da sua ultima doença, tocando ao lusco-fusco, como era costume seu. Fluctuavam no ambiente melodias impregnadas de suave ternura; o extranho trecho «des Abends» (da tarde), o primeiro das *Phantasiestücke*; depois reminiscencias de outro, «des Nachts» (da noite), desesperado e sombrio, como de uma alma tranzida de solidão e terror; e repetia-se a maviosa e terna canção que exprimia os enleios silenciosos do crepusculo.

Fóra do aposento, Wasielewski sentia o coração quasi a rebentar de commovido entusiasmo, mas, apenas abriu a porta, Schumann fechou o piano, e nem uma allusão se trocou ao que acabava de se passar. Acaso n'este instante de isolamento lhe tinham voltado as reminiscencias da juventude? Seria aquella a derradeira e derrancadora despedida ao risonho passado?

Ha muito que repousa no cemiterio de Bonn o grande compositor a quem tanto deve

o mundo. Embalá-lhe o eterno somno as ondas murmurasas do Rheno. Mas as *Phantasiestücke* não de eternamente falar ás gerações d'esse romance que as palavras nunca recontaram.

cardo Wagner. Vemol-o a discutir o «Parsifal», a ultima e a mais grandiosa das suas operas, com sua mulher e seus dois fieis amigos, Listz e Hans von Wolzogen. Já então Wagner residia na sua magnifica casa de Bay-



RICARDO WAGNER E LISTZ DISCUTINDO O «PARSIFAL» — *Quadro de Beckmann*

Ha quatro annos apenas que Robena Lailaw falleceu em Londres. Entre as numerosas recordações da carreira triumphal da artista, encontrou-se uma rosa murcha, n'uma petala da qual se lia, na lettra d'ella, a seguinte inscripção:

«Schumann deu-me esta rosa no Rosenau, em 1836».

#### O TRIUMPHO DE UM GRANDE COMPOSITOR

O quadro de Beckmann representa o ultimo dos grandes musicos do seculo XIX, Ri-

reuth, rodeiado por esse luxo que elle tanto estremecia, tendo por companheira a mulher que mais perfeitamente o comprehendera. Tinha sustentado uma renhida campanha, mas a sua victoria era final e decisiva. Esse spectaculo consola-nos, com a esperanza de que em nossos dias a cultura intellectual está tão adeantada e dispersa, que raras vezes o genio estará exposto a pagar com uma existencia de miseria a sua aureola de gloria.

# ESTRADA DA RAZÃO

## A Guerra Junqueiro

*Sinto dentro de mim, juiz inclemente,  
A consciencia altiva a condemnar  
Um esteril passado incoherente...*

*Se, emfim! plena e viril, vejo raiar  
No horisonte da Vida, a mocidade,  
Vamos por nova senda caminhar.*

*O tributo paguei á ingenuidade,  
A' chimera, ao amor. Sôa o momento  
D'encarar, frente a frente, a realidade!*

*Para longe o covarde desalento;  
E' preciso encetar nova existencia  
E livrar d'illusões o pensamento,*

*Ir procurar o fundo, o amago, a essencia,  
Das coisas e dos seres. A causa e o effeito  
Estudar em mim proprio, na evidencia.*

*Visando o Bem, o alvo mais perfeito,  
A estrada luminosa da Razão  
Trilhar como um dever, sempre a direito.*

*Pugnar pela constante evolução  
Do Povo, encaminhal-o a esse sonhado  
Puro ideal de civilisação!*

*Ser util e ser bom: ser sempre ao lado  
Dos opprimidos e pela Verdade  
Batalhar com esforço e alto brado!*

*Posso não encontrar felicidade,  
Mas a certeza do dever cumprido,  
Ao seio me trará serenidade!*

*Espiritual luar enternecido,  
Banhando um cemiterio d'illusões  
Dentro de mim solemnemente erguido!*

*Pois se em nossos latentes corações  
Repousam, como em tumulos sagrados,  
De sonhos e de amor, recordações,*

*Tal como sob verdejantes prados  
Dormem, desfeita a carne e a mortalha,  
Esqueletos de corpos bem amados,*

*Sem que a terra que os cobre e os agasalha  
Deixe de ser, por isso, fecundante  
Em fructo e flor que á superficie espalha,*

*Meu coração, ha pouco agonisante,  
Póde, tambem, se a vida se renova,  
Encontrar prisma novo e mais brilhante:*

*Das illusões d'amor por sobre a cova,  
Ergo a torre da fé na hora que vem  
E em que ha de fundar-se a patria nova:*

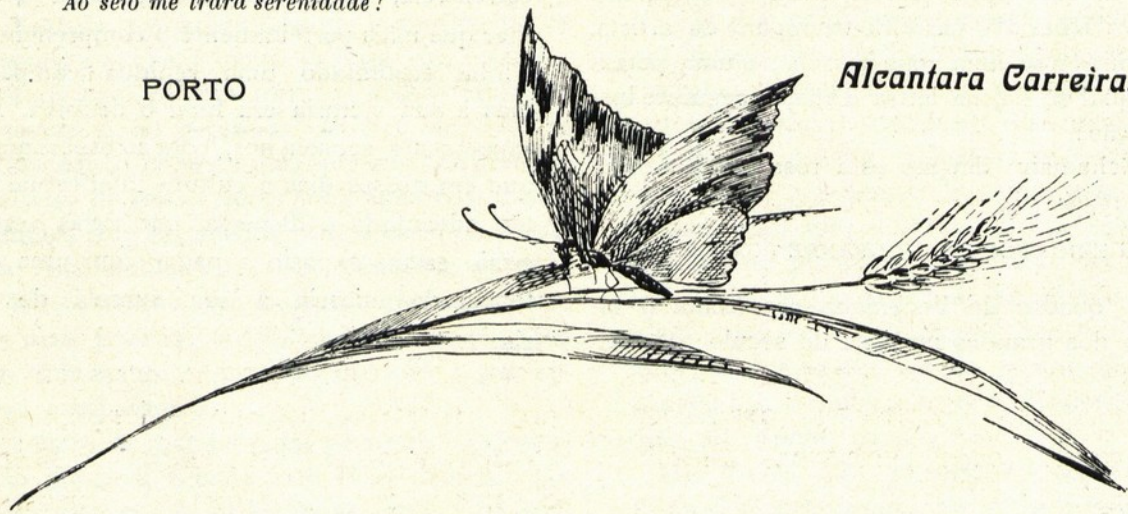
*Patria que não terá fronteiras, nem  
Por seu dominio a tyrannia e a treva,  
E aonde se commungue a hostia do bem;*

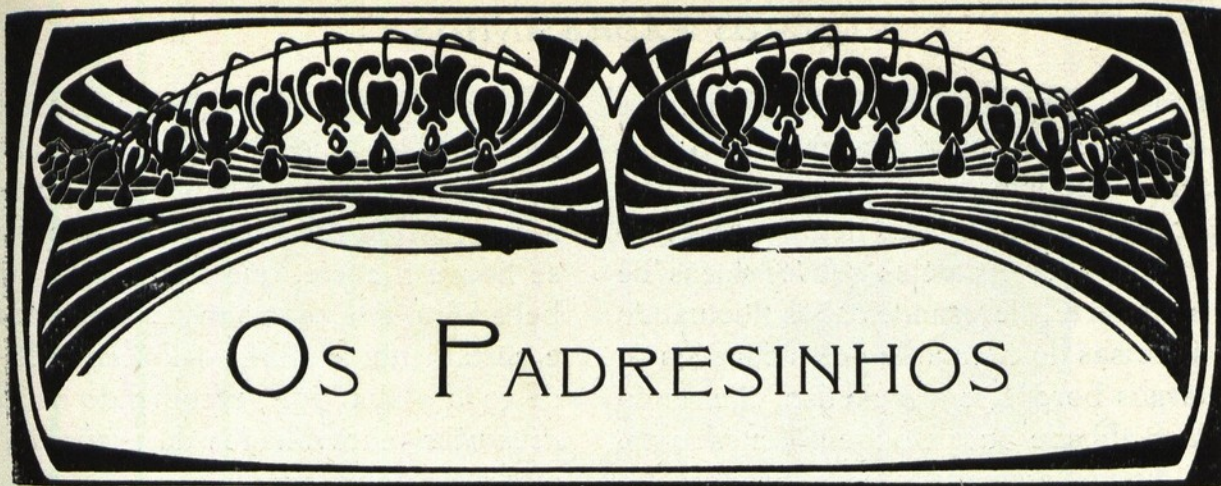
*Patria em que a lei um semi-deus escreva.  
De humanitarios, redemptores ideaes,  
Que ante direitos e dever prescreva*

*Sermos todos irmãos, todos iguaes!*

PORTO

Aleantara Carreira.





# OS PADRESINHOS

Sob um novo aspecto de apresenta no seguinte artigo o delicado talento do Wenceslau de Moraes. É uma reminiscencia da sua vida de official da armada, em que a sensibilidade nativa do brilhante escriptor se tempera de um ligeiro agri-doce de satyra. E o que torna ainda mais curioso artigo é a illustração do proprio autor, que dá ideia de um assumpto occidental traçado por um pincel nipponico, accusando assim as vividas predilecções exóticas de Wenceslau de Moraes.

Ao nosso eminente collaborador agradecemos effusivamente, rogando-lhe que não poupe aos nossos leitores o requintado regalo dos seus artigos.



Á lá vão coisa de uns dez-oito annos — um instante ou uma eternidade, — desde que, um bello dia, os fados me atiraram para dentro de um transporte da marinha de guerra portugueza, o qual me trouxe, pela primeira vez, a este Extremo-Oriente e á China.

Ai, viagens dos nossos transportes, abarrotados de passageiros, a lembrem, pelo cardume humano, aquelles barcos que não raro encontramos atravessando o Mar Vermelho, a trasbordarem de peregrinos, com destino á Santa Mecca!... Muitos as conhecem, taes viagens, por experiencia ou tradição; só pasmo que falem chronicistas, pois volumes sem conto se poderiam escrever a tal respeito, não escasseando por certo as aneddotas interessantes, jucosas, picarescas, dramaticas por vezes, com referencia áquellas chusmas.

Para o caso a que particularmente me reporto, mal poderia eu agora inventariar, mesmo em rapido exame, os typos varios dos meus companheiros adventicios, — entre damas, funcionarios civis, officiaes do exercito, soldados, operarios contractados, deportados, degredados, negros de diversas proveniencias, etc. Na memoria re- vessa, retenho apenas nitidamente o grupo mais interessante de toda aquella turba, grupo composto por cerca de uma duzia de creanças, destinadas ao Seminario de Macau, para alli se instruirem e a seu tempo se converterem em pastores do rebanho catholico portugez, na Asia e na Oceania.

Os *Padresinhos* (como logo fôram conhecidos os garotos por toda a gente do navio), os *Padresinhos* variavam em idades, entre os doze e quinze annos. Haviam sido recrutados, quasi a cordel, pelas familias pobres e beatas do norte do paiz. Não sei quem, ti-

nha-os despido dos trajos pittorescos das aldeias, pouco graves para o mister a que iam dar-se; e em troca vestira-lhes severos fatos negros, especialmente notáveis pelas sobrecasacas de mau côrte, de grandes abas fluctuando ás brisas do oceano, e pelos chapéos de largos bordos, em meio uso, cheirando já a abbade ou, pelo menos, a sacrista.

Assim ataviados, os rapazitos patenteavam-se soberanamente ridiculos, grotescos, hilariantes, monstruosos; mas tão frescas e sadias eram as suas faces côm de rosa, tanta candura havia na transparencia do seu doce olhar de jovens aldeões, tamanha alegria nos risos e na ingenuidade da palestra, que se tornaram, passado o enjô e após dois ou tres dias de convivio, queridos de todos nós. Tiveram logo alcunhas, claro está: um, dos mais novos, era o *Padre João*, rechonchudo, já com barriga de prior e umas mãositas papudas a reclamarem beijocas de devotas; de outras, não me lembro; o mais velho da duzia, espigado, desairoso, na quadra ingrata em que se transita de menino para homem, era o *Grande*.

E foram correndo os dias, na paz monotona do mar, cortada de quando em quando pela diversão dos portos de escala necessarios. Em Santa-Helena, — lembro-me bem, — os *Padresinhos* tiveram festa de espavento. Na sua curiosidade effervescente, elles morriam por ir vêr as velhas reliquias que haviam sido encerro e tumulo do heroico Bonaparte; mas faltava-lhes orientação experiente para organisarem o passeio; e tambem respeitabilidade para que lhes fôsse consentido, sem certas garantias, pelo bondoso commandante do transporte. Surge então, de entre os passageiros, um official de infantaria, que se institue chefe da ca-

ravana; recolhe os magros cobres dos mocinhos e lá os leva, a todos, campos fóra, até o logar famoso. Seguiu-se a imprescindivel refeição; e tão bem se houve o chefe, que ferrou com uma bebedeira em cada um... a primeira e certamente a ultima — quero crêr — de toda a sua vida; recolhendo os *Padresinhos* maravilhados da excursão, o olhar em fogo, cambaleando, aos bordos, as sobrecasacas avariadas e os chapéos ás tres pancadas...

Chegámos finalmente, os *Padresinhos* e quem escreve estas linhas, ao nosso commum destino, Macau, a cidade do Santo Nome de Deus, como é chamada. Encontrei-os depois, vezes sem conto, mas já sem sobrecasacas nem chapéos: graves seminaristas, no seu uniforme de rigor — batina e sobrepelliz, — acolytando em cerimoniaes, acompanhando procissões a passo grave, ou então só de batina, em bicha pelas ruas e collinas, em recreações sisudas, debaixo das vistas lorpas dos prefeitos. O que me foi impossivel ir seguindo, — e com pezar o digo, porque deveria ser interessante o estudo, — era a transformação moral, intima, por que iam passando os *Padresinhos*; mysterio de desaggregação que se operava lentamente, adaptando aquelles rudes filhos das montanhas, aquelles camponios portuguezes, affeioados á terra mãe por longas hereditariedades de amor e de trabalho, á fôrma de mysticos missionarios do Oriente!...

Os annos passavam; e a bicha dos *Padresinhos* — a duzia de borrachões de Santa-Helena — ia-se encurtando pouco a pouco. Dois d'elles, dos mais intelligentes, morreram; não se sabe bem do quê, ou não se diz bem como isso foi; alguém me segredou que o meio exotico, a ausencia das mães, a



RECOLHERAM MARAVILHADOS DA EXCURSÃO, O OLHAR EM FOGO, CAMBALEANDO, AOS BORDOS...

*Desenho do auctor*

saudade da paizagem patria, a adolescencia a ferver-lhes, — todas estas causas e outras mais, — os arremessaram ao abysmo da allucinação, da perversão do sentimento, dos deleites solitarios, da tísica e do tumulto... Outro, após aturada applicação por alguns annos, deu-lhe a mosca, pés para que te quero, saltou uma bella noite para fóra dos muros da cerca do collegio, indo depois alistar-se no corpo de policia do porto de Macau. O *Grande* nunca se conformou com o regimen, nunca quiz estudar o latim dos breviarios nem a sciencia dos compendios, não fazia senão pedir e berrar que o mandassem para a sua terra, quanto antes; nem carinhos mellifluos dos mestres, nem admoestações azedas, nem mesmo duas ou tres tareias mandadas applicar paternalmente por Sua Excellencia Reverendissima convenceram o rebelde a ter juizo; por fim, fizeram-lhe a vontade, partiu, por inutil e damninho.

Quanto a mim, o *Grande*, antes de deixar a aldeia, já fôra tocado pela varinha de condão que ensina o encanto dos sexos; o patife já sentira fervilhar-lhe o sangue nas arterias ao avistar nas azinhagas as cachopas, ao irem lavar roupa nas ribeiras; e a estas horas, se não me engano em calculos, deve andar em amanhos de trigos e pomares, em algum canto de terra portugueza, com a mulher no albergue a cozinhar-lhe as sopas e dois ou tres garotos passeando junto á porta, com os bibes lambusados de sumo de medronhos. Do que succedeu a alguns, não sei dizer. O *Padre João*, embora pouco sagaz em mathematicas, segundo me constou, terá alcançado a meta sem grandes contratemplos; e imagino-o agora ainda mais barrigudo do que era, serenamente devotado a evangelizar pretinhos em Timor, ou malaios nos Estreitos, ou chinezes em Hainau, prodigas em benções as suas mãos pa-

pudas. E um outro — uma joia de moço de agudissima intelligencia, de delicadezas instinctivas, — sei que alcançou brilhantemente as ordens sacras, querido de superiores, seguramente destinado, quando mais maduro em annos, aos logares mais importantes do bispado.

Ora, éra este ultimo o meu predilecto, de entre a duzia inteira. Penso ainda hoje no moço com saudades. Se acaso um dia, ao encontrar-me sobre a enxerga da agonia em qualquer paiz exotico, souber que o *Padresinho* não está longe — coisa muito possivel de se dar, — hei de então mandar rogá-lhe que venha ter commigo. Peccami-

noso intuito, apresso-me em dizel-o... Porque não será o seu latim que me console nem tão pouco os gestos de officio das suas finas mãos hieraticas. Na sua face grave e taciturna, algum traço fugidio recolherei, que me recorde a imagem fresca do mocinho que vinha de deixar a sua aldeia para embarcar, como eu, n'um transporte portuguez; na sua voz, fria e fanhosa, alguma nota solta me lembrará entoações amigas da gente do meu distante Portugal... e estas reminiscencias da patria, suggeridas pelo missionario barbudo e austero, bastarão, como se fôsem uma doce caricia de mulher, para a minha sentimentalidade impenitente...

Fevereiro de 1906

WENCESLAU DE MORAES



## Segundo Concurso Photographico dos SERÕES — Menção honrosa



Idyllio ao pôr do sol

*Photographia do sr. Thiago Silva, de Alcaccer do Sal*





## A GRUTA DE FLORA



casa onde eu morava, quando era pequeno, tinha um lindo jardim. Os renques de buxo altissimo formavam, aos lados dos passeios, grandes muros verdes, atraz dos quaes eu e os meus amigos nos occultavamos para jogar as escondidas.

Às vezes o Luiz, que tinha n'aquelle tempo dez annos, não se limitava a esconder-se no meio do buxo; trepava pelos troncos, empoleirava-se lá muito no alto, e só quem tivesse olhos de lynce, que, segundo dizem, é bicho capaz de ver mosquitos na Outra Banda, poderia enxerga-lo muito agarrado a um ramo, que lhe escondia todo o corpo.

Ali encolhido durante dez minutos, e um quarto de hora, desnorteava-nos, e só quando nos davamos por vencidos é que elle descia todo ancho, rindo-se á nossa custa.

Ora isto deu resultado a principio; mas depois, logo que elle dizia — E já!... — eu e o Jorge corriamos a todas as arvores, e pouco tardava que o descobrissemos lá em cima, empoleirado.

O Luiz então dava um grande cavaco, e descia muito corrido, com a troça espantosa que lhe faziamos.

Um dia fez uma aposta comnosco, aposta que accetámos de prompto. Obrigou-se a esconder-se no jardim de tal sorte, que, por mais que o procurassemos, não conseguiriamos encontra-lo. Se perdessemos, pagar-lhe-hiamos um *vintem*; se ganhassemos, receberiamos duas maçãs, que a avó lhe tinha dado.

A avó do Luiz era uma senhora muito velha, muito rabugenta e muito corcunda. Tratava-nos sempre de mau modo, chamava-nos diabretes. Ao neto, então, puxava as orelhas.

O Luiz calava-se, enxugava tudo, mas quando D. Ephigenia — a avó — lhe voltava as costas, elle corcovava-se todo, agarrava n'um pausinho, e imitava admiravelmente a rabugenta da velha.

Feita a aposta, tratámos logo de realisa-la.

Eu, o Luiz e o Jorge estavamos pallidos, trémulos, n'aquelle momento solemne.

Adivinhavamos o que ia acontecer, ou sentiamo-nos commovidos pela importancia da aposta?



...AGARRAVA N'UM PAUSINHO E IMITAVA ADMIRAVELMENTE A RABUGENTA DA VELHA

dido na gruta! pensámos nós, depois de o ter procurado por aquelle lado do jardim.

Ora, todos nós, eu, o Jorge, e o proprio Luiz, que era o mais affeito, sentiamos um terror instinctivo pela tal gruta. Já as circumvisinhanças não tinham nada de agradaveis. As arvores entrelaçavam de tal modo a ramaria, que, mesmo quando o sol ia a pino, poucas vezes um raio penetrava sorrateiro por entre a folhagem, até ir desenhar uma nodoa amarella na areia do chão que o jardineiro mantinha, valha a verdade, sempre limpo de folhas seccas.

Até alli, porém, ia qualquer de nós, á tarde que fosse. Mas lá quanto a pôr os pés na gruta... Quem não teria medo?

Ouçam-me e julguem. O arco da entrada era formado de pedra miudinha e toda preta, muito preta!...

Passava-se depois para uma casa sombria, toda forrada tambem de pedra escura, muito escura!...

Mas o que nos mettia mais pavor era uma grande boneca muito branca, que estava lá no fundo, virada para quem chegava, como a perguntar-lhe:

— Que vens tu cá fazer?

O Jorge, um dia, foi lá de manhã, quando o sol, ainda baixo, illuminava o chão da alameda, e julgou ver a boneca de pedra mexer um braço.

Eu e o Luiz não acreditámos n'isto, mas, verdade, verdade, ficámos gostando ainda menos da gruta. E depois, havia outra coisa para nos assustar: de traz da boneca, corria um filete de agua, que se escoava lentamente, serenamente, deslisando para uma larga bacia que havia junto ao chão. A cada instante ouviam-se os pingos caírem na agua, a um e um, escorregando das folhas da avenca e dos fétos, que rodeavam a estatua de Flora. Ora nós fomos procurar o Luiz n'aquelle sitio, mais por descargo de consciencia que por outra coisa.

Não sei dizer. Isto já foi ha tanto tempo!... Lembro-me, comtudo, perfeitamente, de que o Luiz desatou de subito a correr, e que tomou para as bandas da gruta de Flora.

D'ahi a pouco, chegava-nos ao ouvido um — E já! — longinquo, abafado.

Partimos immediatamente, em correria doida.

O Luiz não estava em cima das arvores, não estava tambem por entre os canteiros, nem tão pouco no pavilhão, onde o jardineiro guardava os ancinhos, os regadores e muitos outros petrechos da sua arte.

Então é que se tinha escondido

Se eu e o Jorge, que eramos dois, para entrarmos na gruta demos a mão um ao outro, e nos sentíamos n'uma tremura constante, chegava a parecer impossível que o Luiz se atrevesse a penetrar ali sózinho.

Entrámos, comtudo, e demos com os olhos na estatua, branca, terrível.

—O Luiz não veio para cá, disse o Jorge.

—Ai! Meu Deus! Não vês a boneca a mexer os olhos?

Ainda eu não tinha acabado de dizer esta brincadeira, n'um impeto de coragem de que mais tarde me admirei muitas vezes, quando de traz da boneca partiu um grito estridente, e vimos sair uma sombra que, resvalando por cima do marmore da estatua, veio bater no pavimento da gruta.

O Jorge e eu, attonitos, desorientados, tinhamos recuado, e, com os olhos escancarados desmesuradamente, tratavamos de saber quem era o ente mysterioso, que viera cair quasi aos nossos pés.

A estatua não mudara de logar.

Um gemido, seguido de outro e d'algumas palavras entrecortadas, revelou-nos o que acabava de succeder.

—Ai!... Ai!... Que dôr!... A boneca mexeu os olhos?... Ai!... Ai!...

Bem conhecemos a voz de Luiz.

O maroto havia-se escondido atraz da estatua, esperando desnortear-nos, mas contara demasiadamente com a sua coragem. De mais a mais, mettiam-lhe medo ás vezes, em casa, com a boneca branca da gruta do jardim.

Por isso, apenas me ouviu dizer que a boneca mexera os olhos, não teve mais força em si mesmo, esqueceu a aposta, e só cuidou em fugir, acoitado pelo medo. Não calculando bem a descida, escorregou por cima da estatua, e bateu com as costas na pedra.

Ajudámo-lo a levantar-se e trouxemo-lo para o jardim.

—Vae-se chamar alguém, lembrou o Jorge.

—Não, não! pediu o Luiz muito afflicto. Se o papá souber que eu caí, dá-me uma surra!... Eu já estou melhor...

Ao proferir estas palavras, fez uma careta, levou as mãos ás cadeiras e torceu-se com a dôr.

—Chama-se alguém, repeti eu.



.. RESVALANDO POR CIMA DO MARMORE DA ESTATUA, VEIU BATER NO PAVIMENTO DA GRUTA

— Não! atalhou novamente o Luiz. Olhem. Basta que me esfreguem com força a parte com que bati no chão.

D'alli a pouco, já se não queixava, e entrámos em casa, fazendo juramento solemne de nada revelarmos do acontecido.

Como o Luiz teve artes de conseguir que a mãe não visse a nodoa negra, que lhe ficou nas costas depois da queda, nunca eu pude saber.

— Bem fez elle! diz um leitor pequenino, que d'aqui entrevejo.

— Fez muito mal! respondo eu já, porque sei o que depois lhe succedeu.

D'alli a tempos, o Luiz começou a queixar-se de dôres na espinha e nos rins. Não podia estar sentado, nem deitado de costas. A pouco e pouco foi-se tornando corcovado.

Os paes, coitados! affligiram-se, chamaram muitos doutores, mas nenhum d'estes deu remedio á doença, como aquellos medicos que tratavam as princezas dos contos das fadas.

Só um descobriu a origem do mal. Affirmou que o pequenito tinha dado por força uma queda. O Luiz, posto a perguntas, confessou tudo, dizendo, porém, que estava sósinho ao cair, para não nos comprometter, a mim e ao Jorge.

Era tarde, porque a doença já não tinha cura e foi sempre a mais.

O Luiz não morreu... mas antes lhe tivesse acontecido isso.

Se virem, por ahi, um homem ainda novo, muito corcovado, doente, agarrado com uma das mãos ao braço de uma pessoa que o ampara, e pegando com a outra n'uma bengala, é elle, o Luiz.

Se tivéssemos contado logo a historia da queda, o medicô tinha-o posto bom em pouco tempo. Como guardámos segredo, o Luiz ficou aleijado.

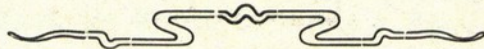


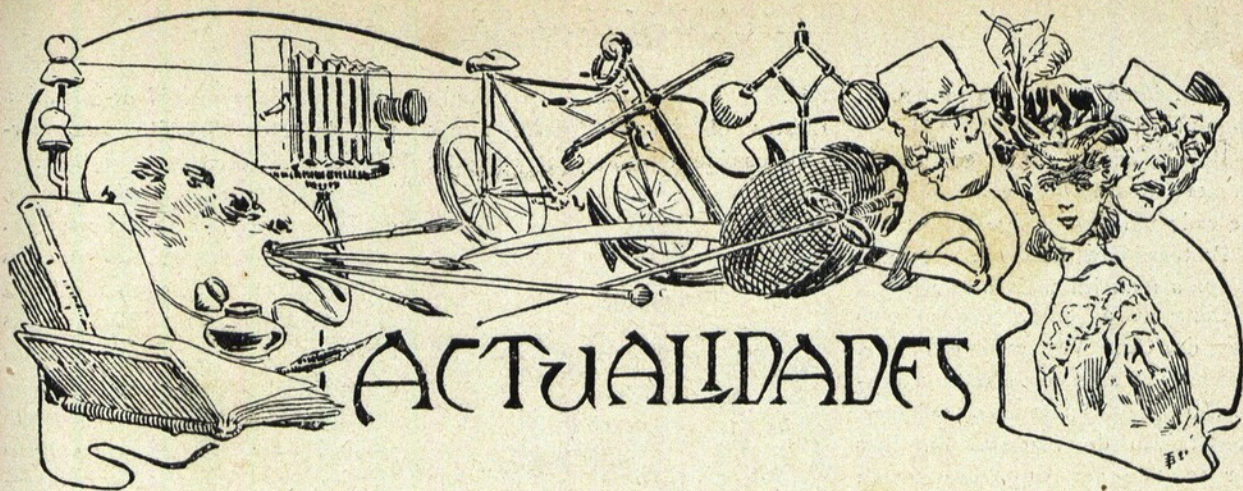
... UM HOMEM AINDA NOVO, MUITO CORCOVADO, DOENTE, AGARRADO COM UMA DAS MÃOS AO BRAÇO DE UMA PESSOA QUE O AMPARA, E PEGANDO COM A OUTRA N'UMA BENGALA ..

D'alli por deante, ao mais insignificante ache, eu desatava logo a correr em busca de alguém e pedia em altos gritos «o sr. doutor».

Aposto que os meus pequeninos leitores vão fazer o mesmo?

Que não o façam, e guardem segredo como nós tres guardámos depois do caso da gruta de Flora, e sabe Deus se um dia andarão por ahi muito alcachinados e agarrados a uma bengala, como o Luiz, que, não tendo ainda muita idade, parece mais velho do que era a avó, no tempo em que nos chamava diabretes, e em que dava puxões de orelhas no traquinas do neto.





## Grandes topicos

Na Russia

**A'** hora a que escrevemos a situação politica do imperio moscovita, encarada sob um ponto de vista geral, permanece tal qual a descrevemos no anterior numero dos *Servões*.

A autoocracia continúa a defender á outrance as suas velhas prerogativas dos assaltos quotidianos que lhes dão os partidarios da liberdade, emquanto estes proseguem denodadamente n'essa lueta gigantesca, dispostos a ir até ao fim. Succede, parém, que essa lueta se agravou, tornando-se de tal maneira violenta e encarniçada que, como diz o professor inglez Edward Dicey, é muito possivel que antes do

fim do mez «tenha sido desthronado o czar ou dissolvida a Duma e haja rebentado uma sangrenta revolução».

Dissemos então que a Duma havia votado por unanimidade a demissão ou, mais propriamente, a expulsão do ministerio que, todavia, fizera ouvidos de mercador, continuando á testa dos negocios publicos, escorado pela confiança da corôa e, merçê d'ella, afrontando o parlamento com a sua attitude provocante. O resultado foi a Duma, exasperada com essa attitude, repetir, por duas vezes já, o voto de expulsão contra Goremykine e os seus collegas, e estes não poderem quasi, actualmemente, entrar na sala das sessões, onde são systematicamente recebidos com assobios e gritos de «fóra!» E, consequentemente, todo o paiz, vendo os seus representantes assim desconsiderados e as suas reivindicações repelidas, lançou-se n'uma agitação que augmenta de dia para dia, assumindo já em alguns pontos extraordinarias proporções. Não são já só os civis que se manifestam contra o governo e contra o regimen: o exercito, que ultimamente começara a dar signal de si, encontra-se hoje quasi completamente insubordinado, sendo raro o dia em que o telegrapho não nos annuncia um novo caso de revolta, que até aqui tem ficado circumscripto a um quartel e, quando muito, a uma cidade, mas que, dentro em pouco, se estenderá a todo o imperio.

E', em resumo, o fim da autoocracia que se aproxima.



PRECISA CONCERTO

*O mundo tem soffrido grandes damnos de terramotos, erupções e outros desastres.*

Do «Ulk»

A Convenção de Genebra

**D**e 11 de junho a 6 de julho esteve reunida em

Genebra a conferencia internacional, constituida por delegados de trinta e sete estados, e convocada para fazer a revisão da Convenção de 1864.

Limitara-se esta a estabelecer os mais essenciaes principios humanitarios, não se occupando das questões juridicas e da sua applicação em caso de guerra.

A revisão veio preencher essa lacuna, eliminando, ao mesmo tempo certos pontos da Convenção que a experiencia demonstrou serem de applicação difficilima.

Entre as resoluções tomadas, fi-



GRAÇAS A DEUS QUE POR AGORA SÓ DEITO FUMO

*A lava que jorra do vulcão — o qual como se vê, representa o rosto de um cossaco — é feita de caveiras das victimas da autoocracia, e rodeia a Duma. Diz o caricaturista que ella ainda está quente, mas ha de ir arrefecendo.*

Do «Kladderatsch»

guram, como mais importantes, as seguintes:

Determinação mais exacta do numero dos feridos e dos doentes de cada um dos belligerantes;

Protecção aos feridos, assegurada de uma maneira mais pratica;

Consagração official das sociedades da Cruz Vermelha e outras, que passam a gosar da mesma protecção que os serviços officiaes. Restituição do material que lhes for tomado em tempo de guerra;

Adopção geral do emblema da Cruz Vermelha, que certos estados não christãos tinham até agora recusado;

Interdição do emprego do emblema da Cruz Vermelha nos productos industriaes ou commerciaes.

A questão Dreyfus

**E**stá de novo na ordem do dia esta questão que durante tantos annos apaixonou a França, a ponto de chegar a comprometter a existencia das instituições republicanas.

Dreyfus, a pobre victima dos reaccionarios do Estado maior de 1894, não satisfeito com o perdão que lhe fôra concedido pelo presidente da Republica, requereu a revisão do seu processo, e é á vista d'este pedido que o tribunal de Cassação está procedendo agora, sendo de prever que o auctorisar porquanto tem em seu poder as mais evidentes provas da innocencia do ex-capitão, — da qual, de resto, toda a França está hoje tão convencida que assiste aos debates do tribunal com uma serenidade absoluta, que contrasta singularmente com a sua attitude nos agitados dias do julgamento de Rennes.

Novos estados americanos

**O** presidente Roosevelt assignou no dia 16 de junho a lei votada pelo parlamento admittindo na Confederação um novo estado constituido pelos territorios indiano e de Oklahoma.

Os dois districtos assim reunidos formam um extenso territorio. O Oklahoma contava, em 1900, 308.331 e o territorio indiano

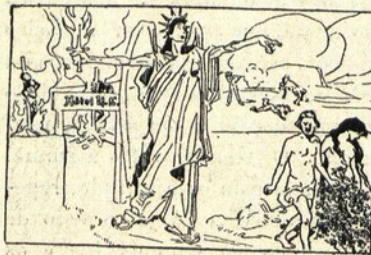
392.000 habitantes. A população d'estes districtos augmentou nos ultimos cinco annos espantosamente;



A TRIPLICE ALLIANÇA

*Nós mantemo-nos unidos leal e firmemente. Hip! hip! hurrah!*

Do «Nebelspalter»



O PARAISO DA LIBERDADE

*Gorki é a sua Eva expulsos do paraíso dos Estados Unidos, por falta de laços matrimoniaes.*

Do «Kladderadatsch»



O PAESINHO DOS RUSSOS E OS JUDEUS

*r. Na Russia — 2. Fora da Russia*

Do «Newe Gluhlichter»

póde ser calculada na actualidade em milhão e meio de habitantes.

O novo estado dispõe já de 19

bancos nacionaes e 247 de iniciativa privada, com depositos na importancia de 22 milhões de dollars.

Tem 2.192 escolas communaes, dando instrucção a 19.433 creanças.

O territorio das Peles Vermelhas foi creado em 1834 para n'elle serem recolhidas as tribus que nos estados de Leste traziam os colonos em constante sobresalto.

A lei manda tambem realizar um plebiscito no Arizona e no Novo Mexico, para saber se os habitantes d'estes dois territorios querem igualmente ser incorporados na Confederação, constituindo um novo estado.

O divorcio em França

**A**CABA de ser apresentado ao parlamento francez o projecto de reforma da lei do divorcio, cuja elaboração foi confiada ao *Comité* da reforma do casamento.

O projecto amplia a lei anterior, tornando mais facil o divorcio e dando á mulher maior capacidade juridica.

As causas do divorcio admittidas são:

O concurso mutuo das esposas;  
A incompatibilidade de genios, manifestada em juizo por um d'elles, de seis em seis mezes, durante dois annos;

O adulterio;  
A condemnação a uma pena infamante;

A condemnação a uma pena correccional;

O abandono voluntario do domicilio conjugal, durante dois annos;

A alienação mental de um dos esposos;

A embriaguez inveterada e as doenças venereas graves

Segundo o projecto, o adulterio deixa de ser um delicto e desmerecer, por isso, uma pena, transformando-se simplesmente em um motivo de divorcio.

O lago Tchad

**A**CABARAM de reconhecer os sabios que o famoso lago Tchad, por causa do qual esteve ha tempos imminente a guerra entre a Gran Bretanha e

a França, não é senão o ultimo vestigio do immenso mar interior da Africa. Succede, porém, que o Tchad, não querendo dar origem a novas e provaveis complicações, parece estar resolvido a desaparecer modestamente.

Com effeito, segundo uma comunicação publicada no *Boletim da Sociedade Astronomica de França*, o capitão Tilho, membro da commissão delimitadora franco-inglesa da região do Niger-Tchad, comprovou recentemente que, desde as explorações de Barth e Nachtigal, a forma e a superficie do lago sofreram grandes transformações.

A superficie perdeu mais de um milhão de hectares em cincoenta annos. As areias invadiram-o por leste e as dunas caminharam para oeste. Ao mesmo tempo, as aguas teem diminuido.

A navegação só é possivel em raros sitios, e, com frequencia, as embarcações tocam o fundo.

Assim, o magnifico lago que, com as suas ondas, na occasião dos grandes ventos, dava a illusão de um oceano, tende a converter-se rapidamente n'um immenso pantano.

O novo presidente do Chili **A** Republica do Chili acaba de eleger presidente o sr. Pedro Montt que presidiu de 1851 a 1861, e a quem se deve o desenvolvimento que o Chili está manifestando.

Elevado ao mais alto cargo do seu paiz, pela União Liberal, Pedro Montt, foi successivamente deputado, senador, diplomata, ministro e vice-presidente do Conselho de Estado. Segundo o seu programma, vae consagrar principalmente os seus esforços á melhoria dos cambios, a activar as obras publicas, a desenvolver a instrucção popular e a crear a legislação productora do trabalho.

O maior diamante do mundo **P**ARA os profanos, o grande diamante ha tempos descoberto na mina Premier, na Africa do Sul, tem toda a apparen-

cia de um pedaço de vidro ou gelo puro. Comtudo, este pequeno bloco de pedra, que mede approximadamente 4 pollegadas por 2 1/2 por 1/4 (0m,11x0m,069x0m,034) e pesa 3032 quilates, está avaliado nada menos

Elandsfontein, mesmo no centro do Rand, cousa de cinco milhas a leste de Johannesburg, e vinte e cinco milhas ao sul de Pretoria.

O diamante foi descoberto por um dos directores da mina, Mr. Cullinan, com cujo nome foi baptisado. Foi levado para Londres e examinado por varios peritos, Um sabio afamado descreveu-o como «a mais pura de todas as pedras grandes». Entretanto, os donos do diamante estão a parafusar sobre o melhor destino a dar-lhe. O facto é que o seu tamanho torna-o difficil de collocar.

Não parece muito possivel que o compre algum colleccionador particular. Apparentemente, o seu unico destino seria enriquecer uma collecção regia, mas qualquer governo, embora rico, hesitaria em pagar pelo seu valor um diamante assim.

A unica alternativa é pois cortar a pedra n'uma porção de joias e dispôr d'elle por esta fórma.



A PROXIMA CONFERENCIA DA PAZ EM HAYA  
A chegada das Potencia:

Do «Wahre Jacob»



O FUNDO ROTO DA TRIPLICE ALLIANÇA  
Bülw segura um vaso, com o distico «Triple Alliance», o qual rebentou. A França e a Italia entra de braço dado.

Do «Wahre Jacob»

que n'um milhão de libras. A terra onde se encontrou esta joia foi comprada a um lavrador boer, chamado Prinsloo, pela quantia de 5000 libras. Mais de uma vez elle tem confessado que nunca sonhara que tão importante quantia lhe offerecessem pela sua propriedade os caçadores de diamantes. Está situada, em

O verdadeiro negro **R**EPUTAM-SE em geral negros todos ou quasi todos os naturaes da Africa. O que é certo porém é que o verdadeiro negro está quasi exclusivamente confinado na costa da Guiné. Além da pelle negra, caracteriza-se pelo cabelo encarapinhado, alta estatura, de 1m,88 em media, nariz largo e chato, labios grossos e revirados, protuberantes. Os negros constroem cabanas com telhados salientes, usam como armas azagayas, arcs, espadas e escudos, mas não usam clavas nem fundas. Os seus instrumentos favoritos são tambores de madeira e uma especie de guitarra.

Para substituir o carvão **R**ECONHECEU-SE na California que os caroços de

pecego ardem tão bem como o melhor carvão, e fornecem mais calor em proporção do peso. Juntam-se os caroços dos pecegos que se põem de conserva ou seccam e vendem-se á razão de 5 para 6 mil réis a tonelada. Os caroços de alperce tambem ardem, mas não tão bem como os de pecego, e não alcançam um preço tão importante.

## Vida na sciencia e na industria

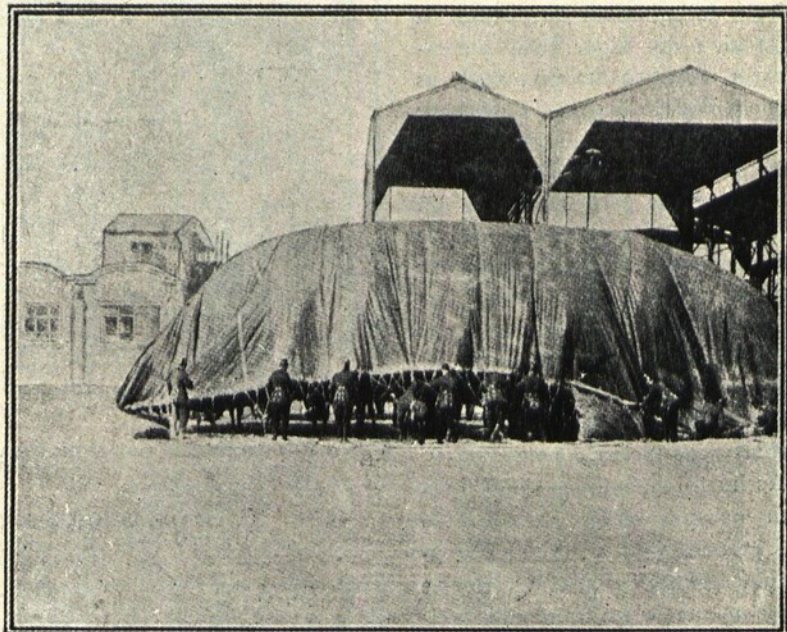
Aerostatica na exposiçãõ de Milão **U**MA das secções mais importantes da Exposiçãõ de Milão é o Parque Aerostatico, d'onde nada menos de dez grandes balões fizeram a sua ascensãõ em presença do rei de Italia no dia da abertura. Estes balões fõram seguidos por automoveis, e o carro que primeiro chegou ao local do descimento, a distancia consideravel, teve um premio valioso. O destacamento de balões militares, que da Allemanha fora mandado á Exposiçãõ, exhibiu mais tarde um balão captivo, pelo qual o rei da Italia mostrou um vivissimo interesse.

Signaes no mar alto

**U**MA nova invençãõ de um sabio de Boston, Mr. Mundy, tende a substituir os velhos methodos de signaes maritimos por meio de sereias, detonações d'algodãõ-polvora e sinos, em uso nos faroes terrestres e nos navios faroes. Estes teem o defeito de serem pouco audiveis a grande distancia em nevoeiros, os quaes abafam os sons. Ora como a agua é um excellente meio para a transmissãõ das ondas sonoras, foi essa propriedade que o sabio americano utili-

sou. A base do seu invento é uma vasilha cheia de certa soluçãõ e contendo um microphone muito sen-

cado na caldeira, accusa indistinctamente os sons; d'onde se prova que a soluçãõ do interior da vasi-



NA EXPOSIÇÃO DE MILÃO — COMO SE ENCHE UM BALÃO MILITAR

sivel, collocado dentro de uma especie de caldeira vãsia e em contacto com as paredes d'esta. Fluctuando a caldeira n'um dos extremos de um tanque, o som de um sino tocado debaixo de agua no outro extremo é ouvido distinctamente pelo microphone. Este ultimo, tirado de dentro da vasilha e collo-

lha e a posiçãõ d'esta representam um papel importante no colligir dos sons. A soluçãõ é pois o segredo do inventor, ao passo que todas as outras particularidades do aparelho sãõ de descripçãõ publica.

A installaçãõ e arranjo sãõ muito simples dentro do navio. O tanque ligado ao interior do casco abaixo

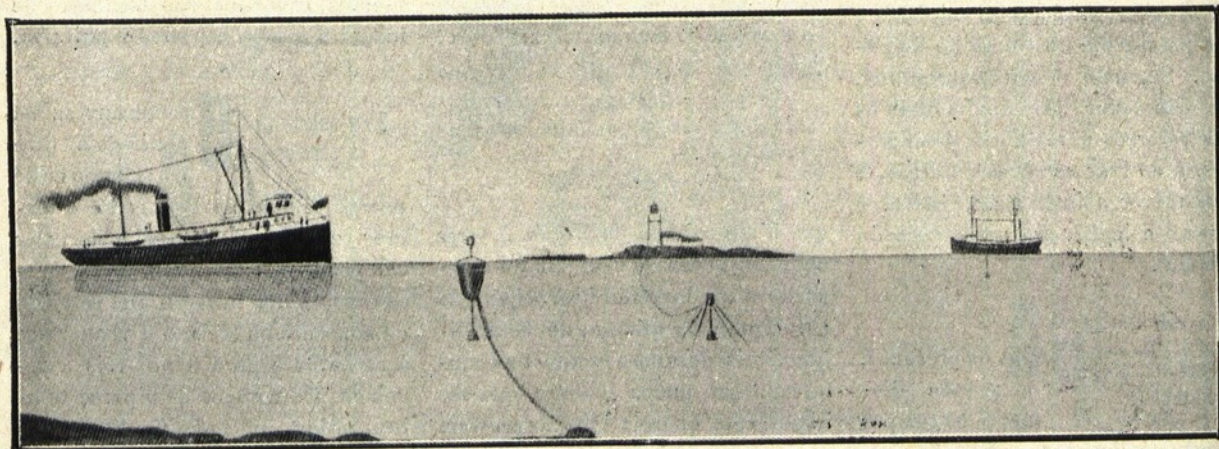


DIAGRAMMA MOSTRANDO OS VARIOS METHODOS DE SINOS SUBMARINOS PARA SIGNAES



da linha de agua, communica por um fio com a casa do governo. Ali ha um receptor semelhante ao do telephone ordinario, ligado a um indicador que informa o mareante se os sons de aviso proveem de estibordo ou de bombordo, por isso que a cada um dos bordos se adapta um aparelho. Para localisar o som, o mareante applica ao ouvido o receptor de cada um dos bordos, afim de determinar, pela differença de intensidade, se o perigo está a bombordo ou a estibordo. Se o navio vae de proa direita ao sino, os sons dos dois aparelhos teem a mesma intensidade, mas o mais ligeiro desvio é immediatamente accusado pelas differenças.

Na gravura que apresentamos, o sino do pharol terrestre é movido pela electricidade; no navio-farol pelo ar comprimido ou outros meios mechanicos, ao passo que o sino da boia é actuado pelo movimento das ondas.

Mostra-se tambem a posição dos receptores, de bombordo e de estibordo, que communicam com o indicador na casa do governo.

O «Lusitania» **P**LEA gravura junta se pode formar ideia do tamanho do *Lusitania*, o maior navio construido até hoje, pertencente á Companhia Cunard. Vê-se que o seu comprimento attinge quasi o dobro da altura da cathedral de S. Paulo, excedendo-a em 126 metros.

As principaes novidades d'este novo paquete são a linha telephonica, os elevadores electricos, um restaurant à la carte, as aposentações particulares em séries de ca-

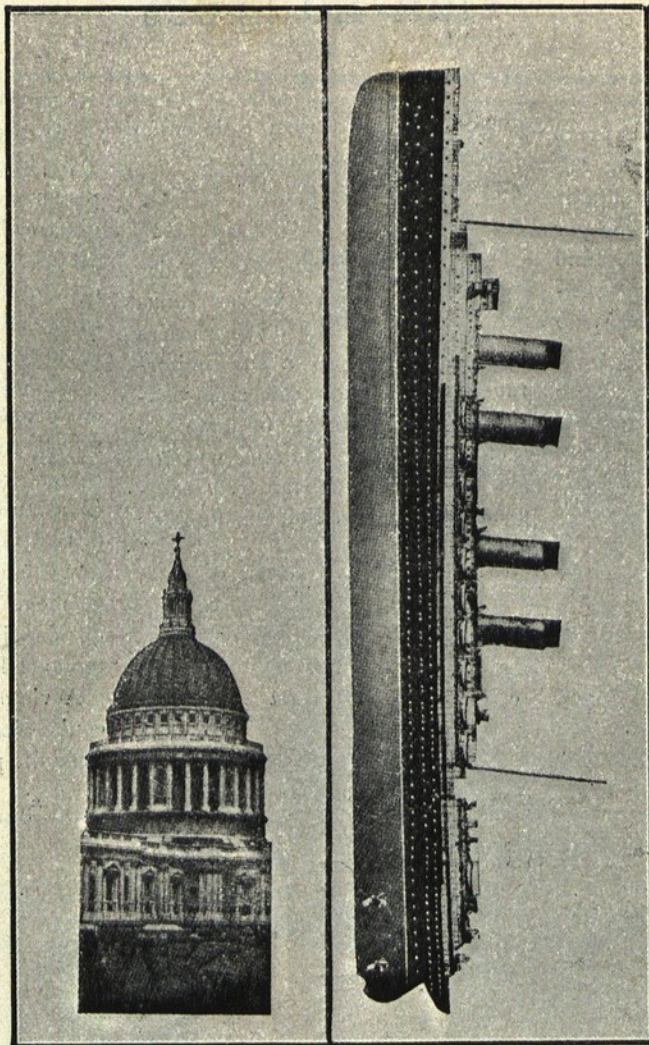
bines. A electricidade é produzida por machinas de turbina, que com

Linha ferrea na Mandchuria

**P**REPARAM-SE os japonezes a construir rapidamente uma importante linha ferrea na Mandchuria. Deve partir de Autung, passando por Feughwanz e Motien, e chegar a Mukden. Esta linha apresentará de certo difficuldades, a começar por uma parte que não terá menos de 760 metros. Mas os japonezes já teem á sua disposição um troço de via militar, embora reduzida, a qual passa pelos mesmos pontos e chega a 29 kilometros de Mukden. Isto facilita muito os trabalhos a fazer.

Explosão **E**is um facto condatado por um investigador allemão, que dá ideia da força que os gases podem armazenar quando fechados. Um pequeno tubo de gaz com a espessura de  $\frac{1}{50}$  de pollegada, contendo meio grão do mais puro brometo de radio, foi selado durante onze mezes e collocado n'um banho de ar liquido.

Tres minutos depois de tirado, o tubo rebentou, o vidro e o radio disseminaram-se em estilhas, e as particulas do ultimo brilhavam nas trevas como estrelinhas.



O COMPRIMENTO DO «LUZITANIA» COMPARADO COM A ALTURA DA CATHEDRAL DE S. PEDRO DE LONDRES (133 METROS)

as machinas propulsoras consumirão 1:000 toneladas de carvão por dia.

A tabella séguinte mostra as dimensões comparadas dos maiores vapores do mundo:

	Comprimento total em pés	Boca	Altura	Deslocamento	Força em cavallos	Velocidade
Great Eastern .....	692	83	57 $\frac{1}{2}$	27.000	8.000	14,25
Lucania .....	625	65	42	19.000	30.000	22,01
Oceanic .....	704	68	49	28.500	28.000	19,50
Deutschland .....	686	67	42	23.000	37.500	23,51
Baltic .....	725	75	49	40.000	18.000	16,25
Kaiser Wilhelm II .....	706	72	52 $\frac{1}{2}$	30.000	40.000	23,58
Amerika .....	680	74 $\frac{1}{2}$	53	36.000	15.000	16,00
Lusitania. ....	786	88	60	43.000	75.000	25,00

## Vida no sport

O «Grand prix» hippico de Paris, que data de 1863 e, desde 1887, era ganho por cavallos francezes, coube este anno ao cavallo inglez Spearmint, pertencente a lord Loder e montado pelo jockey Dillon.

O Spearmint ganhou n'esse dia ao seu dono, alem de 250:000 francos de premio, uns tres milhões de francos, de apostas.

O Campeonato de França foi no dia 1 do corrente que se disputou no Parc des Princes, de Paris, o Campeonato de França, de 100 kilometros, a mais antiga prova de velocipedia

manos, em bicycletas; e de então para cá em motocicletas.

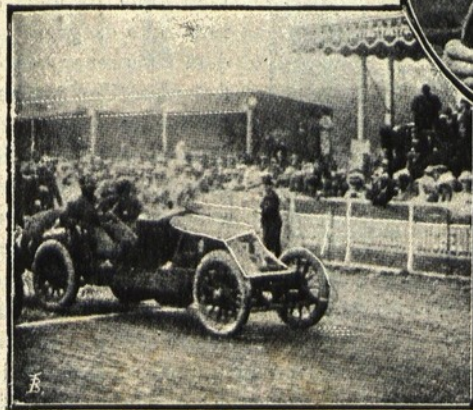
O «Grand prix» da U. V. P.

É esta uma das provas mundiaes mais importantes, tendo a sua importancia augmentado este anno consideravelmente com o facto de n'ella entrarem Poulain, o campeão do mundo e Kramer, o campeão da America. Foi, afinal, Pou-

A distancia a percorrer era de 1235 kilometros, em duas *étapes*, percurso este que havia sido todo alcatroado para evitar a poeira. Os carros inscriptos foram em numero do 34, com o peso maximo de mil kilos cada um, conforme o disposto no programma.

Logo na primeira *étape* chegou em primeiro logar Szisz, em automovel Renault, gastando em percorrer os 619 kilometros, 5 horas, 45 minutos e 30 segundos. Passados 26 minutos e 10 segundos chegou Clément, em automovel Bayard Clément, e 15 minutos e 13 segundos depois d'este, Nazzaro, em automovel Fiat.

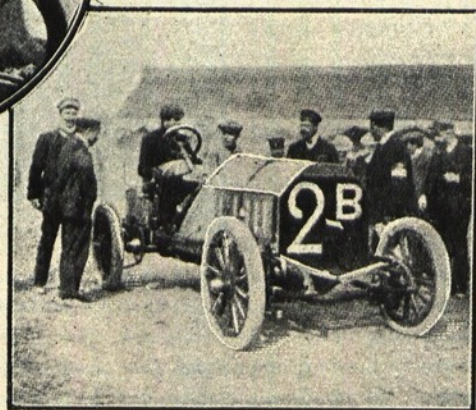
A victoria final, no dia seguinte, coube ainda a Szisz que, com o seu Renault, percorreu os 1238 kilome-



O CARRO VENCEDOR GUIADO POR SZISZ



SZISZ



O SEGUNDO CARRO GUIADO POR NAZZARO

franceza, pois a sua instituição data de 1885. N'esse anno, o campeonato foi ganho por Dubois, que fez os 100 kilometros em 4 horas, 14 minutos e 19 segundos, montando *bicycle*, machina adoptada até 1888, que foi quando a bicycleta appareceu. Este anno a victoria coube a Darragon que venceu aquella distancia em 1 hora, 14 minutos e 57 segundos.

Até 1893 disputou-se este campeonato sem treinadores; de 1894 a 1897, com treinadores humanos, em machinas multiplas; de 1898 a 1900 com treinadores mechanicos; em 1901 outra vez com treinadores hu-

lain quem mais uma vez venceu Kramer que chegou em segundo logar e Mayer em terceiro.

O «Grand prix» do A. C. F.

Nos dias 26 e 27 de junho realisou-se em França, no «Circuito de Sarthe», a mais tremenda prova automobilista que até hoje se tem organizado, destinada a disputar o *Grand Prix* do Automovel Club de França que representava, monetariamente, para o vencedor cem mil francos, ou sejam vinte contos em moeda portugueza.

metros em 12 horas, 14 minutos e 7 segundos, batendo assim os *records* do mundo estabelecidos sobre as distancias em todos os meios de locomoção.

A Szisz seguiu-se Nazzaro, que gastou na viagem 12 horas, 46 minutos e 26 segundos, e a este Clément, tendo gasto 12 horas, 49 minutos e 46 segundos.

Com a victoria de Szisz, a França que viu a sua hegemonia na industria automobilista seriamente abalada, conseguiu assignal-a de novo e brilhantemente, n'esta famosa corrida.

# Segundo Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

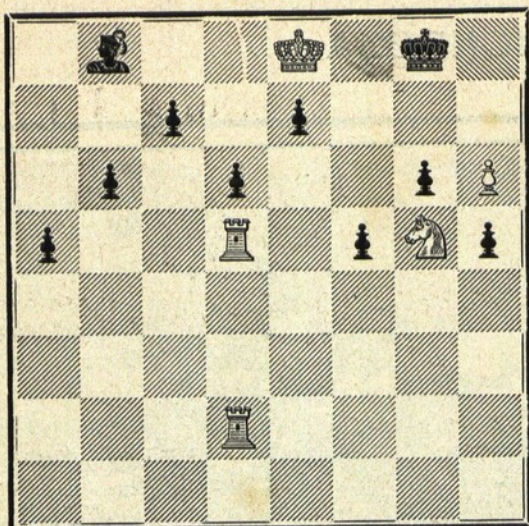


ARRUFOS

*Cliché do sr. Victorino Cardoso, Porto*

# SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

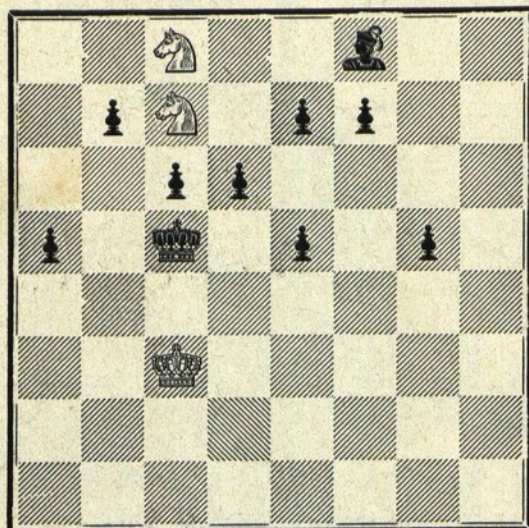
N.º 13. Problema directo  
Pretas 10



Branças 5

As brancas dão mate em 4 lances.

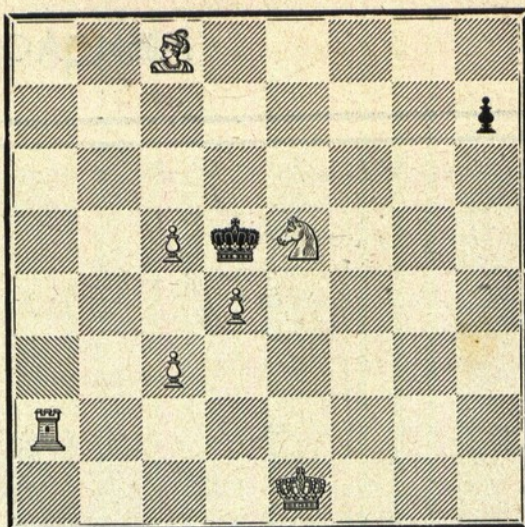
N.º 15. Problema retrogrado  
Pretas 10



Branças 3

- 1.º — Colocar um pião branco n'uma casa possível.
- 2.º — As brancas jogam e dão mate em 2 lances.

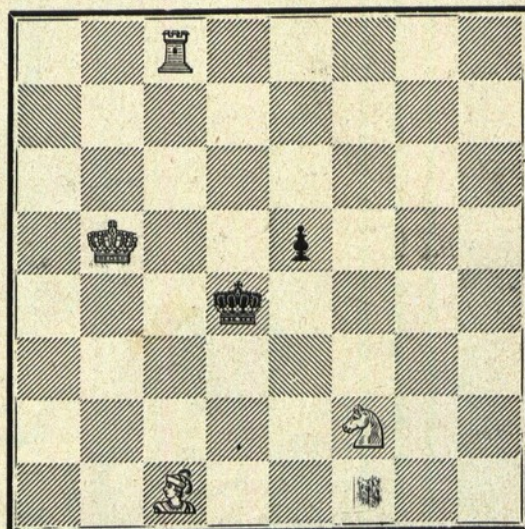
N.º 14. Problema symbolico — Orion  
Pretas 2



Branças 7

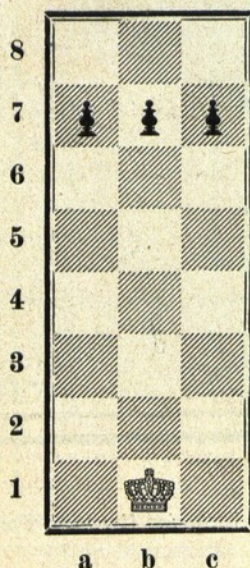
As brancas dão mate em 3 lances

N.º 16. Problema symbolico — Cassiopeia  
Pretas 2



Branças 4

As brancas dão mate em 3 lances.



Soluções:—Prob. n.º 5 = P f 3. N.º 6 — C e 2.  
N.º 7 = D b 4. N.º 8 = P g 5 — f 5.

Resolutores:—Os Srs. Pereira Machado e Nunes Cardoso.

Final de partida.—Rei branco contra tres Piões pretos unidos, jogando mesmo estes primeiro, não podem chegar á Dama. A regra manda jogar o rei para a frente do pião mais avançado. Suppõe-se que o rei preto está de guarda a piões brancos que podem avançar a Dama, e que portanto não pôde vir em auxilio dos seus piões.